

# TAPIRIBI

margens penadas

Rodrigo  
de Jesus

**Carlos Massa Ratinho Junior**  
Governador do Estado do Paraná

**João Evaristo Debiasi**  
Secretário da Comunicação Social e da Cultura

**Ilana Lerner**  
Diretora da Biblioteca Pública do Paraná

Coordenador do Prêmio Biblioteca Digital  
**Omar Godoy**

Jurados | Romance  
**Deonísio da Silva**  
**Luiz Rebinski**

Preparação editorial  
**João Lucas Dusi**

Revisão  
**Entrelinhas Editorial**

Projeto gráfico e diagramação  
**Thapcom.com**

Ilustrações e capas  
**Cantalupo**

Dados internacionais de catalogação na publicação  
Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB/9 - 1617

Quintiliano, Rodrigo de Jesus  
Tapiribi, margens penadas [livro eletrônico]/ Rodrigo de Jesus  
Quintiliano. - Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2020.  
192 p. - (Biblioteca Paraná)

“Vencedor do Prêmio Biblioteca Digital – Categoria romance”  
ISBN 978-65-89223-11-5 (e-book)  
PDF

1. Ficção brasileira. I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Título.

CDD ( 22ª ed.)  
869.3

# **TAPIRIBI**

## **Margens Penadas**

Rodrigo de Jesus



# PRIMEIRA PARTE

## 1.

João Bracatinga veio com a enxada nas costas pra cavoucar a terra no momento em que os dedos de Maria dos Ipês iniciavam cavoucada na alma. A manhã se cobria de névoa, o sol do inverno bebendo as águas do Rio Paraná. O ar frio dava calafrios que podiam ser também obra de fantasmas, que nessas terras são comuns. João Bracatinga tinha saltado da cama onde firmara o amor com Maria dos Ipês alegre por semear os campos da esposa. Talvez saltasse dela o piá, tão sonhado. Pôs a água pra esquentar, cevou a cuia com erva e bebeu o chimarrão olhando a névoa ainda escura, os grilos se calando, os sapos também. Maria dos Ipês ficou na cama. Deitada, bem quieta, o corpo lembrando o preenchimento gostoso do homem. Ouvia atenta ele lá na cozinha, sugando o mate. Foi só quando os roncões da bomba calaram e os passos se afastaram que Maria dos Ipês buscou com os dedos o entremata das pernas. O prazer do homem até podia ser assunto dos dois, mas o gozo dela se tratava com os dedos. Lá fora, sondado por árvores desfolhadas surgindo entre a neblina, João Bracatinga surrou a terra vermelha. Não era muita terra a que eles tinham ali, mais um quintal grande que fazenda. Fazenda por ali só a do coronel Mancoso Machado, dono de horizontes. Naquele quintal, com pedaços já férteis de hortas, João Bracatinga ia plantar batatas. Não tinha contado pra esposa, queria fazer surpresa. Ia usar a parte mais afastada da casa, ainda virgem de plantas que não fossem capins amarelos.

Era homem do campo, o João Bracatinga. Nasceu em alguma região da campanha gaúcha, perdido nos

pampas tão retos, tão verdes, “Que se no mar velejam os barcos, aqui montamos cavalos”, dizia sempre o pai, homem rude de jeitos e amoroso de alma. O irmão do pai, amoroso de jeitos e rude de alma, partiu muito cedo dos pampas no rumo de Porto Alegre e do oceano, “Queria ser marujo, domar os sete mares. Deve ter se afogado”, dizia, não sem rancor, o seu Maneco Bracatinga, e costumava acrescentar: “Teu avô lutou na guerra contra os paraguaios pra gente ter essa terra, filho, cuidar dela, criar nossos cavalos. Teu tio fugiu por diabo que era, foi atrás de aventuras no estrangeiro sem fronteira que é o mar. Coisa dessas não se faz”. João Bracatinga às vezes agradecia que o pai já tinha morrido tinha tempos. Se visse ele plantando batatas ali no noroeste do Paraná ia morrer era de desgosto.

Além de campeiro, herdara do pai a rudeza de jeitos e alma amorosa. A cara era de retalhos casmurros, morena, marcada pelo minuano e pelo sol da lida. Os olhos brilhavam uns verdes em baixo da monocelha grossa e negra. A barba dura cobria o rosto todo, espetando os carinhos. Os cabelos encaracolados e bem pretos ele cobria com o chapéu de aba larga, tipo prato enfiado na cabeça. Era feito de durezas, o corpo de João Bracatinga, o tamanhão do homem coberto de boas carnes. Não se encarava homem desses por tempo demais. A alma amorosa ele guardava a poucos. Antes à mãe, dona Mantinha Bracatinga, nascida já com o diminutivo. Agora à Maria dos Ipês. Era a alma amorosa que investia na coleta de passarinhos. João Bracatinga, sem dote algum pra poesia ou música, metera na cabeça que a esposa merecia composição tão bonita quanto às do Almir Sater que ele ouvia no rádio. “Você tá mais pro Sérgio Reis em tamanho, homem”, tinha dito a dona Ana Laura depois de ouvir o de-

sejo de João Bracatinga, ela que era dona do Tombozoio, o bar do lugar, “E fazer música bonita que nem eles não é pra nós não. Aqueles lá têm alma de passarinho”. Dona Ana Laura não tava errada não, pensou. Passarinho é que canta bonito. Já saiu do bar e meteu pardal, que passou despreocupado pelo nariz dele, no bolso fundo da calça. Teve início a coleção de aves. Metia todas que achava nos bolsos da calça. Se não podia ter alma de passarinho ia ter os próprios num corral pra Maria dos Ipês. Mantinha o aviário nos bolsos em segredo.

Já temos dois segredos na história, ambos por parte de João Bracatinga: a plantação de batatas e o aviário nos bolsos. Eram segredos pequenos, frutos de desejos de surpresas agradáveis, sorrisos ternos e beijos que levavam à cama. Não eram capazes de ocasionar nenhuma tragédia. Maria dos Ipês tava acostumada com esses segredos. João Bracatinga nunca tinha mentido pra ela, “Você fala muito pouco, não ia saber mentir”, dizia aos risos. Era verdade, João Bracatinga falava pouco, era mais de escutar e montar julgamentos mudos. Gente como João Bracatinga é muito boa pra guardar segredos. Confidenciar o que for aos tagarelas é ter certeza de que a história vai se espalhar depressa, não raro com agravos postos aos gostos dos tagarelas, eles que aumentam tudo pra poder continuar falando. Maria dos Ipês tava acostumada com os segredos de João Bracatinga e as surpresas que vinham deles. Não que gostasse de todas, que isso não existe. Mas a maioria ela gostava sim. Dos dois segredos em preparação pra se fazerem surpresas e a reação de Maria dos Ipês posso dizer o seguinte: da plantação de batatas ela não vai gostar, afinal não vai

nascer batata nenhuma dali, que se nascesse ela ia gostar sim, adorava sopa de batatas. daquelas terras ia brotar outra coisa. Do coral de passarinhos ela não vai ficar sabendo por causa das não nascidas batatas, mas posso te adiantar que ela gostava muito das modas de viola.

Maria dos Ipês não gostou da plantação de batatas que nunca aconteceu pois João Bracatinga cavoucou a terra vermelha fundo demais. E revelou um terceiro segredo, bem mais profundo que os outros. E era incomum. Um segredo de Maria dos Ipês, que não era de ter mistérios. A enxada de João Bracatinga bateu em alguma coisa. Os olhos fundos e negros da caveira sorriram pra ele.

## 2.

Cavoucou fundo demais até se achar e, de tanta alegria por encontrar o que só ela sabia procurar, gargalhou baixinho. Maria dos Ipês amava João Bracatinga e amava muito ser amada por ele. Os braços fortes agarravam ela com força, mas ele entrava e saía e entrava nela com carinho. João Bracatinga era homem carinhoso. Nada disso adiantava. O gozo de Maria dos Ipês tava enterrado fundo demais dentro dela e só ela sabia tirar de lá de dentro.

Era nascida ali mesmo naquele ermo às margens do grande Paraná, rio de tamanhos infinitos. Tanto pai como mãe eram pretos, filhos de pretos roubados da África pra servir a impérios europeus naquele sul de mundo. Pouco se sabe dos avós. Pouco se sabe dos pretos escravizados. O brasileiro de agora prefere sorrir amarelo, olhar pro lado e mudar de assunto, “Somos povo misturado, filhos do

mundo”. Maria dos Ipês achava que alguns filhos apanhavam mais que os outros. Sua mãe, Sara, era mulher formidável. O nome herdara da santa dos ciganos, a escrava que lavou os pés do Jesus. Brigava com todo mundo, sempre com a faca que tirava de locais ocultos nas saias pronta pra furar inimigos. O pai, Oriço, era homem brabo também. Carregava sempre enfiado na calça revólver com mira pronta. Vivía pra guerra. O casal chegou, no tempo sem o sobrenome que ia achar na terra nova, àquela beira do Paraná de canoa, vindo do norte, quem sabe de São Paulo ou de Minas, fugidos de assuntos nunca explicados. Tem coisas que ficam no passado e é melhor assim, mesmo que uns insistam em desenterrar. Na canoa, traziam a filha nascida no remanso do rio e saco de dinheiros não declarados. Naquele tempo tudo era mato. Não tinha cidade e nem campos. Era tudo selva no noroeste do Paraná, os coloridos ipês brotando da floresta. Construíram, mais adentro na mata, a chacinha herdada por Maria dos Ipês quando morreram. Ali foram felizes até a chegada do progresso com nome de Mancoso Machado.

Maria dos Ipês tinha a pele de carvão dos pais, des- ses que se soprar pega fogo. Olhos negros, numas brasas adormecidas, brilhavam pro mundo. Ameaçavam o mundo, sem fazer alarde, que é o jeito mais perigoso. Maria dos Ipês tinha crescido num meio de gente que a fez dizer sim sinhô não sinhô, e dizia que era pra seguir em frente, mas o sangue era o guerreiro dos pais e com certeza também dos avós. Os cabelos se espalhavam pro alto, como se buscassem o sol. Lembravam as árvores da região, altas, troncos retorcidos no rumo do céu. As seis décadas de Maria dos Ipês, beirando as sete, não tiraram nada da

beleza. Temperaram foi mais com a serenidade da velhice.

O mesmo valia pro marido, João Bracatinga. Maria dos Ipês admirava o homem que, com as mesmas seis décadas beirando sete, seguia sem um fio branco na barba ou nos cachos. Ela também não tinha nada de branco, mas o caso dele era outro. Só cito João Bracatinga agora porque Maria dos Ipês, recolhendo a gargalhada dos dedos pra dentro outra vez, tava pensando nele. Gostava dele. Amava ele. Amava de um jeito que achou nunca poder amar um homem que não fosse o pai, não depois de ser encontrada órfã pelo primeiro marido e adotada por ele, “Vou terminar de criar”. As terras herdadas pelos pais passaram pro marido também, determinação do coronel Mancoso Machado, autoridade local com mais reconhecimento que ordem governamental e patrão do marido: “Fica de dote pro moço, nada mais justo”. O coronel Maria dos Ipês odiara de cara. O primeiro marido ela aprendeu a odiar devagarinho.

Maria dos Ipês sentiu um pouco do frio do nevoeiro. Pensou em puxar o pala velho do João Bracatinga, trazido lá do Rio Grande. Queria se envolver toda no pala com cheiro do homem que ensinou ela a amar depois de quarenta anos sem experimentar isso de amor. Até sabia dele dos livros que lia. Maria dos Ipês aprendeu a ler bem nova, antes da morte dos pais, a mãe que ensinou. Lia tudo. E nos livros tinha amor. Só que nunca o sentiu até ver o João Bracatinga chegar, o pala cobrindo o corpo, um saco nas costas e a carona de brabo, “A senhora me desculpe, mas acho que me perdi”. Foram se achar, ela o amor e ele o lar, evidente que também o amor, mas esse João Bracatinga já tinha experimentado antes. Foram se

achar só um no outro. Maria dos Ipês mordeu o lábio de vontade que tava daquele pala. Tratou foi de levantar. Se pegasse o pala dormia até o almoço.

O quarto, que fora dos pais e depois dela e do primeiro marido e agora era dela e do João Bracatinga, era cômodo pequeno. As paredes de madeira pintadas de branco umas sete vezes, sempre cinzas do tempo. Cupins faziam trilhas e não tinha veneno que desse conta dos bichos. As aranhas pernudas nos quatro cantos teciam teias e mais teias na guerra fria própria delas. Além da cama de ferro e molas rangedeiras, que cantavam quase toda noite, tinha no quarto dois baús aos pés da cama, pras roupas dos dois: pouca coisa, panos velhos e confortáveis. Menos os trajes de missa e quermesse, que eram bonitos. A cadeira ficava num canto, posta ali pro João Bracatinga colocar as botinas. O pala ficava nessa cadeira. A imagem de Nossa Senhora Aparecida tinha seu altar na cômoda. Protegendo a mãe do menino deus tinha o São Jorge matando seu dragão e o próprio Cristo, de braços abertos. As velas cheirosas queimavam dia e noite. Tapetes cobriam o chão, apesar do João Bracatinga não gostar de tapetes, “Escorreguei num tapete uma vez”, “E eu peguei friagem por acordar e pôr o pé no chão uma vez”. A friagem antiga da mulher fazia João Bracatinga tolerar os tapetes. Era quarto pequeno, já falei, mas acolhedor pro casal.

Maria dos Ipês levantou, entrou no vestido leve pro calor da tarde, colocou xale nos ombros pro frio da manhã, calçou os chinelos e foi tomar o chimarrão. João Bracatinga deixava sempre a cuia pronta pra ela e uma água em fogo baixo. Isso de chimarrão ela aprendeu a gostar com o marido. Por ali onde viviam o povo preferia o mate

frio, o tererê. O Mato Grosso do Sul ficava na outra margem do Paraná e o Paraguai não tava longe. Os bebedores do mate quente eram os vindos mais do sul. Maria dos Ipês gostava do hábito. Do mesmo jeito que João Bracatinga gostava dos dela. Como ficar cavoucando sozinha na cama antes de levantar.

A sala, que era também cozinha, era como o quarto, mas mais comprida. Tinha ali as cadeiras dos dois, a dele banqueta feita com tronco de cedro, a dela poltrona de leitura. Entre as cadeiras, o rádio velho, pras estações AM do futebol, dos modões e das notícias. Na parede oposta, estante completa de livros. Leituras de todos os tipos que Maria dos Ipês foi acumulando e às quais voltava sempre. Uma fotografia do casal preenchia uma das paredes — nenhuma das paredes da sala era pintada. Um tapete forrava o chão até os domínios da cozinha, onde ficava o armário das comidas, a geladeira baixa, a pia, a mesa pros dois e o fogareiro à lenha, que não apagava nunca. Nesse fogareiro tava a chaleira de água e, ao lado, na mesa, a cuia preparada. Maria dos Ipês sorriu como sempre fazia, serviu a água, e foi tomar o amargo na varanda.

O amargo se provou mais que o do mate quando ela parou ali e enxergou João Bracatinga. Toda manhã fazia o mesmo: tomava o mate olhando o homem trabalhar. Depois ia ela própria cuidar da terra. A neblina ainda cobria o mundo deles, até agora só um terreno de hortas, a casinha e as árvores isoladas e pontiagudas aqui e ali acenando do meio da névoa que logo baixava. No meio daquilo, Maria dos Ipês viu onde João Bracatinga cavoucava, o trecho virgem na terra. Sabia o que ele ia encontrar lá e teve medo. Teve muito medo de toda a

alegria deles ruir feito a terra pelo peso duma enxada. Sorveu mais aquele amargo e ficou calma. Pelo menos tentou ficar calma. A terra ruir pro peso da enxada quer dizer plantação, e quem é que sabe o que pode nascer? Depende do semeador. Maria dos Ipês achou que podiam semear coisa boa ali. Ela e João Bracatinga. De qualquer jeito, não ia poder escapar. Viu o susto nevoento de João Bracatinga quando ele achou. E vinha apressado contar pra ela. Maria dos Ipês ia ter que contar pra ele.

### 3.

A caveira risonha com o cocuruto rachado olhava pros dois do chão da sala. Maria dos Ipês e João Bracatinga estavam em suas cadeiras, ele de pernas abertas no toco, ela na beiradilha da poltrona de leitura. João Bracatinga punha com pressa o fumo na palha pro cigarro. Maria dos Ipês ainda bebia o mate, dali a pouco ia passar a cuia pro marido. Evitava olhar pra caveira risonha. A caveira risonha fazia questão de olhar, como que dizendo “Enfim o mundo vai clarear” e esperando isso cheia de expectativa.

“Tava lá no quintal, na terra sem horta”, disse João Bracatinga, não pela primeira vez, apontando o cigarro aceso pra caveira risonha, “A ossada inteira, não só a cabeça”.

“O que é que você queria lá?”, perguntou Maria dos Ipês, ainda evitando a caveira risonha.

“Tu me mandou plantar batatas esses dias. Eu fui. Tu gosta de sopa de batatas.”

Maria dos Ipês sorriu sem querer. João Bracatinga fazia ela sorrir sem querer bastante. Debaixo da carranca

amedorentadora pra tantos, como se nunca tirasse um pala grosso, não de lã como era o posto na cadeira do quarto, mas de barba, por debaixo dessa carranca se aninhava a alma amorosa. Maria dos Ipês tinha mesmo mandado o marido ir plantar batatas tinha umas semanas. Ele arranjava o costume, sabe-se lá de onde, de rondar as panelas dela. Toda vez que Maria dos Ipês tava preparando almoço ou janta, João Bracatinga vinha farejando. Calado, primeiro. O narigão cheio de pelos que às vezes escapavam se misturando ao bigode fungando fundo, recolhendo pra dentro dos pulmões todos os aromas. Maria dos Ipês não dizia nada. Acrescentava mais temperos, mexia melhor os caldos, ela própria sentia os cheiros e provava da colher de pau os sabores. João Bracatinga farejando. Depois de um tempo começava a comentar: “Pimenta” ou “Salsinha” ou “Cravo” ou “Canela” ou “Sal” ou “Mel” e por aí ia. Maria dos Ipês não dizia nada, só mastigava o beijo de raiva. Não raiva dessas ruins, de meter o machado na cabeça de alguém. Raiva de tocar o outro pra longe com a colher de pau erguida em meio a risadas. Não entendia o jogo do marido e não queria perguntar, achando que era outro dos seus segredos que acabavam em surpresas. Não sabia como ditar aromas por ela já conhecidos, afinal ela que os punha nas panelas, ia virar surpresa, mas João Bracatinga era dessas coisas. Mesmo com a promessa dela própria de surpresa dele, uma hora Maria dos Ipês expulsava o marido da cozinha com a colher de pau erguida em meio a risadas, “Vá plantar batatas, velho chato!”.

“Gosto mesmo de sopa de batatas.”

“Pois então. Mas agora temos é que resolver isso do esqueleto. Avisar na delegacia, ou o coronel, decerto.

Acho que vou hoje mesmo pra resolver isso, às vezes é gente sumida, crime não resolvido, estavam procurando o corpo, tem que ver.”

O peito se encheu de frio. Maria dos Ipês odiava o coronel Mancoso Machado, e o povo da delegacia era tudo mandado dele. O ódio mudo das gentes pelos tiranos mais fortes que elas. O coronel Mancoso Machado não gostava dela também, afinal os pais da Maria dos Ipês, Sara dos Ipês e Oriço dos Ipês, não eram de ódios mudos. Maria dos Ipês disse ao João Bracatinga: “Escute, marido. Não conte pro coronel nem pra polícia do esqueleto. Pegue essa caveira e enterre de novo com os restos dela. Cave buraco mais fundo até. Cate os ossos e a caveira e jogue lá dentro, encha de terra e pedras em cima. Tem que ser bem fundo, pra que nunca mais se ache. Faz isso, João”.

“Que história é essa, mulher?”

A cuia passava de mão em mão junto com o tempo e o tempo ia engolindo a neblina, o sol brilhando mais e mais forte, tudo ali clareando.

“Essa caveira e todos esses ossos eu conheço, João. Não é coisa misteriosa pra mim, assassinato sem explicação que temos que contar pra polícia. Esse que você achou é o esqueleto do meu primeiro marido e fui eu que escondi ele lá no pedaço de terra sem horta”, tanto João Bracatinga como a caveira risonha olhavam pra ela, o marido assustado por baixo da cara de brabo e o primeiro marido dando risada, “Você vai me entender quando eu te contar o que aconteceu, o que acontecia, vai entender que não tinha outro jeito e que qualquer outro feito ia acabar pior pra mim, como foi por todos os anos do casamento. Eu tive que matar ele, João. Tive que matar o homem que por

tantos anos foi me matando de pouquinho em pouquinho.

“Você vai me escutar, João?”

“Tu disse que ele tinha ido embora.”

“Sei o que disse. Sei por que disse. Você vai me escutar, João? Me passe a cuia, por favor, que você já terminou.”

“Tu disse que teu primeiro marido sumiu no mundo, Maria.”

“Eu disse. Disse que ele foi embora numa noite e que nunca mais vi, daí. E é verdade que ele foi embora e que foi numa noite. Mas fui eu que toquei ele daqui, eu que escolhi, era o meu direito escolher depois de tudo o que me fez. E nunca mais vi ele, daí, também é verdade, João. Pois enterrei os pedaços dele no quintal pra ninguém nunca achar. Não sabia que eu ia achar você um dia. Me passa a cuia, por favor, João.”

“Tu matou teu primeiro marido.”

“Me escuta, João, deixa eu te contar direito.”

“Tu enterrou ele no quintal.”

“Sim, é tudo verdade. Matei e enterrei. Mas ele foi me matando e enterrando de pouquinho, e até hoje não consegui me achar inteira.”

A caveira risonha olhava pros dois, louca pra saber o que ia acontecer. Maria dos Ipês olhava pro João Bracatinga com os olhos pedindo pra que ele se aclamasse e deixasse ela contar a história. Se ele soubesse a história ia pegar a caveira risonha, o resto do esqueleto e ia abrir a cova mais funda de todas e jogar tudo lá no fundo, Maria dos Ipês sabia que sim. João Bracatinga olhava a caveira risonha e Maria dos Ipês todo confuso. Não sabia o que dizer mais. O terceiro segredo de até agora tinha se reve-

lado e ele era uma caveira risonha desenterrada do quintal e tinha sido Maria dos Ipês a carrasca e coveira. Daqui pra frente a questão dos segredos desanda. João Bracatinga largou a cuia em cima do rádio, pegou a carteira e as chaves e saiu da casa sem dizer coisa nenhuma. Maria dos Ipês ouviu o fusca roncando lá fora e indo pra longe enquanto a caveira risonha ria e ela chorava.

#### 4.

Agora que a neblina baixou, o mundo para além da chacinha da Maria dos Ipês e do João Bracatinga tende a se mostrar. Tapiribi, às margens do Rio Paraná, mostra a cara pro sol quente, que apesar do inverno, a cidade flerta demais com o trópico. Uso cidade pois assim ela é conhecida nos registros oficiais do governo, Município de Tapiribi, alçada ao posto após desmembramento de Umuarama nos anos sessenta. O acanhado registro de pouco mais de duas mil almas indica mais para vila, embora isso também dependa da escala que usamos. A cidade parece ainda menor quando se considera que os habitantes pouco residem no aglomerado central das construções. Frequentam o centro pros deveres e festejos, preferindo orbitar o núcleo ao escolher morada. Mas já tratamos com mais calma do tal centro, quando nele chegar o fusca do João Bracatinga.

Deixa poeira vermelha pra trás enquanto avança. A estrada de terra, só poeira nas secas e lama nas chuvas, se confunde com a plantação colhida tem poucos dias. Horizontes infinitos de caules cortados e secos brotando da terra vermelha. Ali se planta a soja, o café, o milho e

outros desses grãos. Nenhuma cultura é de João Bracatinga e Maria dos Ipês, eles limitados à horta do quintal. Os horizontes tapiribenses pertencem ao coronel Manco Machado. Nos longes que o olho deixa ver, levantam-se árvores sozinhas. Nunca se juntam em bosques, são sempre monumentos à solidão. Ali um ipê, frondoso, perdendo folhas pra dar lugar pras flores ao fim do inverno, galhos pontudos apontados pro alto. Mais pra frente outro, parece morto de tão longe. Talvez esteja, só esperando cair. Nuns pontos os buritis, troncos eretos, cabeleiras verdes prontas pro vento. Palmeiras magricelas invejam os buritis, almejando glória semelhante, mas nenhum ali é imperial, só uns palmitos juçara. Quando venta em Tapiribi dá pra ouvir as árvores lamentando a época em que os galhos se confundiam numas das outras e toda a plantação de soja era selva.

Não é selva mais por culpa da marcha do progresso, ela devoradora de matos. Não é agora que conto a história de Tapiribi, mas já te adianto a culpa do progresso.

A cidade era conjunto miúdo de casinhas baixas, umas de madeira dos fugidos de mais ao sul, outras de tijolos, dos mais ao norte. As de madeira eram as mais antigas. Olhavam praquele rincão desde os sessenta. Tinta nenhuma cobria as marcas pretas de fungos e cupins. Os telhados pontudos tinham chaminés de lata pros fogões à lenha. Tapiribi é mais quente que fria, mas o fogo vivia aceso nas casas, como é costume. As janelas são olhos tristes, manchadas pela catarata do tempo, vendo sem ver. Às portas, toda manhã e fim de tarde, tinha uns velhos mateando, solitos ou em rodas, fosse chimarrão ou tererê, dependia da origem. Não pense que

as casas de tijolos eram mais conservadas. Não eram. O reboco de todas já tinha descascado. A tinta de um dia era cor encardida. Apesar de mais recentes, eram velhas. Tudo em Tapiribi era velho. Não antigo, que de antigo tinha a floresta morta. Era velho.

O fusca de João Bracatinga era velho. Um dia tinha sido branco. A terra vermelha da região tinha mudado a coloração. Agora que o fusca vai entrando em Tapiribi descobrimos as ruas mal asfaltadas, e sempre vermelhas da terra das estradas. Árvore se vê nas calçadas pras sombras ou frutos, tem ali goiabeiras, mangueiras, jabuticabeiras, além de palmeiras plantadas pela prefeitura em alguma ação arborizadora já esquecida. Nos quintais vemos mamoeiros e abacateiros. Além das casas, é na cidade que está o único mercado, a farmácia, prédios públicos, a escola, o posto de saúde, a pecuária, essas construções todas, além da igreja na praça central, embora ali não haja construção nenhuma. É igreja invisível. A Igreja de São Tomé e a praça ficam às margens do Rio das Antas, afluente do Paraná. Quase toda a cidade fica do lado de cá do rio, o lado sul. Do lado de lá, acessado por duas pontes, uma de madeira gasta e outra nova, inacabada mas em uso, fica o bairro mais novo, de casinhas do governo, onde antes tinha sido fazenda dum opositor dos Machado. Do lado de lá do rio ficava também o sítio da Maria dos Ipês e João Bracatinga, mais pro oeste, pros lados do Rio Paraná, e a Serra do Anhangá a leste, onde nascia o Rio das Antas. O lado de cá era cortado também, mas por uma rodovia que ainda separava o centro de outro bairro mais popular, de gente que não conseguiu as casinhas do governo.

Às margens do Rio da Antas, só um pouco afastado da igreja, ficava o bar Tombozoio. É pra lá que o fusca de João Bracatinga vai nos levando prum mergulho nas cachaças do retorno à neblina que ele queria, mas que já era impossível. Agora mais e mais da história se revela.

## 5.

Parou o fusca embaixo da figueira que crescia em frente ao bar. Bando de curiacas comia as frutas ali do pé. São bichos barulhentos, tagarelam enquanto voam, comem e até dormindo. João Bracatinga estendeu o braço e agarrou uma das aves pra guardar no bolso. Bateu logo uma tristeza maior. Adiantava seguir colecionando os passarinhos? Mas tinha virado hábito, não dava pra escapar. Pensou em soltar a curiaca, que voasse a berrar com as outras. Se soltasse ela soltava todo o resto da passarada. Isso decerto punha fim ao hábito, evitava planos sem futuro. João Bracatinga desceu a mão pro bolso. Ia abrir a gaiola pras aves voarem soltas, esquecer da cantoria pra Maria dos Ipês. A mão ia descendo e o coração ia apertando, até por isso descia devagar, sem todo o sangue necessário sendo bombeado. João Bracatinga sabia que abrir o bolso era definitivo. Não só se acabava a melodia pra Maria como a vida com ela. Se soltasse o segredo de penas e cantos pra longe, não pra ela, tava tudo acabado. Pousou a mão. Ainda não era tempo pra tomar decisão nenhuma. Precisava das cachaças. Elas iam banhar a dor pelo menos um pouco e ele ia poder pensar melhor, daí.

“Dia, seu João”, disse dona Ana Laura, dona do bar, “Nunca vi o senhor aqui tão cedo.”

João Bracatinga grunhiu, era a resposta pronta pra quando não tinha o que dizer. Frequentava o Tombozoio como tudo quanto era gente da região, reunidos pro futebol, pra sinuca, pro truco, pras risadas das piadas e causos, pras histórias de morenas domadas ou morenos encilhados em cidades ou tempos vizinhos, pra se reunirem ou pra juntos ficarem sozinhos. João Bracatinga vinha ao bar desde a chegada em Tapiribi, conhecia e era conhecido por todos. Mas isso é regra em cidade tão pequena. O bar era quadrado verde isolado numa esquina, sem construção outra no entorno, o que dava ar de ilha. Nos terrenos baldios que cercavam o bar cresciam arbustos baixos, de galhos pontiagudos e folhas secas o ano todo, isso quando tinham folhas. Já no que seria o jardim do bar, exibia-se a coleção de matos da Ana Laura, com destaque para os cactos, uns baixos com milhares de espinhos tão afiados que bastava um toque pra furar, outros altos, enormes, os braços verdes se espalhando pro céu, com espinhos negros, grossos, de dar medo. Havia janelas grandes ao redor do bar, mas todas pintadas de preto, “Vidro preto não deixa a luz entrar nem sair, e é isso que o povo vem procurar: escuro”, justificava a Ana Laura. Lá dentro, alumiava-se o escuro com lâmpadas pendendo dos tetos por fios cheios de teias de aranha. As luzes eram fracas, formando ilhas iluminadas dentro da ilha que era o bar: uma sobre a mesa de sinuca, umas sobre as mesas, uma em cima do balcão. Num canto ficava TV velha, com antenas pontudas saltando de trás dela. Além dos sinais pra globo do futebol e jornal, era alimentada por um VHS, onde Ana Laura costumava por pra passar uns filmes antigos, a maior parte faroeste,

“Que por aqui no noroeste tem muito bom, mau e feio, mesmo que rareiem os bons cada vez mais”, discursava sempre a dona Ana Laura enquanto se batia pra por as fitas. Ela que saía pouco de trás do balcão. Mulher velha, como é tudo em Tapiribi, era como os cactos dela lá fora, enraizada num lugar só. Magra, de cabelos compridos e brancos, trajava roupas simples e nunca foi vista com outra: saia comprida marrom, camisa estampada abotoada pela metade e botinas — mas estas são comuns aos homens e mulheres da cidade, variando com os mais endinheirados, que usavam botas. Os olhos azuis de Ana Laura viviam esfumaçados dos charutos que ela nunca tirava da boca. Conhecia todos pelo nome e pelos hábitos. E João Bracatinga não era dos que vinham pela manhã.

“Cachaça?”, perguntou.

João Bracatinga acenou que sim. Atrás da Ana Laura ficava estante fabulosa de bebidas, a parede tomada por prateleiras cheias delas. Tinha um pouco de tudo: uísque trazido por cowboys perdidos, rum de piratas que por um tempo saquearam no Rio Paraná, vinho comercializado pelo Baco em pessoa, cataia duns caiçaras longe do mar, tequila duns bandoleiros mexicanos fugidos pros Estados Unidos que por engano rumaram pro sul ao invés do norte, pisco duns chilenos que escaparam do Pinochet, beberragens de raízes duns índios amazônicos, vodka do tempo que por ali passaram uns russos fajutos, bancados pelos americanos, buscando instaurar revolução comunista na América do Sul que justificaria atrocidades e mais um tanto de outras. Mas a preferida por todos era mesmo a pinga, fosse mineira, goiana, de Morretes ou do Rio Grande ou Pernambuco, as gentes

queriam cachaça. Ana Laura desenvolveu qualquer das garrafas e serviu dose farta ao João Bracatinga. Ele virou num gole e pediu outra.

“Cerveja pra hidratar?”, as cervejas dona Ana Laura guardava na geladeira lá nos fundos. João Bracatinga fez que não pra aprovação da dona Ana Laura: “Não presta beber cerveja de manhã mesmo”.

João Bracatinga virou copo atrás de copo. Nesses termos, o leitor deve saber, perde-se a conta. Não sei dizer quantos. Sei que a fisionomia de João Bracatinga não mudava por mais copos de pinga que tomasse. A carona de brabo não largava o rosto velho. Também não parecia ficar mais bobo, costume dos que bebem. Ali no bar tinha um desses, mesmo àquela hora da manhã, como havia uns de outros tipos. Eram os bêbados matinais. Numa mesa, tava o Zé Romeiro. Tinha chegado fazia uma hora e já dormia sobre os braços, embora a cachaça que ele tomava num copo ao seu lado sempre esvaziasse e fosse repostada por dona Ana Laura. Zé Romeiro vinha dormir toda manhã no bar pois a esposa não deixava que bebesse à noite. Jogando sinuca, Capau Loreto e Zé Giranha. Eram os únicos jogadores de sinuca matutinos de Tapiribi, vinham sempre. Em frente à TV, ela no mudo pois tava ligado o rádio pro Chitãozinho e Xororó, tava dona Miratela, ela que toda manhã aparecia pra ver a Ana Maria Braga, louca pra aprender receitas que nunca ia tentar preparar. Gostava de ver as comidas enquanto bebia suas pingas. Pra terminar, no balcão ao lado de João Bracatinga, a duquesa do Ivaí. Evidente que todos os presentes eram velhos.

“Que que tu sabe do esposo antigo da Maria?”, perguntou João Bracatinga pra dona Ana Laura.

“Cateto Bento”, falou dona Ana Laura, com alguma careta, “Era homem do coronel. Dos mais dedicados ao patrão. Tudo que o coronel mandava, o Bento fazia sem cara feia. Você sabe que quem trabalha pro coronel sempre faz o que ele manda, né?, não ia ser de outro jeito, mas uns fazem cara feia pralgumas coisas. Ai deles se o coronel pega eles careteando! Mas o Bento não. Tinha até gosto. Nasceu em São Paulo, pelo que dizem. Mas isso você já não sabe? Todas essas coisas, não sabe? Tanto faz. Nasceu em São Paulo, o Cateto Bento, numa cidade sem nome, fronteira com o Mato Grosso. Parece que muito moço matou um homem lá e desceu fugido pro Paraná. Aqui no noroeste teve um tempo que tinha muitos fugidos. Não demorou e achou emprego de peão com o coronel. O velho tá sempre buscando uns homens bons que aceitem ganhar pouco pra virarem maus. E o Bento honrou cada pouquinho! Foi crescendo nas graças do coronel, tanto que herdou lá o terreno da tua mulher depois que os pais dela morreram, que Deus os tenha. Vivia por aqui no bar, como um monte feito ele, até o dia em que foi embora, sabe-se lá o motivo.”

João Bracatinga pensou. Pelo que dona Ana Laura tava contando, mais gente que ele tinha comprado a mentira da Maria.

“Foi embora de covarde”, falou a duquesa do Ivaí. Ela bebia uma taça de vinho. Era sempre vinho que tomava, pra lembrar dos parreirais da infância, “O desgraçado só tinha peito, não tinha coração”.

“Tá falando do caso do cavalo, duquesa?”

“Do caso do cavalo, de fato, dona Ana Laura. O cavalo dele era emprestado pelo coronel. Todos os cavalos

dos seus homens são dele. O coronel não confia em cavalo alheio, atitude infantil, que diferença faz? Hoje só se anda de carro. Pois em uma ocasião o senhor Bento estava cavalgando pros lados de baixo da rodovia, quem sabe o que fazia por lá?, quando se descuidou e deixou que o cavalo pisasse em um buraco e quebrasse a perna. Eu vi.”

“A senhora viu, duquesa. A senhora na parte de baixo da rodovia, na Vila Palmares? O que fazia num bairro das classes mais baixas que a tua?”, havia riso nos olhos da dona do bar.

“Tratava dos meus assuntos, dona Ana Laura. Pouco lhe interessa. Estava na região e presenciei o ocorrido. Cateto Bento caiu do cavalo. Praguejou o animal que se contorcia. Até deu alguns chutes, mandando que se calasse. Ao ver a pata irremediável, praguejou a si mesmo e o futuro. O coronel ia ficar furioso. Meteu uma bala na cabeça do cavalo e o puxou pro mato. Fiquei surpresa com a força, mas era homem grande. Fugiu pra não encarar os olhos punitivos do coronel, que ia acabar descobrindo o cavalo hora ou outra, como o fez assim que a carcaça fedeu pela cidade toda.”

“Desculpe, senhora duquesa, mas não consigo acreditar”, protestou dona Ana Laura, “Se ia fugir, por que não o fez logo em seguida? Até contou pro coronel que tinham roubado o cavalo, versão oficial até hoje, por mais que mentirosa. Pra que esperar uma semana?”

“A alma se revela em rompantes ou após envelhecer num barril. A dele levou uma semana para apodrecer e virar covardia.”

“Acho que foi outra coisa, duquesa. Fugir por causa dum cavalo, mesmo que do coronel?”

“Ache o que quiser, dona Ana Laura. Tem o direito de estar errada”, declarou a duquesa, “Cateto Bento era da pior raça dos homens: a raça dos covardes. Eles que se fazem de valentes quando estão ao mando de um vilão.”

Enquanto dona Ana Laura ria e João Bracatinga refletia as palavras, entrou no bar o chefe do falecido e covarde Cateto Bento, o coronel Mancoso Machado.

## 6.

Maria dos Ipês falava pouco do ex-marido. João Bracatinga pensava ser culpa do desgosto de ele ter ido embora. Já tinha ido embora pra longe do coração de muitas mulheres e sabia que ficavam chorosas, cheias de motivos pra ficar e abraçar elas forte pra que não chorassem mais. João Bracatinga nunca ficou até conhecer Maria dos Ipês. Homem nenhum fica pra esquentar seus próprios corações partidos, mas não resiste aos dos outros. Uma das poucas vezes que Maria dos Ipês tinha falado do Cateto Bento, ela bêbada, que era o único jeito de falar dele, contou que “ele fazia tudo que o coronel mandava. E o coronel nunca mandava fazer coisa boa. Era sempre malvadeza pro povo, e disfarçada de justiça, que é o pior tipo de malvadeza. O coronel pensa que é rei. Manda e desmanda em Tapiribi pois tem um monte de revólver garantindo a realeza. O Cateto era dono dum desses revólveres”. João Bracatinga ouvia em silêncio. Era silêncio que a Maria queria quando contava essas coisas. Só contar, sem que perguntassem ou comentassem. E João Bracatinga conhecia homens do tipo do Mancoso Machado e do Cateto Bento. O Brasil é mandado por eles, “Mas o

Cateto era covarde. Enfrentava até o Diabo se o coronel mandasse. Mas era por medo do coronel que fazia”, e a duquesa pensava o mesmo, pelo jeito.

“Cachaça pra mim e pros meus homens”, urrou o coronel Mancoso Machado. Veio mancando bar adentro ladeado por dois homens de cara feia, todos dois carregando espingardas no ombro e revólveres na cintura, e seguido por um cachorrão fila cheio de dentes e cara feia, “Ligeiro que não tenho a manhã toda!”.

Dona Ana Laura, que de boba tinha muito pouco, catou do balcão atrás dela garrafa da melhor cachaça do bar e serviu três copos grandes. O coronel e seus dois capangas sentaram em três bancos ali no balcão, entre o João Bracatinga e a duquesa do Ivaí, pra quem o coronel fingia não olhar de tempos em tempos, e se puseram a virar as cachaças goela abaixo. Era terminarem um copo pra dona Ana Laura servir outro e eles virarem. As botas dos três estavam enlameadas. Até os joelhos das calças também. O resto das roupas estavam sujas, terra e folhas enfeitando os trajes. O cachorrão, sujo que nem eles, deitara aos pés do coronel e arfava e babava. Dava pra ver que estavam enfurnados na mata antes dali. Em Tapiribi tinha mata só nuns barrancos do Rio das Antas e na Serra do Anhangá.

“Tava caçando”, disse o coronel, estendendo o copo pra mais uma dose, sabe-se lá qual, “Mas me surgiu o maldito do Anhangá.”

Dona Ana Laura não disse nada. O serviço dela não era dizer nada pro coronel Mancoso Machado. Pro João Bracatinga e até pra duquesa do Ivaí ela dizia. Discordava, criava caso, ria e chorava com eles. Com o coronel e com os homens do coronel ela servia a bebida que eles que-

riam e escutava. Todo mundo no bar, antes falador — até o silêncio de uns, como o da dona Miratela, era falador —, tava agora quieto, escutando o coronel falar: “O desgraçado não larga do meu pé. A gente seguiu cada trilha dos bichos, perseguiu tatu, perseguiu veado, perseguiu capivara e até onça, e toda vez que eu ou meus homens fazíamos mira, a arma negava fogo! Diabo velho! Era o Anhangá com as feitiçarias dele, o filho duma puta. E no fim da madrugada, que passamos a noite caçando, quase de manhã, o filho do capeta me apareceu. Um veado enorme, brilhante feito o fogo, a galhada de mil pontas mirando no meu rumo, os olhos queimando feito o inferno. Mandei que fizessem mira, e mesmo com medo meus homens fizeram. O Anhangá nem se mexeu. Ficou olhando pra mim, o bastardo. Achei que as armas iam falhar de novo e o Anhangá ia rir da nossa cara. Que nada! Quando dei ordem, as espingardas explodiram feito canhões! Despejamos bala no filho duma égua, só barulho e fumaça. Só que deu de manhã e ficamos sem bala. E o diabo tinha sumido! Não tinha mais caça, não tinha mais nada por culpa do Anhangá. Mas eu ainda pego ele! O demônio não pode se esconder pra sempre”, e o coronel tirou pra fora da camisa o crucifixo pra pontuar a história.

O Anhangá era inimigo dos Machado desde a primeira geração deles chegada no Paraná. No começo o espírito foi vencendo. Naquele tempo os meios humanos pra vencer a mata da Sudamérica eram limitados, o Anhangá dava conta. Mas os Machado eram fortes. Aprendiam com as derrotas e a fome de riquezas era muita. Foram derrubando mata e caçando onça pra fundar ali a civilização. Tanto guerrearam que Tapiribi hoje é só descampado. O Anhangá fugiu pra

serra, último trecho de selva, e fez lá sua fortaleza.

“Os bicho bom tão tudo lá na serra. Sei lá o que que deu pra fugirem lá pra cima. Muito difícil ver eles mais pra baixo no rio, os que vejo já meto bala. Churrasco com carne de veado ou de anta é o melhor que há”, continuou o coronel, despejando cachaça na goela, “pois vou recrutar a população de Tapiribi e vamos todos subir a serra e trazer o Anhangá carregado pro maior churrasco da região! Chamo o governador pro banquete e faço tapete do couro do bicho!”, e levantou o copo pra dar ar de glória. Os peões dele levantaram os deles também, urrando vivas, e olharam carrancudos em volta. Todo mundo ergueu copos na celebração da grande caça vindoura. Iam matar o Anhangá, o pai dos matos.

## 7.

Mesmo os mais maus dos seres não são filhos de chocadeira. Até os pintos nascidos pra virar frango tiveram mães, só nunca conheceram elas, pela fome dos homens. O coronel Mancoso Machado não só teve mãe e pai como muito se orgulhava da linhagem traçada até os nobres desterrados portugueses, “Que subiram nas caravelas pra desbravar o novo mundo”, dizia o pai quando vivo, o então coronel Trajano Machado.

Sabe-se pouco da linhagem dos Machado de antes das caravelas. Se conservavam espírito como os dos descendentes, foram os responsáveis pela derrubada da mata portuguesa pra construção das naus. É de imaginar que não fossem nobres de verdade. Que nobre embarcaria numa nau rumo ao outro lado do mar oceano? E uso o

plural por tolo que sou. O ancestral dos Machado era singular. Como não sei o nome, vamos chamar de Pedro Machado. Pedro é nome bem português, como seriam José, João ou Joaquim. Mas Pedro é melhor para a narrativa. Traz embarcado consigo o sentido fundador. Pois o ancestral dos Machado, o suposto Pedro Machado, era mesmo mateiro. E no tempo era só Pedro, sem eira nem beira.

“Qual vosso ofício, rapaz?”, teria dito o oficial encarregado de recrutar marujos.

“Sempre cortei árvores, como o pai.”

“Pois é um Machado!”, como tantos outros junto aos Ferreiras das forjas ou Oliveiras dos azeites, “Ponha-se a trabalhar e ficará rico!”

E assim se supõe que comece a saga da família Machado do Paraná. Pedro Machado, rapazola pobre morador dum bairro pobre de Lisboa, afinal os pais eram vindos do oriente desejosos por retomar a península ibérica em nome de Maomé, viu-se contratado pelas naus lusitanas. O primeiro serviço era a construção da frota. Colocaram-no pra derrubar um bosque em nome das tábuas. De-las se fizeram os navios com proas apontadas pro novo mundo, “E vamos em busca de novos paus, os pau-brasil, por isso tu vem conosco, já saiba teu fado”, alertara o comandante. Pedro Machado sorriu. Contavam histórias de infundáveis bosques nos trópicos. As matas do novo mundo aguardavam o beijo do machado.

A longa viagem pelo mar oceano esgotava os homens. Naquele tempo a peleja de Baco com os lusitanos já tinha sido resolvida pelo Vasco e o deus dos vinhos se fixara em terras brasileiras para inventar o lucrativo negócio das cachaças. Mas Poseidon, deus de ordem

maior, castigava todos os barcos. Não podia deixar que os homens pensassem serem senhores dos mares. Enviava borrascas, ondas, criaturas bestiais e outros inimigos dos navegantes. Batalhavam como podiam, os portugueses. Mas o que faziam mais era rezar pra Virgem enquanto açoitados pelas tempestades, pedindo proteção e porto seguro. Quando as calamidades passavam, sobrava para homens feito Pedro Machado o reparo das destruições, “Sei derrubar madeira, capitão, não trabalhá-la”, disse da primeira vez que vieram atrás dele pros serviços, e respondeu o capitão: “Pois sei capitanear e pouco entendo de reparos, por isso dou ordens e tu obedeces”. O capitão era sábio na hora de explicar hierarquias: enquanto descansava dos sustos na cabine, Pedro Machado serviu de assistente do marceneiro da embarcação. Cortava as tábuas nos tamanhos adequados segundo instruções do marceneiro, o que até era de alguma utilidade. Sempre havia o que fazer nessas naus, e pobres eram as em que não havia, essas naufragadas pela fúria do deus dos mares.

Pedro Machado desembarcou na costa brasileira muito alegre. As terras eram fartas do tal pau-brasil, “Árvore da melhor madeira que há, posso ver!”, dizia a todos. Não demorou pra capturar uma índia para si e nela iniciar o povoamento dos Machado em solo brasileiro. Os ramos da família se espalharam. Exploravam litorais, sertões, cerrados, uns sortudos hoje prosperam por toda a Amazônia a pondo abaixo. Os mais prósperos dos Machado foram os paranaenses. Ao chegarem à piñeria, teria dito o patriarca Côrto Machado: “O velho Pedro tava errado! Taí diante de nós árvore com a melhor madeira que há!”, e trabalhou firme pra pôr em terra os pinheirais.

## 8.

Depois da bebedeira e do anúncio da grande caçada em tempo breve, deviam ficar as gentes prontas pro chamado, o coronel Mancoso Machado e seus homens foram lidar com os assuntos deles. O bar Tombozoio aos poucos voltou a não poupar os ruídos habituais. João Bracatinga tornou a beber das pingas servidas por dona Ana Laura e lá na terceira dose da nova leva se viu acompanhado de fantasma.

“A vida é dura, mas a morte não vale a pena”, disse o fantasma de Cateto Bento.

“E tu é quem?”, perguntou, mesmo que soubesse quem era pelos modos apresentados. Quem mais ia ter aquele talho no topo da cabeça com sangue coagulado nos cabelos e cara? E quem ia ter a cara de um olho meio esbugalhado, meio saltado, como se o que fez o talho tivesse tentando espremer ele pra fora do crânio? E quem mais ia ter aquele riso vazio de caveira? Cateto Bento não respondeu que era ele, por isso João Bracatinga perguntou: “Os outros não te veem?”.

“Iam tomar susto se vissem.”

“E não se importam de eu falar sozinho?”

“Você tá bêbado, quem é que ia ligar?”, e riu-se o Cateto Bento, virando copo de pinga. Voltou a se encher por meios misteriosos assim que Cateto Bento bateu ele no balcão.

Tirando o que deixava clara a morte, Cateto Bento era o mesmo do tempo de vivo. Coisa que João Bracatinga não saberia dizer; nunca tinha visto foto dele. As poucas tiradas com Maria dos Ipês foram arrancadas dos álbuns

e queimadas antes dele chegar do sítio. Ela nunca tinha descrito ele também, só praguejado, mas isso dá pouca ideia de como um sujeito pode ser. Cateto Bento era figura normal. Um dos tantos caboclos pelos interiores do Brasil. A pele era dura, cascuda, curtida por sol, vento e chuva. Dava pra ver os calos nas mãos, tanto pela lida com a enxada como com revólveres e espingardas. As roupas que usava, decerto as do dia da morte, funciona assim com fantasmas, eram bem simples: calça e camisa, tudo sujo de terra vermelha. As botinas eram vermelhas também. Se olhasse bem, João Bracatinga já não sabia dizer se era vermelho da terra mesmo ou de sangue, por isso nem olhava. A cara desfeita pela morte tinha sido barbada, duma barba dura feito a do próprio João Bracatinga. Olheiras fundas e olhos secos. O cabelo preto e crespo. Nada fazia ele parecer homem ruim, feitor de maldades. Mas isso a gente sabe pelas histórias. E elas a Maria dos Ipês tinha contado de monte.

“Ela mentiu”, falou Cateto Bento, “Tua mulher. Sei o que contou de mim. Mas mentiu. Exagerou. Puxou tudo pro lado dela. Mulher gosta de fazer essas coisas. E ia fazer mesmo, né? Depois de meter o machado na minha cabeça. Ainda me lembro daquela noite, a noite em que morri. Depois de morto é a parte da vida que a gente mais lembra, que não consegue esquecer. A ocasião da morte é o que assombra os mortos, acho que por isso assombremos os vivos. Eu tava de costas pra ela, não vi ela chegando até sentir a pancada na cabeça. Não doeu. Não do jeito que a gente espera. Ia ter doído se ela tivesse acertado o ombro ou o braço. Eu ia ter berrado de dor. Uma vez levei tiro no braço num serviço mais cascudo que fiz pro coro-

nel, sorte que o desgraçado errou e me acertou o braço, mas me doeu na hora e por mais de um mês. Sempre achei que ia sentir a mesma dor na hora de morrer. Mas não. Não doeu nem um pouco. Foi só o susto, não tava esperando. Acho que ainda tentei pôr a mão pra ver o que era, achei que tinha batido a cabeça. Depois só lembro de cair e virar fantasma, amaldiçoado pelo entendimento da morte. A pior coisa que tem. Saber de verdade que a gente morre”, riu-se o fantasma e bebeu outra pinga, “Ela não te contou, né? Inventou outra história. Bem a cara dela. Era escandalosa, cheia de drama. Vivia chorando escondida pelos pais e dizia que não. Eu sabia que sim. E tinha mais coisa. Mais mentira. Umhas moedas minhas que sumiam, sempre punha umas em cima da mesa, os trocos das cachaaas e cigarros, e sumiam. Obra dela, mas dizia que não, que eu devia ter pego. Parece pouco. Lágrimas e moedas. Mas quem mente uma vez mente duas e mente três, é ou não é? Por isso fui passando a desconfiar das desculpas dela pra não embuchar. Era sempre isso ou aquilo, um monte de desculpinha. Sabe o que eu achei escondido no fundo da parte das roupas dela? Um cabide torcido. E tava todo cheio de sangue.”

João Bracatinga ouvia em silêncio. Ouviu fundo no copo o riso de outro fantasma, rindo pra subir numa árvore colher goiaba. Perto do pé de goiaba passava um córrego. João Bracatinga sabia que ele corria no rumo do Rio das Antas, que desaguava no Paraná, que ia correr pro Rio da Prata e pro mar. O piá que ria tentando trepar no pé de goiaba tava encharcado das águas do córrego. O sol quente dum verão eterno ia tratar de secar ele depressa, mas do que é que adiantava? João Bracatinga sabia que assim que

o piá alcançasse o topo da árvore e comesse umas goiabas, ia se jogar lá do alto pra mergulhar no córrego e o barulho das águas ia ser só gargalhadas, daí. João Bracatinga espiou o fundo do copo pra ver melhor. Não viu nada. O único jeito era com ele cheio.

“O senhor me tirou mesmo a manhã de folga, hein?”, comentou dona Ana Laura, abastecendo o copo.

“Deixe o homem, dona Ana Laura!”, protestou a duquesa do Ivaí, “Todos temos nossos fantasmas e só nós sabemos como exorcizá-los ou invocá-los.”

“Nunca gostei dessa duquesa de araque”, bufou o fantasma, olhando torto pra duquesa do Ivaí, “Mulher metida não presta, já me dizia o coronel. E essa tal de duquesa sempre foi metida, ah, se foi! Maltratava o coronel, ela, de ruim que sempre foi. E me olhava torto, achando que, por ser duquesa, era melhor que os outros. A Maria acabou metida também, não é não?”

“Gosto dela.”

“Gosta até ela te enfiar um machado na cuca, compadre.”

João Bracatinga não tava gostando era da assombração. Já não bastava uma, que o assombrava tinha tempos, agora duas. Essa mais faladeira. Não gostava do que o fantasma tava dizendo também. Quando saiu do sítio sem dar tempo pra Maria dos Ipês explicar mais o que fosse, a vontade era ir ali pro Tombozoio até esquecer a situação. Não deu certo. Não demorou pra perguntar do ex-marido da esposa. Não ia saber que o diabo ia aparecer pra atazanar as ideias dele, mas tinha que concordar que o plano nunca foi o de esquecer coisa nenhuma. João Bracatinga podia não querer olhar. A caveira risonha era assustadora.

Ela contava que a companheira tinha escondido um segredo. E um segredo terrível. Tinha matado o homem com quem dividia a cama. João Bracatinga não entendia como podia ser. Não dava pra imaginar ele enfiando o machado na cabeça de alguém com quem dormiu. E tinha tido motivos pra isso. As vivências de amor passadas de João Bracatinga acabaram todas mal, umas pras amadas, outras pra ele. Mas pegava o pala e seguia em frente, mesmo que doesse. Não ia conseguir matar nenhuma delas. João Bracatinga carecia de melhores entendimentos, logo se vê.

“Escute: o que a Maria fez foi errado. Qualquer cristão sabe disso. E você é cristão ou não é? Ou prefere arder lá no caldeirão do Capeta? Não, né? É cristão. E tá lá nos mandamentos que não pode matar. Pelo menos não assim de graça. E o pecado é maior quando é contra o marido ou não é? Decerto que é, coisa abominável dessas. Fazer mal ao marido, terrível! Veja, companheiro, veja bem: você tem que consertar isso. Ela te falou pra esconder, não foi? Pra deixar pra lá. O que mais que planeja pra vir pedir uma coisa dessas? E pode ser que pense que você vai querer contar, e o que é que pode aprontar, daí? Já se provou fria. Ou não é fria? Meter o machado na cabeça do marido e enterrar o corpo no quintal? Você tem que consertar isso. Não importa se gosta dela. Não caia na mesma armadilha que eu.”

João Bracatinga não sabia se Cateto Bento gostava mesmo da Maria dos Ipês. Não como ele.

“Você devia ir lá na delegacia dar parte do ocorrido”, continuou o fantasma, “Ou contar pro coronel. É, isso ia resolver as coisas pra mim, pra você, pra todo mundo. O coronel sempre foi bom, compadre, apesar de

o povo não entender direito. Povo meio burro, o daqui de Tapiribi, não sabe reconhecer a visão de um homem como o coronel. Você contar pra ele já te livra do inferno, te deixa em paz. Ninguém quer esqueletos no armário, quem é que ia querer eles no quintal?”

O que Cateto Bento não sabia e João Bracatinga não pensou é que os esqueletos a gente guarda no armário por ter motivo. Não é pra mexer neles. São barulhentos e incomodam. A duquesa do Ivaí ia poder explicar pra eles, se lhes dessem ouvidos.

## 9.

Bebia ali no Tombozoio toda manhã pra se encher de coragem pro que fazia de tardezinha. A duquesa do Ivaí não era capaz de atravessar a rodovia todo dia no lusco-fusco sem umas taças de vinho nublando a razão. Pelo menos achava que não. Não vou discordar dela e decerto o leitor também não vai. Todos conhecemos nossas próprias almas e a carência de umas nuvens.

De nascimento nobre anacrônico, a duquesa do Ivaí recebeu de batismo o nome Cascatina Cruz do Ivaí, nascida num mês de março de calor sufocante às margens do Rio Ivaí, “Que é nessas águas que nascem todas as do clã”, tinha explicado a então duquesa do Ivaí, sua mãe. Descendia, por direito, da matriarca da família, a duquesa original, que recebeu terras e títulos no Brasil meridional após valorosos serviços prestados ao imperador. Vivia numas matas, a Ana Cruz, quando estourou a guerra do Paraguai. Plantava mate e vendia pros caboclos das cercanias e tropeiros passageiros. Quando o

povo parou de vir comprar mate, Ana Cruz descobriu a guerra. Homens e mulheres da região dela, todos simples, tinham marchado pro oeste. Os homens pra guerrear, as mulheres a reboque. Ana Cruz não tinha homem. Não precisava. Precisava vender mate.

Carregou mula com sacos e mais sacos de mate, tantos que dava pra ver por cima dos pinheiros. Montou na coitada e tomou rumo pro oeste. Aqueles interiores de Paraná eram só roças e matos no tempo, os matos guardados pelo Anhangá, orgulhoso da tarefa. Ana Cruz viu ele mais de uma vez na viagem rumo ao oeste. Espiava do meio das árvores, a galhada de mil pontas e os olhos flamejantes ardiam feito fogueiras no meio da mata, cuidando do que era dele.

Ana Cruz vendeu mate feito água no Paraguai. Os combatentes da peleja eram todos de alma sulista, fossem catarinas, gaúchos, paranaenses ou argentinos, uruguaios e paraguaios. Todo mundo bebia mate. E não dava pra esperar dos mateiros paraguaios, alçados a soldados, o cultivo e comércio da erva. Ana Cruz aproveitou. O verde amargo se fez a única bandeira branca daquelas batalhas mais e mais sangrentas. Enquanto soldados de ambos os lados praticavam das suas vilanias ou heroísmos, tudo muito misturado, Ana Cruz fazia a mula trotar incólume. Não temia balas e nem sabres, nem cargas de cavalaria e nem tocaias nos matos. Por onde passava encontrava gargantas sedentas, mesmo que ao lado das degoladas. A guerra persistia longa, o mate trazido de casa pelos soldados já tava esgotado. Recebiam com festa a comerciante, faziam o ouro e a prata dos saques rolaem. A expectativa era tanta que batalhões inimigos, informados por batedores da pro-

ximidade de Ana Cruz, decretavam armistício dias antes pra garantir a boa chegada dela. Quem ousasse disparar um tiro contra o inimigo era executado sem direito a clemência, termo aceito por ambos os lados pra manutenção da paz. Ana Cruz não distinguia amigos ou inimigos. Pra ela todo aquele povo era promessa de riqueza. Vendia com gosto pra paraguaios e tríplice aliança. Não tinha um que a condenasse. Qualquer sudamericano do sul do continente sabe a dor que é viver sem mate. Foi dessa maneira que a guerra do Paraguai, ao menos pelo tempo em que Ana Cruz passeou com sua mula pelos campos de batalha, se transformou numa enorme roda de mate. Até a tríplice aliança fazer a bomba roncar e marchar pra liquidar os paraguaios.

Retornada ao lar no Ivaí depois de tantas andanças, Ana Cruz retomou o trato com o mate. As guerras vêm, vão e a vida segue. Só que não demorou e surgiu navegando o rio representante singular de comitiva imperial reclamada quase toda pelas feras da mata. O que sobrou, sujeito da corte, desacostumado com os rincões, informou, muito assustado, que as façanhas de Ana Cruz tinham chegado aos ouvidos do imperador. Atribuía-se a vitória ao mate de Ana Cruz, mágico por natureza. Talvez o imperador ignorasse a venda também aos paraguaios ou visse nisso ação estratégica, de mate com veneno distribuído aos inimigos. Não sei. Nem o representante singular, que informava apenas que, como reconhecimento às ações heroicas de Ana Cruz, o imperador outorgara a ela o título de duquesa do Ivaí, único ducado concedido pelo Dom Pedro II, talvez também querendo garantir apoio, prevendo as tempestades vindouras pro lado da coroa. Ana Cruz foi a primeira duquesa e, de forma legítima, a única.

Sua filha, Cascanta Cruz do Ivaí, nasceu dum encontro lá na guerra ainda. A duquesa do Ivaí também não via lado na hora de distribuir o amor. Agora rica da venda bem-sucedida do mate na guerra e senhora de terras por poder imperial, a duquesa do Ivaí pretendia fundar linhagem matriarcal pras do Ivaí. Por isso pouco importava o nome do pai. Valia só as heranças da mãe. E, sendo ela duquesa, bastava. Educou Cascanta, a futura duquesa, nesses princípios. Podia amar quem quisesse e colher quantas sementes que fossem. Uma vingaria no ventre. A filha (nunca cogitou varões na linhagem das Ivaí) seria criada nos mesmos dogmas e assim para sempre. Ia ter dado certo. Cascanta Cruz do Ivaí era vivaz e interessada na dinastia da mãe, ia acabar duquesa formidável. Mas, antes que assumisse o manto materno, caiu o império pra se levantar o sonho republicano. Com a coroa foram os títulos de nobreza.

“O poder continua nas mãos poderosas”, a duquesa do Ivaí tinha dito à filha, “Ainda tenho terras e ainda tenho fortuna. Nada nos impõem os homens. Sigo duquesa até o beijo da ceifeira e você é duquesa depois de mim.”

E assim foi. A segunda duquesa do Ivaí, apesar de falta de coroa que validasse o título, valia-se de todo o poder herdado da mãe pra fazer ele valer. E acrescentou à herança ainda mais poder. Os ervais da região do Ivaí seguiam fartos e rentáveis, mas a eles se somou as culturas da uva, trigo, milho, madeira e a criação de ovelhas, cavalos e gado. O Brasil já não tinha rei, mas duquesa ele tinha.

E a duquesa do Ivaí cumpriu o conselho da mãe nos campos do amor. Deitava-se com todos os homens que

lhe queimassem o ventre. Deixava que se derramassem nela e os recebia com alegria até o gozo. Depois os descartava. Assim seguiu até enfim se ver embarrigada. O

pai da vindoura filha era advogado curitibano de nome Régulo Rodrigues, que nunca exercera advocacia mas sabia bem fazer as leis trabalharem em nome de vantagens próprias. Elas pouco lhe ajudaram contra a duquesa do Ivaí, que logo impôs sobre ele todo o seu poder, mandando que fosse catar coquinho quando ele veio reclamar casamento ao saber da promessa de filha, “Você já me deu o que tinha pra dar, piá. Agora vá errar o meu caminho”.

Se as leis não ajudaram Régulo Rodrigues contra os poderes da duquesa, ajudaram ele depois. Mas só por um golpe de sorte. Acontece que lá, na beira do Rio Ivaí, parindo a menina Cascatina, a duquesa lembrou que a mãe a treinara muito no matriarcado, mas nunca no nado. Afo-gou-se. Cascatina Cruz do Ivaí terminou seu caminho pra fora nadando, ela sim sabia, e foi recebida pelas empregadas muito chorosas pela perda da patroa. Não puderam salvá-la. Ao menos tava ali a filha, herdeira das riquezas e posses, além do título anacrônico de duquesa do Ivaí. Tão logo subiram a duquesa pro casarão, foi tomada pelos braços do pai Régulo Rodrigues, que citou inúmeras legislações absurdas, elas garantidoras a ele do poder sobre as posses da filha, “Pois é ainda um bebê e não poderia administrar nada. Eu posso. Vou cuidar de tudo por ela”.

A duquesa do Ivaí cresceu sem nunca saber dos sonhos da avó, regida pelos mandos do pai.

Ele que um dia chegou e disse com o sorriso sem aceitar desobediência: “Te encontrei um bom marido, mi-

nha filha. Prepare-se para uma vida muito boa e feliz”, fundando a miséria da duquesa do Ivaí.

## 10.

“Como eu me livro de um fantasma?”, perguntou João Bracatinga à duquesa do Ivaí.

“Ora, na igreja. Decerto padres são treinados no entendimento dos fantasmas, seja para acalentá-los nas noites dolorosas de assombrações, seja para expulsá-los das casas humanas.”

João Bracatinga esperava outra coisa. A duquesa tinha mencionado isto antes. Cada um é que sabia o que fazer. Agora vinha com história de igreja!

“Não se espante, homem!”, disse ela, “Sei o que falei e não mudo uma vírgula. Mas até você descobrir o que fazer, tem que tentar o que os outros fizeram. Solução nenhuma na vida das gentes aparece sem experiências alheias.”

“A senhora faz o que pra invocar fantasmas?”

“Estou fazendo”, respondeu, erguendo a taça de vinho.

João Bracatinga olhou pro copo de cachaça e pro fantasma de Cateto Bento ali bebendo com ele. Perguntou: “E pra espantar?”.

“Estou fazendo também”, e sorriu, antes de sorver todo o conteúdo do cálice pra ser servida pela dona Ana Laura de mais.

João Bracatinga olhou de volta pro copo. Já tinha bebido bastante. Quase a manhã toda virando copos e mais copos, ouvindo a dona Ana Laura, a duquesa e o fan-

tasma. Parecia certo pensar na chegada do fantasma com a pinga. Ou pelo menos ele ter visto o fantasma depois da pinga. Pensou no que a duquesa do Ivaí disse e despejou todo o conteúdo do copo pra queimar a goela. Ardeu os olhos. Deixou-se queimar um pouco antes de olhar pro lado. O fantasma de Cateto Bento ainda o assombrava.

“Vai adotar os métodos da duquesa? Ela conhece dessas coisas mesmo”, disse dona Ana Laura, já desarrolhando garrafa pra servir o João Bracatinga.

“Não”, falou João Bracatinga, “Vou à igreja.”

A duquesa do Ivaí pareceu aprovar. O sorriso dizia que sim. João Bracatinga se levantou e se esforçou pra não cair ou sentar de volta, o que então dava na mesma. Firmou-se nos pés meio bambos. O fantasma tentou ajudar. Veio todo solícito, solidário. João Bracatinga o afastou com gesto de mão. Cerrou os olhos. Apertou fundo as pálpebras pra ver de novo o piá e o pé de goiabas. O dia claro queimava a paisagem. O córrego límpido era contraste pro campo seco de culturas que não eram de verdade da região. Ali no córrego imaginário corriam peixes de todos os tipos: lambaris, pintados, dourados, tinha até jacaré. A sombra da goiabeira, onde o piá brincava todo risonho, era singular na vastidão sem mata. As goiabas gordas, brilhantes sob o sol, convidavam o mundo prum banquete. E o mundo era só aquele piá no topo da árvore saltando pras águas do córrego. João Bracatinga abriu os olhos e viu que tava bem.

“Brigado, dona Ana Laura”, falou, jogando duas araras pra dona do bar, não da coleção de aves, das financeiras, “Licença, dona duquesa.”

“Vai com Deus”, disse a duquesa, enquanto dona Ana Laura engaiolava as aves.

Lá fora do bar quem tratou de embolsar passarinhos foi João Bracatinga. Sem mandar, a mão voou ligeira prum João-de-barro pousado no pé de jabuticaba da frente do Tombozoio. O pássaro tava cantando pra reaver parceira perdida pro rival. Agora era parte do aviário no bolso de João Bracatinga.

“Pra que isso?” , quis saber o fantasma, espantado.

“É pra Maria”, respondeu, “Nunca vou poder cantar que nem o Almir Sater. Mas passarinhos vão.”

“Largue mão de ser besta! Em troca de machadadas?”

João Bracatinga não respondeu. Ia dizer o quê? Tava ali o crânio aberto do fantasma pra atestar machadadas, mesmo que passadas. Se Maria dos Ipês não gostasse do coral de passarinhos, não ia poder abrir talho daqueles na cabeça do próprio João? Essas coisas decerto só aconteciam do nada. São poucos os que premeditam machadadas. Os Machado com certeza fazem. Passam dias, semanas e até gerações afiando os machados pro uso assassino. Até são dos calores, de agir pelo momento sem pensar. Mas na hora do manejo dos machados só podem ser frios cheios de planos visando um futuro qualquer. João Bracatinga não penava ser o caso de Maria dos Ipês. De jeito nenhum.

“Ela ficou tempos afiando o machado”, decretou o fantasma, “Eu devia ter percebido. Hoje eu noto, quando olho pra trás, pras memórias que tenho. A eternidade taí pra eu perceber essas coisas, é ou não é? Ela tava faz tempo pensando nessa maldade. Não foi do nada não. Até porque o machado era meio cego, sabe? Já não tinha muito mato pra derrubar, como foi antigamente, e a pouca lenha que a gente tinha já vinha meio cortada, nem dava

muito trabalho. Qualquer machado cego dava conta. Mas me diz, seu João, se esse talho aqui, ó, é obra de machado cego. Ah, mas não é! Mas não é mesmo! A Maria tava sonhando minha morte.”

Olhando pro talho que o fantasma de Cateto Bento apontava não dava mesmo pra dizer que o machado era cego. A arma do crime tinha sido afiada. Pensada pra morte. João Bracatinga não queria pensar em nada disso, mas não tinha como evitar com um fantasma gralhando na orelha dele.

A igreja ficava perto. Na praça central, como tinha que ser. Era o ponto fundacional de Tapiribi, onde Trajano Machado desembarcara das canoas. A caminhada até lá era pouca. Toda caminhada na parte mais urbana de Tapiribi era pouca. A cidade pequena, de tudo pertinho, servia bem aos velhos seus moradores. Os que moravam na roça vinham sempre de cavalo, carroça ou carro. Pelas ruas de Tapiribi andavam a pé ou de bicicletas. João Bracatinga deixou o fusca estacionado ali em frente ao bar e tratou de andar, já mais desfeito das cachaças, curtido pelos anos e mais anos de bebedeira. Só que não de todo.

“Vai mesmo atrás da igreja?” , quis saber o fantasma, se arrastando ao lado dele, “Pra que ouvir aquela desmiolada da duquesa? Me diz. Pra quê? Mulher separada daquelas, largada. Porque não é outra coisa, né? Pode até ser casada no papel ainda, dividir o mesmo teto, mas foi largada. Decerto é cheia de rancores. Comigo nunca se deu. E vai lá você mesmo dar ouvidos àquela velha louca, amigo João?”

“Não sou teu amigo.”

“Irmão, então. Por mais que não queira, mas é. A

gente tá unido por destino parecido, é até mais forte que sangue. Entendo que é difícil, Pra que homem que não ia ser? Encontrar com o macho antigo da mulher nunca é bom. Agora pense pro antigo encontrar com o novo! Mas é bem pior! No meu caso é diferente, pois já tô morto, não ligo tanto pra essas coisas”, embora se arrastasse, pois tinha que carregar um peso preso às ligações invisíveis, “A gente tem que se cuidar, João. Não quero ver a Maria fazer com você o que fez comigo. Que é o que vai acontecer. Você desagradou ela hoje. Saiu daquele jeito, não deu satisfação, deve tá virada numa onça! E tem outra, né, João? Ela tava escondendo meus ossos lá tinha tempo. Nunca te contou nem nada. Não queria que ninguém achasse as maldades dela. E se imagina que você pode ir lá contar na delegacia? Onça assustada ataca”, Cateto Bento ia diminuindo o passo enquanto iam chegando perto da igreja, “Se eu fosse você, ia dar parte na delegacia ou falar com o coronel logo de uma vez, ele é quem manda aqui na região e quem melhor ia saber lidar com a Maria. Falo pro teu próprio bem, João. Pra corrigir injustiças e impedir mais outra.”

Quando João Bracatinga pisou na praça da igreja, o fantasma de Cateto Bento tinha virado fumaça. Achou bom. Mas sabia que ele continuava por ali. Até era um descanso parar de ouvir a ladainha, mas o peso que o fantasma carregava tava agora alojado no peito de João Bracatinga.

A praça da igreja era quadrada e grande. Ipês a decoravam. Ipês rosas, amarelos e brancos. Os jardins estavam amarelados, com sede de chuva. Havia bancos de madeira e bancos de pedra espalhados pela praça.

Tinha-se vista do Rio das Antas lá no outro lado. Vinha da direita, da Serra do Anhangá, os morros isolados se levantando lá longe; e corria tortuoso, ora calmo ora com umas corredeiras, no rumo do Rio Paraná. No centro da praça ficava a igreja de São Tomé. Era do tipo missioneiro, como a deixada por João Bracatinga lá no Rio Grande. Pedras enormes pra paredes e pilares em ruínas. O portal, decerto grandioso no passado, tinha pedaços caídos. As janelas, outrora ornadas com vitrais, eram olhos cegos. O interior tinha sido tomado por mato, nada de esplendor humano, só selva. E quando João percebia que a via, ela sumia. Onde antes havia ruínas duma igreja jesuíta, ficava só uma cruz tosca de madeira fincada no centro da praça.

João Bracatinga se virou de costas pra cruz. Do outro lado da praça havia casas e comércios. Bem de frente pra cruz ficava casa paranista, de madeira de pinheiro, telhado pontudo e lambrequins. Na varanda, sentado num toco, a figura de um padre mateando. Sentindo o calor forte do sol, João Bracatinga atravessou a rua pra falar com o padre Sumé. Apesar da cercania da igreja, ao atravessar a rua sentiu o fantasma de Cateto Bento rondando mais de perto.

“Que é que o senhor vê?”, inquiriu o padre, apontando com a cuia pro centro da praça, “Parou lá e ficou olhando. Feito todo mundo que passa. Que é que o senhor vê?”

“Igreja missioneira. Feito a lá das Missões no Rio Grande. Só ruínas.”

“Vejo igreja missioneira também. Passo o dia todo por aqui esperando o susto de ver. Quando se olha com

atenção, como eu faço, é mais complicadinho. A igreja se esconde, se demora. O melhor jeito é ser pego desarmado. Mas quando eu vejo ela, ah!, quando ela se mostra pra mim meu peito se enche de alegria! Diferente da tua, a minha igreja missioneira é inteira, nada de ruínas. Como foi no passado as de Guayrá ou Paraguai ou da tua terra. Grande, sólida, acolhedora pras almas. Quando ela se vai de novo, não sinto tristeza. Só a paz de saber que ela tá lá, fundo no meu coração.”

João Bracatinga se virou pra olhar o centro da praça. Não tinha igreja, nem ruínas nem inteira. Só os ipês e a cruz lá no meio.

“Mas sente comigo e tome um mate, seu Bracatinga”, o padre apontou pra outro toco, “É dos poucos em Tapiribi que não se entregou à solução paraguaia do mate frio”, sorveu o resto do mate, encheu a cuia e a passou pro João Bracatinga, que tinha sentado, “Veio em busca de praça à toa ou dos favores divinos?”

“Dar parte de um fantasma”, disse, sorvendo o mate, ele bom pra limpar um tanto das pingas.

“Vou ver o que posso fazer.”

## 11.

Nasceu na beira do Iguaçu, o padre Sumé. A mãe tinha batizado o piá de Joaquim de Jesus da Serra. Era guarani paraguaia ela, de nome Chipa de Jesus. Falava bem o guarani, espanhol e encilhou o português depressa, logo que cruzou a fronteira com uns jesuítas e se firmou ali no sudoeste do Paraná. O pai de Joaquim de Jesus, alguma coisa da Serra, Chipa não lembrava o

nome, era peão de Guarapuava e buscava ali na região, nova na época, terra pra arar. Achou no entrepernas de Chipa. Ela que decidiu colher sozinha depois de Da Serra exigir que ela subisse a serra com ele de volta pra Guarapuava, “Que não achei nada que preste por aqui e tô com saudade dos parentes. Se ajeite pra gente ir”.

“Mas vou ficar.”

“Você tá carregando filho meu.”

“Mais meu, que eu que carrego. Ajeite tuas coisas e parta que eu crio o piá. Se acalme que teu nome eu dou pra ele.”

Sem ter como convencer Chipa de Jesus do contrário e calculando que podia fazer outros piás, o Da Serra montou no cavalo e voltou pra terra dele. Nunca mais apareceu. Chipa nunca lembrou do nome pra contar ao filho se o pai era um João ou um José ou quem sabe um Marcos ou Mateus.

Criou-se entre os jesuítas desde cedo. Chipa de Jesus não era devota ao deus pregado, apesar de trazer ele no nome. Gostava da mãe dele. Nunca pensou na mulher como virgem, e dizia aos amigos padres: “Isso é coisa da cabeça dos homens, todos tarados”, ao que indagavam, surpresos: “Mas acha que ela teve filho com Deus como, mulher?”, “Do jeito que todo mundo faz, menos vocês”, “Mas casada com José?”, “E Maria não ia poder se divertir?”. Os jesuítas se espantava muito com as heresias de Chipa, e só não a expulsavam a pauladas pelo sangue meio de índia dela, “Que nossa ordem já cometeu erros demais com esses povos”, embora acrescentassem sempre: “Achando que fazíamos o bem, que fique claro”, o que nunca corrigiu malfeito algum. Chipa de Jesus acompanhava os padres

pois eram bondosos. Apesar do passado, eram bons e não olhavam pra ela do jeito que os outros homens faziam, e, quando olhavam, era de jeito disfarçado, com medo que o Cristo estivesse de sentinela pros pecados. Chipa de Jesus fazia serviços pra eles: limpar, cozinhar, ensinar lições de guarani. Viam-na como irmã, mais ainda por lá atrás ter decidido migrar com eles pro Brasil. Isso antes de ter o filho, não vamos nos perder. E foi no meio daqueles jesuítas que Joaquim de Jesus da Serra foi se fazendo homem.

Prum tanto de horror da mãe, o piá não se assanhava com as gurias nas festas e quermesses. Não era feio. Era até muito bonito. Aquele cabelo preto e cacheado do pai, a pele casca de pinhão da mãe e uns olhos pretos que nem carvão. E falava bem, era alegre e esperto. Qualquer das gurias ali ia se apaixonar por ele. Só que Joaquim de Jesus da Serra não queria saber de nenhuma delas.

“Nem a Rosa?”

“Nao, mãe.”

“A Madalena? É uma morena bonita ela.”

“Bem bonita, mãe.”

“E a Mariana? Polaca dos cabelos de palha, não é bonita?”

“Mãe, quero ser padre.”

Chipa de Jesus até engasgou com a garfada de arroz e feijão, “Aqueles corvos tão pondo minhocas na tua cabeça, piá?”

“Não foram eles, mãe. Não me falaram nada disso, nunca comentei com eles pra terem chance. Mas sempre vi eles e acho bonito.”

“Mais bonito que a Rosa, a Madalena e a Mariana, Nhaquim?”

“É que o bonito deles é feito de sonhos.”

Chipa de Jesus teve certeza que a cabeça do filho tava cheia de minhocas, postas pelos padres ou não. Só que não tinha o que fazer. Pelo menos ia ser um belo dum pescador de homens.

As instruções pra vida Joaquim de Jesus da Serra aprendeu todas com a mãe. Como costurar uma roupa; como arrumar uma casa; como catar lenha; como plantar, cuidar, colher; como preparar comida; como aprontar o mate, que, apesar da origem paraguaia, Chipa tomava quente à moda do Paraná meridional. Com Chipa de Jesus o filho aprendeu a ser homem. Ser gente. Com os padres aprendeu a vocação. Se antes olhava o trabalho deles e achava bonito em silêncio, agora que tinha a bênção da mãe dizia a eles o que achava. Os jesuítas ficaram contentes. Sempre gostaram de Chipa. Respeitavam ela e sua sabedoria herege. Relutavam em dizer que a amavam como se ama uma santa, pois isso ia ser pecado. Mas que amavam, amavam. Amavam também o pequeno Joaquim. Por isso ensinaram a ele os caminhos cristãos com muito gosto.

“Agora que você já é padre feito, vai cuidar do teu próprio rebanho”, disseram os jesuítas, vendo o piá já pronto, tempos mais tarde. Não escondiam deles mesmos o tanto da criação da mãe que Joaquim de Jesus carregava. Um monte de ideias estranhas. Achavam que ia dar um bom padre por isso, “Você vai pruma cidade nova. Lá no noroeste. Pra assumir a construção e manter a igreja da comunidade”.

Joaquim de Jesus da Serra tinha passado a vida ali no sudoeste. Frio, pinheiros, o mate, a família que era a mãe e os padres, aquele era o mundo todo dele. A mis-

são que os padres davam era se embrenhar nas matas do noroeste, ainda cheias de trilhas pra desbravar. E ia sozinho. Tinha lá seus vinte anos e ia sozinho tocar uma igreja. Chipa de Jesus não ficou surpresa quando o filho disse “Tenho medo, mãe”. “Todo mundo tem, Nhaquim. Até Jesus teve, não teve? Se embrenhou no deserto e tudo. Você vai se embrenhar na mata.”

“Jesus tinha as mágicas dele, mãe. Os milagres. Eu sou só um homem.”

“Um homem feito de sonhos”, e sorriu, “Lá por perto de pra onde você vai ficam as ruínas das missões jesuítas. Esses padres cheios de erros chegaram aqui e acharam que iam fazer bem em convencer os povos de que Jesus era mágico e milagreiro. Acho que dá pra dizer que foi um desastre. Os cristãos sempre foram du-ros, mais de espadas do que cruzes. Devem confundir, o formato é parecido. Mas se sonhos não mudam os erros, erros não mudam os sonhos. Eles até tentaram ouvir os deuses e histórias dos povos. Mexeram numas coisas pra poder ensinar melhor do Jesus deles. Tanto que inventaram que o Sumé, veja só!, o Sumé!, era o são Tomé vindo pras Américas. Você pode até dizer que erraram bastante em confundir as coisas desse jeito. Eu acho também, filho. Mas o que mais acho é que tão enviando o Sumé de novo pra lá. Pra ver se podem ter ao menos um pouco de redenção. E que no fim Sumé e Tomé são farinha do mesmo saco mesmo. São feitos de sonhos.”

Joaquim de Jesus sorriu e chorou. Quando chegou de mala e cuia pra nascente Tapiribi, encontrou a selva quase toda derrubada e mulheres e homens doentes, tristes e sem fé. Perdidos. Soube que não ia poder consertar

tudo, não cabia a ele. Mas conforto ele podia dar. Trouxe de visitar cada cristão e ouvir e ajudar quando podia. Ia pra lá e pra cá. A igreja que devia se erguer na praça era só a cruz fincada ali pelos fundadores da localidade e aonde o povo ia pra rezar. O padre não tinha tempo de bancar o curandeiro e o pedreiro, nem Jesus teve, ele que abandonou a marcenaria pra curar leprosos e ressuscitar os mortos. As missas ele rezava ao ar livre, em frente à cruz. Nos sermões, pregava sonhos ao invés de tábuas em paredes. O povo gostava do padre. Confiava nele como em um amigo. Fizeram festa quando um dia, anos depois da chegada, numa missa dominical ensolarada, o padre disse serem todos bem-vindos à igreja São Tomé. Os tapiribenses olharam ao redor e acharam linda a igreja da cidade, única pra cada um e só encontrada pelo canto dos olhos.

## 12.

“Me chamam de Sumé desde os primeiros anos aqui”, contou o padre, “Muitos ainda lembram do Sumé de verdade, o índio branco que passeava pelos povos curando doenças, ensinando agricultura e realizando tantas bondades. Você vê que os tapiribenses estavam tristes pra me chamar de Sumé! Mas posso ter feito uma ou outra mágica. E lidei com mais de um fantasma”, o padre fez a bomba roncar antes de reabastecer a cuia e passar ela pro João Bracatinga, “A região aqui era só selva, você deve saber. Não chegava a ser tão densa quanto a Amazônia, mas era mais fechada que os pinheirais. Tanto tempo atrás viviam aqui vários povos, os guaranis. Minha igreja matou um monte deles, achando que estavam ajudan-

do. Queriam ensinar do Cristo, das bondades dele, e ai de quem não aprendesse! Os bandeirantes vieram terminar o serviço. Desbravadores, sim, saídos de São Paulo pra abrir matas no interior. Corajosos, também, quem disse que não? Mas as estradas que eles abriam eles pintavam com sangue. Tá contando os fantasmas? Um bom tanto. E aumentou. Muito depois dos guaranis, jesuítas e bandeirantes, os Machado chegaram por aqui e encontraram um povo vivendo. Os que ficaram quietos puderam obedecer o coronel. Os que protestaram foram passados na faca e na bala. Todos esses fantasmas foram infestando Tapiribi, tão assombrada quanto o resto do Brasil”, esticou o braço pra pegar a cuia de volta, “Desde que aqui me firmei, além das doenças e outras enfermidades, ouvi do povo a reclamação pelo avistamento de fantasmas. Todo mundo vê fantasmas. Eles tão soltos por aí. Mas a gente vê eles mais pelo canto dos olhos, como a igreja São Tomé. Se tentamos olhar com calma, desaparecem. Claro que no caso dos fantasmas isso é bem assustador! Só que é bem pior quando um fantasma gruda na gente.”

Os dois ficaram quietos. Como se essas coisas pedissem silêncio. Mateavam e olhavam pra igreja São Tomé. Viam só a cruz de pau na praça, mas criam na fé que construía os templos nos cantos dos olhos. A igreja nunca era igual pra quem olhasse. Mudava sempre, mesmo que só um pouco. Tanto João Bracatinga como o padre Sumé viam construções jesuíticas. Pra um era a ruína do presente e pro outro a glória do passado. Dona Ana Laura via casinha quadrada com placa escrito IGREJA, sem outros atrativos que não a promessa de paz; a duquesa do Ivaí enxergava igreja ucrâniana, como as da

nascente do rio Ivaí; o coronel Mancoso Machado via um punhado de cinzas ainda fumegantes, clamando por vingança; Maria dos Ipês via igreja barroca, bem parecida com as mineiras. Pra cada cristão a igreja São Tomé era uma. Dependia da fé.

“Posso saber mais desse teu fantasma, João?”

“É conhecido teu. O Cateto Bento.”

“O antigo esposo da tua Maria. Então ele morreu”, a voz não denunciava se ele já sabia por meio de confissão ou se tava surpreso pela falta de uma, “Me parece de um enorme incômodo ter no pé o fantasma do antigo marido da sua mulher. Todas as coisas que ele pode ficar sussurrando, atijando ciúmes ou desconfianças ou mesmo contando o que não se quer saber. Tua situação parece mesmo desanimadora, João. Entendo bem a tua vinda.”

João Bracatinga não disse nada do outro fantasma, o do piá. Desse não contava pra ninguém. Nem pra ele mesmo, pra não ficar pensando. Preferia só ver o piá pelo canto do olho.

“Como é que espanto um fantasma, padre?”

“O mais certo é que se ouça o fantasma. Essas almas penadas têm tudo quanto é lamúria pra dizer. São sofridos. Toda morte é sofrida. Quem diz que não tá mentindo. Se tamos aqui vivos é pra brigar com a Ceifeira, ela que vence sempre só pra deixar a gente triste. Sei bem o que o Cristo falou, da vida eterna e tudo, sou padre e sei bem das promessas de ressurreição. Mas ressuscitados do túmulo só se sabe dele e do Lázaro, que depois Jesus partiu e os mortos continuaram mortos. Só voltam na forma de fantasmas, últimos suspiros de dor eterna, não vida. Imagino que com o Cateto não vá ser

diferente. A vida dele já foi sofrida”, o padre Sumé coçou a barba branca, lembrando, “Chegou aqui com a cara feita em susto. O primeiro lugar em que parou depois de correr o caminho todo de São Paulo até este pedaço de sul foi na frente daquela cruz ali. Caiu de joelhos na frente dela. Ele tinha cruzado o Rio Paraná a nado, e o rio é grande, já diz o nome! Vendo o infeliz rezando em desespero me cheguei nele, carregando o mate. Todo sulista dá boas-vindas com o mate. Antes de eu falar qualquer coisa, o Cateto disse ‘É a capela da mãe! Aqui é que nem a capela da mãe!’, e é claro que tava certo. Deixei que terminasse a oração e olhasse pra mim. Os olhos eram só sal, de tanto que chorou secou os líquidos do corpo. Ofereci o mate e ele me pediu café, bem coisa de paulista. Como não tinha, bebeu chimarrão mesmo. E me contou em confissão dos motivos da fuga dele. Tava perdido. E nem Deus ajudou ele a se encontrar. Nunca mais veio se confessar, e, quando aparecia na missa, era a mando do coronel. Foi com o coronel Mancoso Machado que o Cateto não se achou, mas aceitou que tava perdido e o jeito era se perder mais.”

Não queria saber dos desrumos do Cateto Bento. João Bracatinga também tinha se perdido. Também tinha levado vida sofrida. Não saiu do Rio Grande por querer, mas por ter que achar rumo novo pra vida. E mesmo assim sabia que se morresse e virasse fantasma não ia voltar pra atentar os outros. João Bracatinga tinha consigo que homem que é homem tem que resolver os problemas sem alardear ao mundo dos percalços, recorrendo a terceiros só em caso de não saber mesmo o que fazer. Fantasmas são desses casos.

“O senhor me diga o que fazer, padre.”

“Já tentou ouvir ele, como sugeri? Sei que dói. Mas o fantasma voltou pelos motivos dele. Podem estar errados, que ter motivos não faz de ninguém correto. Ouvir os dele pode ser um bom motivo pra começar”, a água do chimarrão já tava acabando, “Foi assim que resolvi o problema dos fantasmas daqui. Nunca tive instrução pra exorcismo, me virei como pude. Tinha uns fantasmas que só queriam contar das desventuras deles. O povo reclamou, diziam que eram histórias dolorosas demais, cheias de dor, sofrimento. Fiz eles verem que são essas que temos que contar mesmo. Não presta ficar guardando, que se não é que viram fantasma mesmo. Alma penada nada mais é do que choro engolido. Convenci o povo disso, eles pararam pra ouvir e logo os fantasmas foram indo embora. Por isso sempre admirei essa gente que escreve carta de espíritos, uns abençoados! Imagina só o bem que fazem pros fantasmas”, o padre Sumé passou a última cuia pro João Bracatinga, “Nem todos os fantasmas queriam só contar as histórias. Choro engolido, quando cristalizado, vira caroço. Se prende na garganta. Esses fantasmas são os piores. Contam as tragédias e exigem reparação. Pra uns era só dizer a um terceiro o quanto ele sofreu por causa dele, ou revelar segredo, dedurar culpado. Outros queriam vingança de morte ou sofrimento pros carrascos. Exigiam dose de sangue pra fazer o caroço descer e eles poderem descansar em paz. Desaconselhei quem era assombrado por esses vingativos a cumprir as delegações sanguinárias, mas nem todos ouviram. Fantasmas induzem bem à loucura, e toda gente teme perder a cabeça.”

Sorveu o último amargo, o que ronca mais alto, e devolveu a cuia ao padre, “Brigado, seu padre”.

“É o meu dever, compadre João”, mirou sério nos olhos de João Bracatinga: “Tome cuidado. Se for só pra ouvir, ouça com calma e aguente as verdades e mentiras que o fantasma for te contar. Abra os ouvidos e feche o coração. Ele volta pro túmulo e você segue a vida, daí. Mas se te inspirar maldades, e o Cateto Bento não era lá homem santo, veja se vale a pena se libertar com a dor do outro. Ou outra. Pode ser injusto, mas é ato sagrado sofrer no lugar que não é teu.”

“E se o fantasma quiser justiça, padre?”

“Aqueles pra quem vem a justiça sempre se chamam injustiçados.”

“Bença, padre”, disse João Bracatinga, “Obrigado pelo chimarrão.”

“Deus te abençoe.”

João Bracatinga ainda viu no canto do olho as ruínas da igreja da infância. Quando virou o rosto pra olhar, tava lá no centro da praça só a cruz velha. Não sabia o que ia fazer. Sabia que tinha como fazer.

### 13.

O sol quente de ali tão perto do trópico de capricórnio castigava Tapiribi. O inverno poucas vezes fazia frente ao chicote do sol. João Bracatinga sentou embaixo de uma figueira enorme, à beira do Rio das Antas, e tirou palha e fumo do bolso. Ia pitar pra ver se a fome vinha. Era lá por meio-dia e ele não tava sentindo fome do almoço. E sempre almoçava cedo pra voltar depressa pra lida. Com

o canivete sacado da bota, começou a cortar o fumo de corda em cima da palha.

“O desgraçado achou minha mãe sozinha, fez as maldades que quis com ela e depois degolou que nem porco”, falou o fantasma de Cateto Bento, aparição ali ao lado de João Bracatinga, “Matei e matava de novo, que era pra ouvir ele berrar. Só que o coronel do lugar, de nome que fiz questão de esquecer, não gostou nada. Era homem dele o caboclo que matei, um dos peões. Fui jurado de morte”, ficou quieto, olhando invejoso pro cigarro de João Bracatinga, “Nunca tive pai. Fugiu de-pressa depois de ver a mãe embuchada. Era bonita, ela. Me teve muito nova, catorze anos só, então sempre me lembro dela nova. Me criou como deu. Lavava roupa pros outros, limpava casa, cuidava dos filhos enquanto iam pra roça. Naquele sertão paulista sem nome em que nasci não tinha dondoca pra pagar ela bem, mas a mãe aceitava comida. Quando fiquei mais velho pude sair pra roça. Voltava carregado de comida, pro gosto da mãe. Você deve saber do que tô falando. É homem do campo, tava lidando com batatas quando achou meus restos. Decerto lida com a terra desde novo.”

“No Rio Grande eu lidava com gado”, falou, soprando a fumaça, sem olhar pro fantasma.

“É com o campo, de qualquer jeito. Era vida dura, de sol a sol. Mas fazia tudo com vontade de voltar pra casa e ver o sorriso na cara da mãe. Imagine só!, era a primeira vez que ela podia tirar pelo menos metade do dia pra cuidar da própria casa, lavar as próprias roupas. Pela primeira vez, ela me disse um dia, podia amaldiçoar menos meu pai por ter ido embora, vendo em mim uma bênção. A gente

era feliz do nosso jeito lá. Até o dia em que Deus percebeu e viu que não era bom. Por qual outro motivo ele ia deixar o peão entrar em casa, fazer as maldades todas com a mãe e depois abrir a garganta dela pra deixar sangrar até não poder mais? Quando cheguei, vi ela caída na poça do tamanho da casa, os olhos abertos e desesperados, a cabeça quase solta do corpo de tão fundo que foi o corte. O sangue na saia dela eu não sabia se era do pescoço. Eu quis chorar, mas quis mais foi vingança. Por isso catei o facão e saí atrás do desgraçado do peão”, dava pra ver o quanto o fantasma do Cateto Bento queria poder fumar, “Como que eu sabia que era o peão? E o peão certo, ainda? Por ter cruzado com ele no caminho pra casa. Vi ele sujo de sangue, mas o filho da puta explicou: ‘Matei um porca braba’. Riu pra mim e eu ri pra ele, nem desconfiei. E sabe o que é pior? Não sei o que ele foi fazer lá em casa, como aconteceu e por que ele teve que matar a mãe. Já não bastava as maldades? Que é que ela ia poder fazer contra ele? Logo ela, uma pobre coitada. Que é que ia fazer contra o peão do coronel? Deve ter ido lá em casa por saber que a mãe ia tá sozinha, por saber que podia e nada ia acontecer. Achava que com gente como a mãe ele mandava e desmandava, que nem o coronel fazia com gente como ele. Por isso saí louco e de olhos secos com o facão sedento. Alcancei ele ainda na estrada, quase chegando mais no centro. Nem chamei, pra não dar alarme. Eu era um menino ainda, tinha que aproveitar a emboscada. Meti o facão na nuca do filho duma égua, que tombou berrando. Não tinha sido tão fundo. Gostei de ver ele ainda vivo, berrando, se berrando. Arranquei o facão e pensei em enfiar na garganta, mas fiz foi tirar as calças dele e arrancar fora o pau e as bolas.

Ele se debatia, chorava que nem a mãe deve ter chorado. Acho que por isso mastigou sem nem ver o pinto e os ovos quando enfiei na boca dele. O povo, alertado pelo barulho, tinha se reunido ali e assistia espantado. Aproveitando o resto de vida do maldito, desembuchei ele, carpindo as tripas dele com o facão até que fosse só silêncio, entranhas e sangue. Comer frio é o caralho! Gostoso foi matar ele ainda quente”, o fantasma até riu por lembrar, “Alguém falou qualquer coisa do ódio do coronel ao descobrir, que ninguém mexia com gente dele, e foi isso que me acordou da sensação de trabalho bem-feito. Corri de volta pra casa, troquei a roupa por outra limpa, pus o que pude num saco e sumi. Não olhei pro corpo da mãe. Se olhasse, me amolecia e sei lá se ia poder ter fugido, ter começado vida nova pra cá do trópico.”

“Sendo homem dum coronel?”

“Queria ser intocável. Queria poder não deixar acontecer comigo o que aconteceu com a minha mãe. Todo mundo ia ter medo de mexer comigo”, o fantasma riu a risada que só os fantasmas sabem rir, “E se acontecesse, que pelo menos eu fosse vingado.”

João Bracatinga fumou o silêncio como a fumaça. O cigarro já tava no fim. Decerto a história do fantasma também. João Bracatinga achou ela toda errada. Não entendia um homem ver a maldade, fugir dela e se juntar com outro que fazia as mesmas coisas. A desculpa de proteção era boba. Verdade que teve que fugir de São Paulo pra não sofrer a vingança do coronel de lá, mas o peão tinha morrido. O ódio de Cateto Bento gritou mais alto que o medo. E depois ele, embaixo da asa do coronel Mancoso Machado, também foi assassinado. João Braca-

tinga achou que só pleitear vingança não valia de nada depois da morte.

“Tua mãe era uma ninguém. Tu era um ninguém. E vingou ela. O peão não foi vingado. E nem você.”

“É, mas se o coronel soubesse isso não ia ficar quieto”, urrou o fantasma, “Eu ia ter justiça!”

“Pode ser. Mas não foi desse jeito. De nada te serviu se juntar com o inimigo”, João Bracatinga jogou o toco do cigarro longe e se levantou. Ainda embolsou sem querer um quero-quero que passou pela frente dele com o bico carregado pro ninho.

“Vai ser. Minha morte não vai ficar sem troco não. Você não é homem de virar as costas prum injustiçado, né, João? E eu não tô aqui te assombrando de alegre. É por saber que o único jeito de descansar em paz é ver minha carrasca pagando pelo que fez”, falou o fantasma, seguindo o João Bracatinga, “Assim a gente já evita o pior, companheiro. Garanto que ela tá lá afiando o machado pra garantir que você não abra o bico. Por bem ou por mal.”

A fome veio com o cigarro. João Bracatinga foi atrás do almoço. O fantasma sussurrando das dele atrás.

#### 14.

“Trouxe os temperos?”, perguntou dona Brasina, postulante ao cargo de amante de João Bracatinga, deixando ele entrar. Anotou os nomes que ele foi recitando da última refeição de Maria dos Ipês, cujos pratos desejava provar após João Bracatinga tanto falar deles, as comidas mais deliciosas pro paladar, “Hoje eu acerto!”, e correu pra cozinha terminar o almoço com as últimas instruções.

João Bracatinga se sentou na sala por ele já bem conhecida. Viu o fantasma se acomodar num canto também, quieto, olhando pra ele.

A sala era simples. Você acharia simples, deve ter percebido que tudo em Tapiribi é bastante simples. Só o cômodo da casa de uma velha. A casa você também diria ser velha, afinal era toda de madeira, esse material que pra tantos remete à velhice, à casa de vó. Dona Brasina com certeza não era vó. Como Maria dos Ipês, tinha seu cabide. Os motivos eram outros: dona Brasina considerava estorvo dos mais inadequados perder nove meses da vida. As paredes já escuras, um dia pintadas de branco, eram decoradas com páginas de livros. Dona Brasina adorava ler, encontrava naquelas palavras todas um pouco do que buscava na vida e só achava vez ou outra. Nos livros achava com mais frequência, sempre com exclamações bonitas, de olhos brilhosos e boca aberta num sorriso secreto. Quando achava, arrancava a página em que encontrara e a pregava nas paredes. Não anotava autor ou título, o que pra ela era desnecessário. As histórias sozinhas sussurravam das paredes. Bastava. Na sala também havia um sofá já bem gasto, uma mesinha pro rádio, outra mesinha pro vaso de flor, a prateleira pros livros ainda não lidos. Não tinha ali poltrona pra leitura. Dona Brasina só lia na cama. Não tinha tapete ali também. Nenhum tapete na casa toda.

Os cheiros dos temperos sendo misturados às comidas corriam da cozinha pra lá. Eram cheiros bons, prometiam boas comidas. Mas pareciam confusos, meio bagunçados. Quando Maria dos Ipês misturava os temperos, os cheiros eram mais certinhos, geravam odores feiticeiros pro nariz de João Bracatinga. Adorava a comida da mu-

lher, o jeito que cozinhava o feijão, que deixava o arroz soltinho, como a carne era sempre macia e suculenta e os legumes e verduras apetitosos. Dona Brasina, de tanto ouvir das mágicas de Maria dos Ipês enquanto servia refeições ao João Bracatinga, pediu que ele a ensinasse a cozinhar daquele jeito, “Mas não sei como ela faz”, falou ele. “Faça o seguinte: fareja a preparação das comidas, descubra os temperos e me diga, daí. Acho que basta.”

“João?”, chamou dona Brasina, aparecendo toda alegre ali na porta da cozinha, “Tá pronto já. Venha tirar a comida.”

João Bracatinga foi lá. A cozinha era equipada com o fogão, a geladeira, os armários, a pia e a mesa pra dois. As panelas esfumaçavam em cima do fogão. João Bracatinga pegou o arroz, o feijão, um tanto de farinha de mandioca e o bife acebolado. Tudo com cheiro muito bom, apesar da bagunça. Dona Brasina também se serviu e buscou na geladeira o suco de maracujá, as frutas colhidas mais cedo, pondo um copo pra cada. Começaram a comer em silêncio, dona Brasina esperando pra perguntar o de sempre e João Bracatinga evitando o olhar do fantasma, que o seguira e se instalara num canto agora da cozinha, entre o fogão e a geladeira.

“Bastou?”, perguntou dona Brasina, quase explodindo.

“Tá bem gostoso, Brasina.”

Não tinha bastado. Dona Brasina não conseguiu evitar o bico. Passou depressa pra terminarem o almoço. Um dia ela acertava ou seguia tentando até fazer comida tão boa pro João Bracatinga quanto às da Maria dos Ipês.

Era postulante a amante de João Bracatinga des-

de a primeira conversa. Tinha achado João Bracatinga no bar ali em Tapiribi uns meses depois da chegada dele na cidade e o ajuntamento com Maria dos Ipês. Só não toparam antes por dona Brasina viver ocupada com outros encontros. Como era seu costume, dona Brasina pagou uma pinga pro João Bracatinga, que até pensou em praticar seus modos gauchescos e rosnar “Barbaridade!”, mas ouviu a alma carinhosa e aceitou murmurando “Brigado”. Fez bem. A conversa com dona Brasina era das boas, ela sabia coisas de todos os tipos.

“Só cuidado, seu João”, alertou aos risos a dona Ana Laura, “Ou vai acabar como tantos outros, nos encantos da Brasina.”

“Deixe os dois, dona Ana!”, ralhóu a duquesa do Ivaí, “Essas coisas acontecem ou não, só se sabe deixando o rio correr.”

“A senhora e suas corredeiras, duquesa!”

Dona Brasina riu e aproveitou pra dizer pro João Bracatinga: “Vou ser tua amante.”

“Eu tô com a Maria.”

“Sei. Por isso falei amante”, e riu-se toda, “Ia ser uma pena a gente ter que parar de se ver em nome de um matrimônio de um ou de outro. Se demos tão bem. Por isso no oitavo dia, Deus inventou os amantes.”

“Posso ser teu amigo.”

Dona Brasina não escondeu a careta. Não queria amizade. Queria amar João Bracatinga e ser amada por ele. Gostava de amores. Costumava se amar com gente de passagem por Tapiribi, que, apesar de não serem muitos, até tinha alguns. Amava eles no tempo da passagem, tudo divertido e nada cansativo. Decidiu se fazer amante de

João Bracatinga por saber que ele também era passageiro, apesar de mais demorado. Ele ia embora um dia e até lá dona Brasina queria seu amor. Mudou a careta prum sorriso. Ser amiga de João Bracatinga dava tempo pra ela se fazer amante, “Tá bom. Vamos ser amigos”.

Estavam terminando o almoço. O suco de maracujá tava geladinho, meio doce, meio azedo. João Bracatinga olhou pra dona Brasina, ela que olhava pra ele o tempo todo. Era muito bonita. A pele tinha o tom de terra úmida depois da chuva. Os cabelos, um dia negros e encaracolados, estavam cobertos por uma bonita geada que o tempo não deixou de entregar. Os olhos verdes brilhavam, sempre procurando aquelas coisas dos livros. João Bracatinga não duvidava das alegrias que ela deu e viveu com seus amantes passageiros. Pensou que podia ele próprio desfrutar daquelas alegrias. Bastava dizer “Quero ser teu amante” e dona Brasina o tomaria pela mão e o puxaria pra cama e pra dentro dela. O fantasma de Cateto Bento gostou da ideia. Ia querer ver os dois. E sabia que isso afastaria de João Bracatinga os receios de denunciar Maria dos Ipês. Mas enquanto João Bracatinga imaginava o corpo nu de dona Brasina, as aves embolsadas se agitaram no bolso, uma bagunça de cantos e penas. E ele soube que não ia tomar dona Brasina como amante.

“Deus que ajude”, disse João Bracatinga.

“Amém.”

Foram pra sala. Aqueles tchaus eram esquisitos. Apesar de determinada a amizade, pairava entre eles a postulação a amante. Dona Brasina não ia deixar pra lá. Por isso tentava tempero após tempero, cozidos de um jeito ou de outro, querendo sempre encontrar a mão de Maria

dos Ipês que tanto agradava João Bracatinga. Ficaram os dois ali parados esperando que a despedida viesse com o vento. Sem saber ao certo dessa expectativa, o vento entrou na sala e farfalhou as páginas pregadas nas paredes. As palavras sussurraram com o sopro. Dona Brasina sentiu o coração acelerar, sabia que ia ter algo pra ver. E notou ali no canto da sala, olhando pro João Bracatinga, o fantasma de Cateto Bento. Entendeu o que tava acontecendo, e as possibilidades acariciaram sua nuca. Conhecia o infeliz. Todo mundo em Tapiribi conhecia. Ignoravam o narrado no capítulo anterior, Cateto Bento em vida foi muito reservado, salvo na confissão ao padre Sumé. Vendo ele ali em sua sala vestido de espectro, a cabeça aberta e tudo o mais, dona Brasina aproveitou pra mirar os olhos do morto. Contaram tudo a ela. Mesmo sem saber, contaram todo o passado de Cateto Bento, desde a fuga da cidade incógnita de São Paulo até o assassinato por parte de Maria dos Ipês. Era boa leitora, leu os olhos com cuidado. Descobriu as dúvidas de João Bracatinga e soube que podia ajudar a escrevê-las, até pontuar elas. Dona Brasina podia agora falar “A tua mulher, ela assassinou aquele moço, o Cateto, e tá só esperando pra te matar também”.

“E aí você diz”, falou o fantasma, notando as ideias de dona Brasina, “Mas eu tô aqui pra ser tua, só tua, sem segredos nem mortes.”

Levou susto ao notar ser notada pelo fantasma. Ele olhava bem nos olhos dela agora. Sorria num convite difícil de dizer não. Os dois sabiam que, se dona Brasina argumentasse contra Maria dos Ipês, dali minutos João Bracatinga migrava pra cama da postulante a amante e denunciava a esposa pelos crimes contra o ex-marido.

Na indecisão o homem tava vulnerável. A boceta de dona Brasina queimava os anos de desejo. Bastava comprar a briga do fantasma de Cateto Bento.

Mas agora dona Brasina conhecia o Cateto Bento. E dona Maria dos Ipês. E sabia que João Bracatinga amava Maria dos Ipês. E ela amava João Bracatinga”.

“Você se cuide, João.”

O fantasma se enfezou. Soprou vento mais forte e todas as folhas nas paredes balançaram até se desprender dos pregos e voarem ao redor dos assustados João Bracatinga e dona Brasina. Palavras e mais palavras cercaram os dois num redemoinho que não dava pra escapar. Até o vento acabar e as páginas literárias de dona Brasina ficarem todas espalhadas pelo chão.

“Deus nos livre e guarde”, riu-se ela, toda tristonha.

“Tu quer ajuda?”

“Não, meu anjo. Vá cuidar dos teus assuntos.”

E João Bracatinga foi mesmo. O fantasma de Cateto Bento seguindo atrás.

Dona Brasina se abaixou pra catar suas páginas sem se importar que as molhava de choro.

## 15.

Quando saiu do Rio Grande tinha traçado destino pro Mato Grosso, do sul ou do norte. Ia em busca de terras sem o mando dum coronel ou outro desses machos cheios de armas e peões. O pai já tinha morrido, o tio tinha partido, João Bracatinga achou que era hora de vestir o pala e partir dos pampas, apesar dos ensinamentos paternos.

A terra herdada era boa. Herança do vô, seu Zão

Bracatinga, guerreiro indomável. Meio índio, Zão Bracatinga não perdeu tempo quando Dom Pedro chamou. Partiu pro Paraguai. A promessa de glória, honra e terras atraía o gaúcho, depois de tempos lidando com o gado dos outros. Queria furar os buchos paraguaios e colher das entranhas deles o pampa pra alimentar o boi. Lutou e não morreu, mesmo a morte sendo a regra lá pros lados do Chaco. O império venceu a guerra, as baixas não importavam, e Zão Bracatinga voltou ao Rio Grande com posse duma área do pampa, toda dele pro gado e pros cavalos. Devia obediência ao coronel local, mas isso todos deviam. Talvez um capitão Rodrigo viesse um dia desafiar a ordem, por enquanto obedecia e podia seguir dono, “Fazendeiro! Vou cercar tudo pra mostrar que é meu”, o que fez. Quando Maneco Bracatinga e Jonas Bracatinga herdaram a terra, tava ela toda cercada e delimitada de acordo com os papéis assinados por gente com poder pra isso.

“Aqui vamos honrar o nome do pai”, tinha dito seu Maneco Bracatinga.

“Daqui parto é pra ver o mundo”, riu-se o Jonas.

“Vai acabar na barriga duma baleia, guri besta.”

“Pois melhor que virar adubo da grama pro boi comer.”

Jonas Bracatinga vendeu a parte dele da terra pro irmão. Maneco Bracatinga comprou com desgosto. Sabia que o pai, se estivesse vivo, morreria de ódio. Daonde que ia sonhar com um dos filhos deixando a terra conquistada com sangue? Jonas Bracatinga não se importava. Só não tinha partido antes pela falta de capital. Carregado de sacos de dinheiro, partiu dos pampas pra Porto Alegre

e de lá pro mundo. Sabia-se que tinha adquirido barco surrado por ondas do mundo todo e castigado por ventos de todo o globo, o antigo capitão chegou montado num cavalo sem conhecer a arte e contou o caso, e seus jeitos amorosos convenceram marujos a tomá-lo como capitão. Pouco souberam das rudezas da alma. Essas se descobrem pra além dos amores, já sem volta.

Nascido nos pampas e criado nos pampas, João Bracatinga não conheceu nada do mundo além do reto sem fim e verde das coxilhas até a Ceifeira vir recolher os pais. Foi criado pra criar gado. O pai, rude de jeitos e amoroso de alma, ensinou o filho aos modos gaúchos. Com cara fechada pro frio ou pro calor, embaixo do pala pra um e de mangas arregaçadas pro outro, “Nada de tirar a camisa, guri. Pode estar passando prenda de outro macho e tem que respeitar a mulher do outro, tá nas Escrituras”. Mostrou como enlaçar novilho, pastorear os bois levando dum lado pro outro do pampa, como tosquiá ovelha, salgar o charque, como parir um bezerro, tratar das doenças, escolher o melhor pasto e fazer mira em argentinos ou uruguaio longe de casa, “Que pelear tá na alma dos três irmãos”, e aproveitou pra ensinar a tratar ferida de bala e adaga também, “Caso acerte. Somos irmãos”. Seu Maneco Bracatinga ensinou o filho a acender fogo, preparar churrasco, beber cachaça sem careta, descobrir se vinha chuva pelo sabor do vento e a preparar o chimarrão. João foi aprendendo tudo quieto. Acenava que sim quando sim e não quando não. Nunca recebeu abraço do pai. Os sorrisos discretos quando acertava o laço bastavam. Aprendeu a amar seu Maneco Bracatinga e a terra deles.

Abraços ele dava e recebia da dona Mantinha Bra-

catinga. Tudo secreto, longe das vistas do pai. Se o gaúcho visse, e viu abraço ou outro, ralhava logo: “Vai amolecer o guri!”. Seu Maneco Bracatinga acreditava na pérfida do mundo, que só se vence na base da dureza. Dona Mantinha Bracatinga ria. O marido nunca negava os abraços dela embaixo dos cobertores. João Bracatinga dedicava a devoção do peito à mãe. Era boa e santa. Fazia as melhores comidas. Os chás pras dores fervidos por dona Mantinha Bracatinga eram os mais amargos, ainda mais que o mate, mas também os mais milagrosos. Nos braços da mãe, João Bracatinga achou o carinho que a alma amorosa precisava pra não ser envolvida demais pelos jeitos duros. Aprendeu a ser homem, gaúcho, tanto com o pai como com a mãe.

Por isso que quando enterrou os dois, colhidos pela Ceifeira por piedade na mesma noite de agosto, João Bracatinga não chorou. Arregaçou as mangas, apesar do frio, e cavou duas covas, tão próximas que eram como uma, e lá pôs os corpos. Cravou cruz entre eles e rezou pra que a Sagrada Família acolhesse eles bem. Por dentro, João Bracatinga sofria a dor e a saudade. O até logo aos mortos é sempre um adeus, não importa que sonhemos que não.

Assumi a estância com todos os sonhos do pai e do avô. Ia tocar a criação de gado e manter a horta pros legumes e vegetais. Não era terra grande, mas boa prum homem se fazer sem passar dificuldade. Atestado era o pai. João Bracatinga olhava sempre a cerca em volta da terra e inflava ainda mais os sonhos.

Solto dos regimes do sol a sol do pai e cheio de varonisse, João Bracatinga passou a visitar as cidades da região pros bailões. Não descuidou dos deveres, mas se embalou bastante por beijos e cachaças. As xinas, filhas

dos fazendeiros do entorno, eram todas bonitas e prontas pros dotes de João Bracatinga. E eles eram muitos. Bastava pisar num galpão, salão ou paróquia pras moças se agitarem feito pipocas. Os jeitos duros pareciam exalar perfume mágico. A descoberta da alma amorosa era decreto de paixão pra vida toda. João Bracatinga não se furtou de desvirginar as moças e nem as casadas, “Que sou virgem do amor”, alegavam ao deixar cair os vestidos. João Bracatinga tratava delas como fazia com todas. Nunca foi homem de negar beijo, o faria só se muito machucado por uma mulher. Quanto aos maridos, os jeitos duros resolveriam, se necessário.

Nem todo jeito duro do mundo de um único forte vai contra os ditos de um coronel. E o da região, acostumado a ser ele o desvirginador de moças e casadas, embora por jeitos e almas duras, enfezou-se ao ouvir que o filho do Bracatinga descobrira vocação pra galo cheio de crista, “Pra evitar a comoção, vamos dar um susto primeiro”, tinha dito o coronel da região aos peões, suscitando questão de um deles: “E se não gostar e querer dar de bonito?”, “Nesse caso vai ser legítima defesa e tu e teus companheiros sabem o que fazer”.

Não deu uma semana e o coronel cavalgou pra terra de João Bracatinga com plano traçado. Ia alegar ter achado testamento nos papéis do pai. O documento fictício, mais antigo que o trazido por Zão Bracatinga do Paraguai, revelava ser de posse da família do coronel metade da terra de João Bracatinga. Não ia se esforçar pra convencer João Bracatinga da veracidade do documento. Não era por isso que tava indo lá, você sabe. A veracidade se dava nas espingardas dos quatro peões.

“Vamos tratar de justiça, guri”, disse o coronel da região quando João Bracatinga saiu da casa. Nem ele e nem os peões apearam.

“O que lhe devo, seu coronel?”

“Só o que é meu, guri. Que tem coisa que é da gente por direito, os mais novos não têm que chegar e pegar com a mão grande. Tá me entendendo, guri? Teus pais não te ensinaram? Barbaridade!”

“Não sei que temas são esses que tu traz, seu coronel.”

“Sabe sim! Sabe sim!”, o que era verdade, João Bracatinga não era bobo. Até por isso não convidou o coronel e seus homens prum mate lá dentro da casa, “Trago aqui testamento antigo, guri. E tá escrito aqui que meus ancestrais foram roubados. Tu acha errado isso de roubo, não acha, guri? Mas vamos ajeitar. Tô te dando a oportunidade de ajeitar e evitar o pior. O documento é esse aqui. E nele tá escrito que parte da tua terra, na verdade, pertence à minha família”.

“Posso ver o papel?”

“Se tu sabe ler, claro que pode.”

O coronel da região entregou o papel em branco pro João Bracatinga, que leu o documento fictício com ódio. Entendia tudo: as espingardas, os peões, os desejos do coronel da região e como eles não podiam ser contrariados. A quem ousasse bater de frente com o sujeito, restavam documentos fictícios ou as espingardas — estavam engatilhadas, João Bracatinga sabia, era só mirar e atirar. João Bracatinga apertou os olhos e leu com calma. Não tinha jeito de pelear contra os peões e o coronel. Podia ser macho, besta é que não era. Metade da terra arranjada pelo

avô e cuidada pelo pai ia passar pras mãos de terceiros. Decerto a parte que cabia ao tio, Jonas Bracatinga, mas antes ao mando dele que de qualquer outro. João Bracatinga sabia que o pai não ia deixar lhe tomarem a terra. O avô muito menos, fundava outra guerra pra conservar aquelas cercas. Só que João Bracatinga não era o pai nem o avô. O tio Jonas Bracatinga tinha deixado os anseios do pai de lado e partido, demonstrando que o sangue ancestral podia ser forte, não irredutível, “Que um dia vem um mais macho e me toma tudo. Prefiro ir atrás do que não se pode tomar”, tinha dito Jonas Bracatinga ao partir, um dos vários ditos dele. Quando indagado o que era isso que não se podia tomar, riu debaixo do bigode pra responder: “Não ter lugar nenhum que é meu”. João Bracatinga não sabia se podia ser como o tio. Tinha um bom tanto do pai e do avô nas artérias. Mas não ia ficar ali pra ter tomada a outra metade numa tempestade do coronel que talvez lhe levasse até a vida.

“O coronel tá certo. Tá tudo aqui escrito. Cada homem tem o que merece”, frase longa pros modos calados de João Bracatinga.

“Pois eu mereço é tudo o que eu quero, guri.”

João Bracatinga saiu pra vender a terra tão logo viu os cavalos sumirem no pampa. Não ignorou o documento fictício na hora da venda. Conseguiu bom dinheiro por metade das terras, a criação, a casa e o que havia dentro dela. Toda propriedade é cobiçada nos pampas. Mais pasto pro gado é tudo no sonho daqueles gaúchos. Que o novo proprietário não enfrentasse desgostos com o coronel da região, tinha pensado João Bracatinga ao firmar negócio.

Sem tempo pros lamentos, João Bracatinga apanhou mala e cuia, jogou o pala velho por sobre o corpo e montou no cavalo. Ia no rumo das terras sem fim mato-grossenses. Diziam que lá naqueles cerrados e pantanais não tinha coronéis. Os horizontes eram amplos demais. Dava pra ter fazenda do tamanho do Rio Grande e não vinha um incomodar. João Bracatinga pensou que ia se firmar por lá.

No meio do caminho tinha o Paraná. E Maria dos Ipês.

## 16.

Colheu a araponga berrando num dos galhos da figueira à beira do Rio das Antas. O rio tinha esse nome pela quantidade de antas que antes viviam ali. Foram fonte de carne aos guaranis por séculos e pros caboclos vindos de outros cantos por décadas. A chegada do coronel Trajano Machado condenou elas pra sempre. As poucas, sobran-tes, subiram o rio até a serra do Anhangá, pra proteção do espírito. Pondo a araponga no bolso, João Bracatinga aproveitou e tirou de lá palha e fumo. Ajeitou novo cigarro e fumou, vendo o rio correr pro Rio Paraná.

“A delegacia fica a uma pernada daqui”, disse o fantasma de Cateto Bento, “Ir até lá é o certo. É o justo. Entendo tua relutância, você gosta da Maria. Quando a gente gosta de alguém o mais comum é proteger a pessoa a qualquer custo, né? Mesmo estando errado. Sei disso porque me sentia bem assim com a Maria, bem igual a você. Via os errinhos dela, as falhas, as coisas miúdas que eu pensava ‘nem vou dar bola’. Que erro, né? Erro meu. Eu via e sabia dos pecados dela e não fazia nada, João. Até o dia que ela veio e meteu o machado na minha cabeça”,

o fantasma fez questão de abaixar a cabeça e mostrar o buraco pro João Bracatinga, “Você tá vendo só, João? Você pode pensar que o que ela fez comigo é passado, que ela teve os motivos dela e o mais certo é deixar pra lá. Gostar é perdoar, né não? Mas olha, João, quem tinha que perdoar ou desperdoar era eu. E não perdoo não. Ela tem que responder pelos crimes dela, não tem jeito.”

João Bracatinga ouvia o fantasma e fumava. O Rio das Antas corria. Tava triste com a Maria dos Ipês. Desde a chegada do Rio Grande que amava ela. E achava que conhecia ela. Não se achava senhor do passado da mulher, nem do presente ou futuro. Mas achava difícil ignorar uma ossada no quintal. Maria dos Ipês tinha assassinado o antigo marido e mentido sobre o sumiço dele. Por mais que amasse a mulher, João Bracatinga se sentia traído. Não era fácil ignorar as assombrações do fantasma e ver que ele tinha lá as razões dele. E tinha a questão do cabide também. Se o fantasma dissera a verdade, isso explicava o outro fantasma, o do piá.

Olhou pra cima. Os galhos da figueira se espalhavam para todas as direções. Eram tantos e tão entrelaçados que formavam um pano trançado. Os galhos feitos em linhas se cruzavam, se confundiam e deixavam só uns poucos raios de sol chegarem ao solo. Por isso as pessoas amavam as figueiras, mais ainda o povo das regiões que torram ao sol. Trepado nos galhos, o fantasma do piá se movia ligeiro. Pulava de um para o outro e gargalhava. O riso dele, sempre doído, machucava João Bracatinga mais ainda agora.

“O bar é aqui perto também”, falou.

“Não, mas passar lá primeiro vai contra os nossos

objetivos, João. Se chegar na delegada bêbado com história de esqueletos ninguém vai te levar a sério. Não, João, você já bebeu de manhã. Vai na delegacia e depois bebe na volta, qual o problema com isso? Até acho justo que passe no bar, que beba o tanto de cachaça que quiser. Se eu fosse vivo, quero dizer, se a Maria não tivesse machadado minha cabeça, pode ter certeza que eu pagava uns gols. Só que depois da visita na delegacia, depois de relatar tudo direitinho lá, você bebe. Veja bem, não precisa fazer muito, dar muitos detalhes não. É só ir lá, contar da horta que tava fazendo e de ter encontrado ossada. Até é bom dizer que falou com a Maria e que ela confessou. É, diz isso sim. Que ela te ameaçou pra que não contasse. Você tá correndo perigo de morrer e precisa que as coisas se ajustem!”

O medo de João Bracatinga não tinha relação alguma com o suposto perigo de morte. Não ia gostar de ser assassinado, mas isso podia ser pela mão de um outro. Qualquer bandido ou desavença mata se as motivações são fortes. Ver a confiança espatifada era só pela Maria dos Ipês. Percebeu que se fosse à delegacia era por remorso. Por rompante. Tava ferido e entregar Maria dos Ipês era jeito de deixar isso bem claro. Se não fosse, a vida ficava intragável. Ia entalar o caroço numa crença perdida na garganta. Os olhos pretos de João Bracatinga ardiam a ponta do cigarro chupado com força. Aquela raiva da Maria dos Ipês ia sendo sugada pra dentro, esfumando o pulmão e correndo pelo sangue pro corpo todo. O coração era só carvão bombando e bombando. O fantasma de Cateto Bento via e gostava. Aquele era o cigarro dele e o fumo era bom. Fumo de assombração. Na figueira o piá

pulava e gargalhava, tudo triste.

“Ir na delegacia te faz engolir o rancor e ficar bem, meu amigo.”

Ou fazia o caroço descer com pinga.

João Bracatinga chupou o resto do cigarro. Jogou o toco no Rio das Antas, que corresse ao Rio Paraná. E foi resolver seus assuntos.

## 17.

A cavoucada na alma tinha ido fundo demais daquela vez. O prazer veio, sempre vinha. Mas outras aplicações do verbo lançaram o mundo de Maria dos Ipês num buraco fundo, sem possibilidade de escalada. Só dava pra ir mais fundo. O piá lia ao lado dela. Encostado na parede, olhos sérios, não se desgrudavam da narrativa de jeito nenhum. Tudo triste. Sombras mais escuras eram a promessa do ir mais fundo. Pois que fosse.

Sentada na varanda da casa, no toco usado por João Bracatinga pra matear, Maria dos Ipês mirava a retidão daquelas terras. Sem a névoa da manhã, se estendiam pro infinito, numa corrida pra se fundir com o céu. Nos tempos de antigamente, nem tão antigamente, aquilo era tudo mato. Boa parte do Paraná era mato. Pinheiros enormes tomavam o território para si. Os braços abertos nas copas altas davam a impressão de mirar floresta de cogumelos. No noroeste já não tinha tanto pinheiro. A mata ali era outra, mais própria ao clima quente, de estações chuvosas e secas. O verde das chuvas se trocava pelos galhos pontiagudos das secas todo ano. Só os ipês amarelados se pintavam em meio à floresta. Ainda

era assim quando os pais da Maria dos Ipês viraram no Rio das Antas, depois de tempos descendo o Rio Paraná, “Aqui vamos criar nossa filha em paz”, falou Sara, sem ser dos Ipês ainda. Os olhos carvoeiros brilhavam. Tanto pela beleza da mata virgem só deles como pela pequena sugando o peito da mãe. Oriço, sem ser dos Ipês ainda também, remava mais devagar agora. Os braços queimavam. Decidido a vencer a própria corrente, pouco tinha parado de remar desde Minas ou São Paulo, não se sabe ao certo de onde vinham. Seus olhos também brilhavam. Tinha diante dele terra boa e segura, sacos de dinheiros não declarados e a coisa mais bonita do mundo todo, a família que tinha ajudado a fundar, “Tô feliz, mulher”, dizia ele a cada poucas remadas, “Tô feliz”.

Antas se banhavam no rio. Os bandos apareciam por toda parte. Os bichos mergulhavam num canto e apareciam em outro. Filhotes cheios de algazarra tentavam o mesmo, lutando pra que a correnteza não os levasse. Tinha outros bichos naquela selva: pacas, cutias, capivaras, todo tipo de macaco, além de cobras, lagartos e jacarés, troncos de armadilha nas águas, e nelas tinha um monte de peixe, piranha, pacu, pintado, dourado, nadavam pra todo lado, fartos, e as aves cantarolavam nos galhos, araras, tucanos, papagaios, sabiás, arapongas, “O lugar é abençoado, Oriço! Os deuses ouviram os nossos pedidos”, “Não vai faltar comida”. No dizer isso, Oriço viu flechas e lanças voarem. Já sacou o revólver da calça. A mira pronta pra defender a família. Não iam ser os primeiros tiros da viagem. Sara conjurou a faca de algum lugar improvável das roupas. Não precisaram lutar. As flechas e lanças não tinham como fim o sangue deles,

e sim das antas. Uns cinco homens pelados saltaram da selva pro rio numa bagunça de água, sangue e berros desesperados dos animais enormes. Vários tinham lanças e flechas enfiadas nos dorsos. Os homens agarravam o que podiam e arrastavam para a margem, não sem aguentar coices e mordidas. Sara e Oriço assistiam a tudo sem recolher as armas, pro caso de haver ameaças. No cheiro do sangue todo homem é perigoso.

A caçada acabou depressa como começou. Logo o rio era o mesmo, cheio de vida. A correnteza logo levava embora o rastro da morte. Os cinco homens que tinham avistado a canoa de Sara e Oriço faz tempo revelaram-se donos de suas próprias Canoas. Embarcaram nelas e foram travar conhecimento com os estranhos.

“Tão vindo daonde?”, perguntaram em português, após tentar o guarani.

“De longe”, Sara respondeu.

“Guarde a arma, moça. E você guarde a tua também, moço. Somos bem mais que vocês. Se fosse pra fazer mal, já tínhamos feito.”

“O mal não se planeja. Por serem tantos é que seguimos armados”, respondeu Oriço.

“Que é que querem aqui?”

“Viver.”

“Matando os outros?”

“Queremos nada de morte com quem não mexer com a gente. Já tamos cheios disso.”

As gentes das Canoas ficaram se olhando. Os cinco homens com suas lanças e flechas, apesar de não quere-rem maldades, Oriço e Sara com revólver e faca. O sangue já tinha corrido todo pra longe.

Sara embainhou a faca de volta pras roupas. Oriço pôs o revólver na calça. Sumiram das vistas lanças e arcos. Eram agora só gentes em canoas, umas cansadas de tanta viagem, outras alegres pela carne que iam levar pra bocas e barrigas esperando, “Venham pra terra. Vamos tomar mate, comer e palestrar”. Oriço embicou a canoa pra seguir os guaranis. Tinham mesmo muito o que palestrar, se Sara e ele pretendiam viver ali.

A mata escondia a aldeia das gentes das canoas. Clareira grande, aberta pra comportar famílias de todos. As ocas se reuniam no entorno do centro, vazio, meio comum. Todos os que estavam por ali fazendo as tarefas costumeiras pararam e foram se inteirar com os forasteiros. Não tiveram medo, como os cinco homens antes. A Maria pendurada no peito de Sara ajudou na simpatia. Todos se apresentaram, a família que logo seria dos Ipês fez o mesmo, e já tavam em torno de uma fogueira bebendo mate, “É o que alimenta o ser”, diziam as gentes, passando a cuia, “Lá de onde viemos não era o costume. Tinha mais era café”, explicou Oriço, “A gente ouviu isso do café. Mais pro nordeste da nossa terra tão lidando com café também. Derrubam a mata toda pra plantar os cafés, onde já se viu? Planta sozinha dessas deve ter gosto dos piores”, “O povo gosta muito. Manda pra Europa, pro resto do mundo. Gente feito eu morreu demais pra encher a terra de café”, Sara falou, “Tá é tudo errado, meus amigos”. Sara e Oriço gostavam de café. Gostaram também do mate. Era gostoso sentar daquele jeito e beber junto de todo mundo. A cuia de mão em mão unia a gente da terra aos aportados. “Vocês não são bandeirantes não, né?”, quiseram saber, só pra findar de vez com as descon-

fianças, “Como é que íamos ser? Essa praga já sumiu faz tempo”, “Sempre aparecem uns. Falam que são outra coisa, mas são bandeirantes. Os jesuítas diziam pros nossos antepassados: ‘tomem cuidado com os bandeirantes, são os diabos em corpos de homens’. Aprendemos o que eram diabos ao toparmos com os tais bandeirantes. Gente ruim. Vinham atrás do nosso povo pra trabalhar pra eles, talvez até nesses cafezais de vocês. Fomos lutando como deu, mas as mortes foram muitas, e hoje nos escondemos na nossa própria terra”, “E esses jesuítas eram bons?”, “Do jeito deles. Só que cheios de pecados. Metidos a matadores de deuses”, “E mataram algum?”, “Deuses não morrem não. Acabam misturados”, “Não somos bandeirantes. Meu homem e eu tamos fugindo. Vivemos fugindo. Se vocês se escondem na terra de vocês, fugimos na terra em que fomos jogados. A terra dos nossos pais é outra, atravessando o mar. Uns meio que bandeirantes tiraram a gente de lá pra enfiar aqui. Agora a gente foge”, “A gente não diz que bandeirante não presta?”. O caso agora era acertar a permanência por ali, “Esta terra é nossa mas não é só nossa. Toda terra nunca é só de um povo só. O povo dos jaguar, dos tapir, dos guará, dos suaçu, todos os povos dentro dos povos das gentes têm direitos iguais”, “Então podemos nos firmar?”, “Não é bem assim. A gente guerreia. Um guará arreganha os dentes pra outro por causa de terra. As gentes humanas levantam lanças e flechas. Os direitos são os mesmos, não quer dizer que vai ser ao mesmo tempo. Por isso guerreamos e deixamos que os espíritos e deuses decidam”, “Que querem dizer?”, a mão de Sara já buscava nas roupas a faca, “Não queremos guerra com vocês e vocês não querem com a gente. Tomaram nosso

mate, trocamos histórias. É bom assim. Só que pra ficar não dependem de nós. Vão ter que falar com o Anhangá”.

O Anhangá é espírito ocupado. Protetor das matas, troteia por aí resolvendo todo tipo de assunto. Hoje contam as lendas que é o protetor dos animais, que faz espingarda negar fogo, que pode mesmo trazer bicho morto por caçador de volta à vida. Não é bem isso. O Anhangá tem seus interesses, seus pedaços de mato, suas compras de lado. Se saísse cuidando de toda presa, os caçadores nunca que iam comer. As onças iam protestar. O Anhangá cuida só de uns e outros, depende do humor. Não vou negar que mais cuide que descuide, por isso o desafio do caçador é maior que o da presa. Do jeito dele, o Anhangá tende à justiça.

Ficou decidido que Sara, Oriço e Maria iam esperar na aldeia até os sinais de que o Anhangá tava pronto pra falar com eles, “E que sinais são esses?”, “A florada dos ipês”. Iam aproveitar de tudo que as outras gentes tinham direito: as comidas, festas e também as tarefas comuns aos gêneros, que, apesar de terem entre si política igualitária, entendiam as atribuições distintas nas sociedades. Oriço ia caçar e pescar com os outros homens, Sara ia roçar e fazer farinha de mandioca com as mulheres. Maria ia só mamar. Foram todos pegando gosto uns pelos outros. Sara e Oriço, escondidos nas terras dos guaranis, rezaram à moda de cada um pra que o Anhangá deixasse eles ficarem. Estavam cansados demais de fugir. Não queriam o mesmo fado ruim pra filha.

Veio chuva, foi chuva e os ipês floresceram. As pinçeladas de cor tomaram a mata. As cores vivas enxiam o céu e o chão, onde tapetes de flores carregadas pelo vento se estendiam. A clareira da aldeia de repente era só rosas,

amarelos, roxos e brancos em sopros ou tapetes. Os perfumes se fundiam uns nos outros, num boticário como de nenhuma outra parte.

“É tempo dos ipês.”

“Como é bonito”, falaram Sara e Oriço.

“Se o Anhangá decidir por vocês, vai ser.”

Entenderam que não tinha sido falado apenas que era tempo dos ipês. Que a florada explodira, mesmo nos ipês fora de época, tava evidente. Era tempo deles, Sara e Oriço dos Ipês, batizados pra saberem se iam poder parar de fugir.

Os ipês daquele tempo ainda havia. Maria dos Ipês mirava cada um deles. Segurava os olhos pra não cascatearem. O horizonte de plantações pedia por cavalgadas, impossíveis no tempo da chegada dos pais. Maria dos Ipês não lembrava do encontro dela com o Anhangá, mesmo que o espirito queimasse claro na memória. Mirava o oeste. O sol logo ia se por. Posta entre o sol e seu berço, às costas de Maria dos Ipês, levantava-se a Serra do Anhangá, trecho único de mato na devastação das culturas.

## 18.

O fusca tropeçava e tossia pela estrada. Os faróis não funcionavam direito. O lusco-fusco era feito de cegueira. João Bracatinga só sabia era acelerar. Tava na quarta marcha, não tinha como ir mais fundo. O fantasma de Cateto Bento, ali ao lado, imune à morte, sussurrava das dele no ouvido de João Bracatinga. Nem o rádio com os modões do Almir Sater, Sérgio Reis ou Renato Teixeira ajudaram. Os sussurros de Cateto Bento eram bem mais altos. Assim

trabalham os fantasmas. João Bracatinga dirigia confuso. As decisões tomadas podiam não ser as melhores. Cada virada no volante era uma mudada de ideia, vontade de voltar atrás. Desviava de pedras que só ele via, e talvez o Cateto Bento, ele que até conjurava algumas, como também parecia afundar um pouco mais o acelerador e roçar de leve o braço de João, virando o volante um pouquinho, mas de pouquinho em pouquinho que se fazia muito. Ia descobrindo jeitos melhores de assombrar. João Bracatinga sabia que tudo ia acabar mal. As decisões já nem importavam de verdade. Uma ou outra, tanto fazia, não tinha jeito de a história ter qualquer final feliz. Tava sóbrio o bastante pra ver a figura flamejante surgir aos saltos do mato pra estrada. A figura parou, mirando o carro. Tava bêbado o bastante pra só saber virar o volante e frear, derrapando pela estrada e quase capotando. Só não tomou porque bateu num ipê. Tonto, João Bracatinga olhou pra estrada pra ver que diabo era aquele. A figura enorme de um veado olhava pro rumo dele. Os olhos eram duas luas fofas. A galhada parecia os galhos dos ipês secos, apontando para todos os lados, cada ponta afiada de morte. João Bracatinga pensou que era ele o observado. Viu logo que não. Ao seu lado, o fantasma de Cateto Bento era só espanto, raiva e medo. Praguejou. O veado apontou a galhada na mira dele, furioso, dava pra ver. Ouviu-se urro estrondosos da goela do veado: “Você é gente do coronel! Maldito seja! Serve aos propósitos dele, vivo ou morto, não tem mais cura, não tem mais jeito! Maldito seja, alma penada! Que tropece nas tuas assombrações e caia no colo do Capeta!”. O fantasma de Cateto Bento abriu a porta do fusca e saiu correndo pela estrada, todo cuidados pra não

se embrenhar no mato. O veado deixou que fosse, olhou última vez para João Bracatinga, e sumiu aos saltos nas trilhas que seguia. João Bracatinga não tinha se machucado. Deus cuida dos bêbados, o filho do tal era fabricante de vinhos. Saiu do fusca e o encontrou irreparável, todo amassado e fumacento. Suspirou e seguiu caminho, os modões agora só os dos grilos e cigarras.

## 19.

O vulto vinha andando devagar, todo faceiro. Maria dos Ipês não precisou nem apertar os olhos já cansados pra saber, como não precisou recorrer ao fato de que vinha do lado errado, das bandas do Rio Paraná. Maria dos Ipês conhecia João Bracatinga, seus passos e modos. O que a fez sentir medo pelo que vinha aí.

Sara dos Ipês e Oriço dos Ipês também sentiram medo. Iam ao encontro do Anhangá. Conheciam as lendas, corridas também lá pro norte, “Que os cristãos disseram ser o próprio diabo”, argumentou Oriço. “Que é que disseram os cristãos dos deuses dos nossos pais? Chamaram todos de diabos, malignos, coisas ruins. Não tenho nada contra o Jesus, até gosto do sujeito, mas ô povo infeliz que ele arranjou pra seguidor!”, disse Sara, mas lembrou: “Agora, diabo ele pode não ser, mas já ouvi as histórias sim. Não foram poucos os que o Anhangá matou. Gente preta, gente branca, nunca foi de discriminar na hora de pôr a cabo vida de gentes”. Os dois conferiram as armas, pra ver se estavam muniçada e afiada, cada caso é um caso. Não podiam se deixar matar. Tinham a Maria pra criar. “E se a gen-

te fosse embora, preto? Descendo mais pro sul é a Argentina”, “E mais ainda o Rio da Prata! Zarpamos pro Atlântico até aportarmos na África. Daí que se acabou a fuga mesmo.” Sara dos Ipês mirou o companheiro com os olhos calmos e confortantes. Queria dizer a ele que o tempo passado ali naquela terra nova tinha ensinado lição importante pra ela. Já não tinha lugar pra eles dois lá na África, que sabiam o continente, não o povo ao qual pertenciam seus pais. E os brancos tinham bagunçado lá também. Não, voltar pra África era continuar fugindo. Era dar razão pros desgraçados que os tiraram à força de lá e agora queriam mais era que voltassem. Era perder a guerra de séculos depois de tanto sangue preto oferendado pra vitória. E Sara dos Ipês não era de correr de briga não. Mais ainda com a filha pra criar. Aquela terra era dela, era do Oriço, era da própria Maria, e tava pronta pra oferendar mais sangue pra atestar a reivindicação, “Falamos com o Anhangá, preto. Respeitamos, afinal é espírito antigo e poderoso. Mas se vier pra cima de nós se meter à besta, cortamos o chifre, arrancamos a pele e ganhamos a terra no dente”. Oriço dos Ipês aceitou que sim, com o coração mais quente.

Estavam os dois no meio do mato enquanto conversavam. Tinham dito pra eles se embrenharem, só pararem quando já não desse mais pra ouvir voz de gente, só de bicho. Acharam onde sentar e fizeram fogo pequeno, pra espantar o frio e dar qualquer conforto. As chamas tremulavam fraquinho. O mato em que estavam não abria clareira, eram poucos os lugares mais amplos, de horizontes. Não dava pra fazer fogo decente. Acharam que foi esse o motivo de a fogueira ter apagado

como se tivessem soprado ela. Perceberam logo que não. Um assobio grave ressoou na mata escura. O assobio era serpente, voando baixo, deslizando entre as árvores em torno do casal. Nenhum outro bicho murmurava mais. Só o assobio, ora ali ora aqui, ora sem poder dizer onde e em todo lugar. Oriço e Sara correram as mãos pra se armarem. Se fossem cair, ia ser peleando.

“Nunca gostei de fogo de gente. Fogo danado”, falou voz grossa e baixa, cheia de ameaças. Os dos Ipês tomaram susto com a aparição. Um veado enorme, todo branco, brilhando feito a lua ou fogo bem forte, surgiu no meio do mato na frente deles. Os olhos vermelhos acertavam as almas como flechas. Queimavam, e era fogo selvagem. A galhada tinha mais de mil pontas. Avolumava-se rumo ao céu feito galhos de mata seca, “Sopro todas, pra aprenderem a ser livres”.

Era o Anhangá, espírito das selvas, protetor dos bichos e matos. Quem topa com ele até entende o medo jesuítico e os boatos que espalharam. O coração da gente cristã é todo povoado por demônios. Enxergam chifres em tudo, como sombras deles próprios. Como é que não iam confundir o Anhangá com o diabo deles? O Anhangá não investiu contra as histórias jesuíticas. Desde milênios antes era temido, mesmo que antes com respeito devoto. Que os homens alimentassem mais o próprio medo, que se espantassem, que fizessem o sinal da cruz só de pensar no Anhangá. Pois ele é mesmo poderoso. Não poupa malfeitores. O medo cristão ia servir aos propósitos do Anhangá. Assim ele pensou, sem saber que os demônios cristãos se alimentam do mesmo medo pra fim de suas vilanias.

Os corações de Sara e Oriço dos Ipês batiam ligeiro de medo. E respeito. E vontade de serem assoprados pra aprenderem a ser livres, “Tentaram nos encilhar também, pôr correntes, encarcerar nossas histórias. Viemos pra cá porque não queremos mais isso não”.

“As mãos dos dois voaram depressa pras armas.”

“E que fogo não queima?”

“Depende do meu sopro”, o Anhangá olhou fundo na alma dos dois, e falo no singular pois já era coisa única. Quando nos fadamos pro mesmo fim acontecem dessas misturas, “Maria dos Ipês”.

“Como é que sabe o nome se não dissemos?”, quis saber Sara, só depois percebendo ser questão injusta.

“Que é que querem por cá? Falam tanto de liberdade, de se desencilhar. Acham mesmo que podem? Vocês que são gente não podem, tão sempre presos numa coisa ou outra. Presos à fome, ao ódio, ao amor. Fugiram lá do norte naquelas canoas foi por presos ao medo, por presos à vontade de não estarem preso mais. Não existe liberdade pra vocês, Sara e Oriço dos Ipês. Vão firmar rancho aqui e vão se prender à alegria ou à ilusão de alegria. A menina Maria vai crescendo e prendendo vocês nos amores de pais, sem que possam escapar, sem que possam deixar a cria se virar pois vão estar presos demais. Que liberdade é essa? Correr dum grilhão pro outro.”

“Foi coisa escolhida por nós. Liberdade é isso, seu Anhangá. Escolher o cárcere.”

“E no fim vão acabar sem escolha, presos à morte.”

Não responderam à agourenta previsão. Toda gente teme a morte e sabe ser ela o destino final. O Anhangá não declarava novidade. É só que nós, gentes, olhamos pro

outro lado sempre. Mesmo no último suspiro nossas cabeças tombam, evitando os olhos vazios da Ceifeira. Prisioneiros de sua colheira, fingimos liberdade nos tempos de safra que dispomos.

“Vocês fiquem. Sei da gente de vocês. Já houve sofrimento que basta. Quero ver a Maria dos Ipês crescer”, e se sumiu o Anhangá.

O fogo queimou de novo, já não estavam mais no escuro. Seguiram livres acorrentados ao que não há como escapar.

Maria dos Ipês, já grandinha, viu Jonas Bracatinga se chegar ao sítio, todo peitudo, à moda dele próprio. Trajava costumes de capitão marítimo pilchado, numa fantasia de carnaval ainda não inventada.

“Tarde, minha senhora”, saudou o capitão de peito largo, cabelos negros de cachos grossos e barba volumosa, mas bem aparada.

“Boa tarde, senhor Jonas Bracatinga.”

“Mas que barbaridade! Sabes meu nome sem que lhe apresente? Os ventos que me carregam sussurram a todas as damas que venho lá? Pois por infortúnio não ouvi o vento contrário e desconheço a tua graça.”

“O vento não sopra ela por aí. Sou Maria dos Ipês.”

“Muito prazer, minha bela Maria, nome de santa e rosto de rainha”, disse Jonas Bracatinga com o sorriso de capitão Rodrigo Cambará ainda mais largo, tirando o chapéu e prestando lisuras, “A senhora me diga, se não lhe for incômodo: conheces por um acaso um certo João Bracatinga? É meu sobrinho. Tô a procura do guri e se chegou ao meu conhecimento que vivia por essas bandas do Paraná.”

“De guri não tem nada, o João. É meu companheiro.”

“Sobrinho meu vai ser sempre guri embaixo destes olhos. E que gosto tem o guri! Bracatinga sempre escolheu mulher com o cuidado merecido. A mãe dele era uma chinoca dessas raras, formosa como a senhora mesmo, Maria.”

“Posso saber de que forma te chegou que ele tava por aqui?”

“Decerto que sim! Tive um sonho com ele, a senhora me perdoe que oculte o conteúdo, mas é coisa secreta, de família, pois nesse sonho me foi dito que eu tinha que encontrar o João. Acordei com a premonição e não perdi tempo. Corri pro convés do meu navio, que vencia as ondas lá do estreito de Drake, trecho dos mais perigosos dos sete mares, e pedi que um imediato me trouxesse um pássaro. O desaforado correu pros porões e me voltou com uma pomba, me chamando Noé. Pois eu ri e respondi: ‘tu tens razão! E essas asas vão em busca da terra prometida pra nós’. O desgraçado riu de volta sem perceber a incongruência, terra prometida é coisa de Moisés!”

“E teu nome é Jonas.”

“Tudo gente de jornadas bíblicas, portanto santas. Pois lancei a pomba aos ares com a missão de achar o meu sobrinho e voltar com a notícia. Passou sei lá quantos meses e me voltou o passarinho dizendo que o João tava aqui, às margens do Rio Paraná. Ordenei que virassem a nau pro rumo do Rio da Prata e cá estou. A senhora pode me fazer o favor de me chamar o João, dona Maria dos Ipês?”

“Ele não tá. Deve voltar por qualquer hora”, não disse “assim espero e rezo”, embora esperasse e rezasse.

“Tá certo. Vou esperar por cá, se não lhe incomoda.”

“Não incomoda não. Pode ficar. Gosta de mate?”

“E que alma do sul que não gosta?”

Jonas Bracatinga tomou o lugar ali no toco. Maria dos Ipês preparou a cuia pra ele, trouxe a água e o deixou ali, dizendo que ia se recolher. Foi pro quarto. O começo de noite era quente. Maria dos Ipês se despiu toda. O corpo negro abraçado pelo quarto de luz apagada. Foi até a cadeira onde João Bracatinga deixava o pala, o mesmo que usava na chegada e que ainda o cobria na lida nos dias frios. O pala ali na cadeira era o que dizia que João Bracatinga tava sempre perto, mesmo distante. Maria dos Ipês se enrolou no pala pra esperar João Bracatinga. Chorou da saudade que ainda ia vir.

## 20.

João Bracatinga sofria pela saudade que ia vir. Qualquer horizonte que se mira é outro abandonado. Ficar parado sabia não ser possível. O encontro do esqueleto enterrado no quintal era encruzilhada na vida dele com Maria dos Ipês. Talvez ela não esperasse chegar ali, pensava em tomar atalho antes do ponto sem volta. João Bracatinga evitava pensar que o atalho ia ter sido melhor. A vida toda dele pensou que ocultar assuntos era fórmula pra acabar tudo em tragédia. Descobrissem ou não os segredos, a vida se tornava miserável só de eles existirem. A prova era ou não era haver agora aquela encruzilhada? Não houvesse esqueleto, não haveria sofrimento. Só que se Maria tivesse tomado o atalho depressa, arranjado desvio longo que nunca desse na encruzilhada, iam ficar bem. Se João Bracatinga não cavoucasse os passados

esquecíveis de Maria dos Ipês iam ser felizes pra sempre e ele sabia disso muito bem. O que um enterra no coração não é pra ser desenterrado por outro sem convite. E são bem raros convites do tipo. Agora já tinha sido. João Bracatinga cavoucou, achou o esqueleto e foi assombrado pelo fantasma. Estavam na encruzilhada e iam ter que mirar algum horizonte. Assim é a história.

Já tinha caído a noite quando João Bracatinga avisou a chácara. Se Maria dos Ipês ainda estivesse sentada no toco esperando seu homem teria reconhecido o vagar de João Bracatinga e quem sabe tudo acabasse de jeito diferente. Do mesmo jeito, João Bracatinga teria reconhecido sua mulher lá sentada no toco esperando por ele. O coração ia se amansar, a alma ia se amornar por se ver aguardado. João Bracatinga viu o vulto sentado no toco, o jeito espalhado que se sentava e como sorvia o mate, e sentiu sabe-se lá o que pelo que ia encontrar ali.

“Tio Jonas”, disse João Bracatinga. A casa era a única luz no meio do breu. Para além daquele amarelo infestado de bichos zanzando, só as estrelas.

“Mas que barbaridade, meu sobrinho já é um homem! Veja só essa barba, essas rugas! Mas venha, guri, sente aqui e tome um mate com o teu tio”, Jona Bracatinga falava, abraçando o sobrinho. Tinha saltado prum abraço e agora o conduzia até a varanda, “Tua mulher me preparou este mate. Muito boa a xina, tu ensinou bem. Não se preocupe que não a enlacei, mas só porque sei que tu marcou a morena”, e riu-se todo.

Sentado no toco que era de João Bracatinga de novo, Jonas Bracatinga encheu a cuia e a passou pro sobrinho. João Bracatinga mirava o tio com espanto, mesmo sem

deixar o rosto revelar o susto. Não entendia como o tio podia estar vivo. Decerto já passara de um século tinha tempos. Assim mesmo não exibia as rugas que o próprio João trazia no rosto. O aspecto de Jonas Bracatinga era o de um garanhão pronto para as aventuras da vida e não de alguém se preparando pro sono.

“Tá me olhando assim por quê, guri?”

“Não esperava ver o senhor”

“Não esperava era me ver por cima da terra, fale logo o que pensa, homem! Pois já te adianto que fico pouco por cima dela mesmo. Meu chão é o convés do meu navio e as águas que o embalam mundo afora”, pelos modos do tio, João Bracatinga soube que ia ouvir uma história. Talvez o mate e o caso levassem pra longe a embriaguez, “Lembro bem dos pensamentos do meu pai. Dava valor demais à terra que arranjou lá naquele fim de mundo do pampa. Consigo entender o velho. Entendo teu pai também. O Maneco sempre olhava pro pai com os olhos brilhantes e nunca negou o gosto pra lida. Teu pai era um bruto, João. Valente, honrado, justo. Mas orgulhoso e cabeça dura. Nunca quis ouvir meus motivos, só soube condenar minhas escolhas. Mas eu sabia já naquele tempo que meu pampa era azul”, Jonas Bracatinga sorveu gole longo de mate logo que pegou a cuia. Encheu de volta, passou pro sobrinho e seguiu a narrativa: “Logo que teu pai comprou minha metade da terra, encilhei um cavalo e parti daqueles pampas. Se tivesse rumado pro oeste, decerto tomava o mesmo rumo que o teu, não podia ser? Ia me deparar com o Rio Paraná e quem sabe eu subisse ele, vindo passar por Tapi-ri-ri antes desse nome existir. Mas meu cavalo seguiu

pro leste. Cavalguei todo o Rio Grande até me achar em Porto Alegre. Os navios me encheram os olhos, guri! O Atlântico quebrava as ondas nas praias, mas era como se tocassem a minha alma. E me puxavam como a maré, insistiam pra que eu partisse. Acho que foi o infinito de verdade do mar que me apaixonou, mais ainda por mostrar que o infinito do pampa era falso e acabava depois da última coxilha. Pois me achava ali, de frente pro mar, com alguma fortuna nos bolsos e um cavalo encilhado. Precisava arranjar navio e tripulação”.

João Bracatinga era bom ouvindo. Desde piá tinha aprendido a ouvir, ruminar o escutado e só falar se já tivesse ideia feita sobre o tema. Maria dos Ipês adorava gastar horas palestrando com o marido pois se sabia ouvida. As gentes do bar também apreciavam contar causos pra ele por esse mesmo motivo. Mas ali ouvindo a história de como o tio virou capitão de navio, pelo menos uma parte de João Bracatinga tava mais intrigada com a ausência de Maria dos Ipês. Queria ver a mulher pra que saíssem da encruzilhada.

“Pois o que fiz foi oferecer meu cavalo em troca dum navio! Por bobo que seja, se havia um gaúcho querendo virar marinheiro, havia marinheiro doido pra virar gaúcho. Tu descobre que tem rumo pra todo mundo na vida, guri. Pois fizemos a troca, ele saiu montado muito feliz, mesmo que nem soubesse cavalgar. Querer ser algo não é ter as competências. E isso me fez pensar que se eu saísse pro mar que nem ele cavalgava naufragava na primeira borrasca. Fiz o que tinha que fazer: usei a fortuna pra contratar a melhor tripulação de Porto Alegre. Homens que entendiam dos mares, vindos do mundo todo.

Tudo no mundo cabe pro que cabe. O cavalo virou navio, a fortuna da terra virou braços pros sete mares. Assim me fiz capitão e iniciei minhas navegações”, a bombacha até que combinava com o casaco desmedalhado de almirante, e o chapéu de marujo mais o lenço de farrapo completava o traje, “Dizem que eu cavalgo as ondas. Certos costumes nunca se perdem, até por isso mantive a bombacha. E saiba que todos no meu barco mateiam! Aprendi a ser capitão no próprio trato com o navio. Poseidon me ensinou com as surras de tempestade que jogou em cima dos meus mandos. A tripulação foi mais paciente, o que era esperado, sou eu quem lhes paga o ordenado. Pois passaram os anos e me tornei capitão muito bom. Meu navio é um cargueiro, João. Não desses enormes que um desses não tinha capitão nenhum que trocasse por cavalo, por mais sonhador que fosse o sujeito. É barco razoável, bem equipado, com porões do tamanho que preciso. É que lido com o comércio. É a segunda melhor ocupação marítima, a primeira é a pirataria, mas ainda não aprendi o ofício”, riu-se da careta de João Bracatinga, “Tu me lembra o teu pai, guri! Velho bobo igual ele. Te asseguro que meu negócio é o comércio, te acalme. Viajo o mundo todo atrás de oportunidades de aventuras. Não há um porto nos cinco continentes sem mulher ou negócios me esperando! E é isso que me trouxe pra essas bandas do Rio Paraná, João. E te encontrar aqui é o que mais me alegra e dá certeza dum futuro promissor pra minha empresa.”

“E como é que soube que eu tava aqui?”

“Engraçado que pergunte. Foi uma sereia quem me disse. Eu navegava lá pros lados da Bahia e me veio a tripulação dizer que tinham pescado sereia. Pesca é a

terceira ocupação mais rentável dos mares, por isso a empenhamos só para consumo próprio. Corri pro convés e encontrei a sereia posta num barril, que era pra que não desidratasse. Palestramos um pouco e ela perguntou meu nome. Quando disse, quis saber se por um acaso eu não era parente dum certo João Bracatinga. Respon-di que sim, era o meu querido sobrinho. Nisso ela me contou que uma sereia amiga dela, sereia de rio, falou bem de ti e dos teus avanços por aqui. E como sereias são proféticas, revelou-me destinos de fortuna se pra cá viesse ter com você.”

“E como foi que a sereia soube de mim?”

Passaram umas sombras pelos olhos de Jonas Bracatinga, antes que respondesse: “Isso tu ia ter que perguntar pra ela, guri! Mas depois de mostrar a ela minha cabine e constatar que era cheia de umidades a moça, devolvi ela ao mar antes que me puxasse pro fundo”.

“E que destino é esse que ela te revelou?”

“Tu me diga, guri: não era aqui tua chegada quando saiu lá do Rio Grande, era? Sabe que passei lá no pampa na subida pra cá? E sabe que me disseram que tu tava indo era pro Mato Grosso, do sul ou do norte? Tu saiu daquele pampa que nem eu, em busca de alguma coisa. Eu sigo procurando, guri. De porto em porto, de mar em mar. É essa busca por aventuras que me mantém jovem, me mantém forte, e mais vivo que os vivos.”

“Mas não em paz.”

Sombras dançaram mais uma vez nos olhos brilhantes de Jonas Bracatinga.

“E tu vai me dizer que tá em paz? Que fincar teu acampamento é quedar em paz pra sempre? A vida toda

é desbravar, João, mas quando mentimos que não é que morremos! O negócio é seguir peleando, guerra depois de guerra.”

“E quantas são as baixas?”

Sombras maiores. Jonas Bracatinga teve que estourar um sorriso pra afastar as tempestades de tantos oceanos: “Mas que barbaridade! Tô falando com meu irmão Maneco Bracatinga? João, me escute, guri: meu destino agora é também o Mato Grosso, do sul e do norte. Quero vender a soja deles. Quero fundar rota nova pra escoar a produção pra que não dependam mais de trens ou caminhões. Pra que intermediário entre a terra e o mar se posso levar a água direto pra eles? Vou subir o Rio Paraná inteiro, do Prata até o Pantanal por meio dos afluentes, navegar o rio Paraguai e qual mais tiver, fazer das águas os caminhos que sempre foram. Meu nome vai batizar as hidrovias sudamericanas, guri”.

“E as barragens? As cataratas?”

“Pois não venci a de Itaipu pra chegar até aqui? Que são as demais? Meu navio tá ancorado nas margens do Paraná, João. Liberei a tripulação pros bailões da região, que se divertam esta noite, pois amanhã já zarpamos.”

“Como que pode?”, João Bracatinga não conseguiu esconder o espanto, “Um navio subir do mar pelo rio e escalar Itaipu.”

“Pras almas temperadas com a determinação não há barragem grande demais. Te asseguro que escalava a Garganta do Diabo se fosse meu objetivo chegar a Curitiba. Mas me escute, João, peço que me escute: tu vem comigo? Tu entende de gado, de plantação, de terra mais que eu. O sangue do teu pai e do meu pai corre forte em você,

guri, sei que sabe desses temas melhor que qualquer outro homem. Não confiaria em nenhum outro que não um Bracatinga pra me acompanhar nessa aventura”, falava com os jeitos amorosos dele, levantando a cuia como se empunhasse sabre, “Tu é que vai cuidar pra que a soja que vamos transportar seja da melhor qualidade. As primeiras cargas têm que ser as melhores pra que os compradores peguem confiança na gente. Depois que mostrarmos as vantagens da rota fluvial, todos os produtores brasileiros vão correr e derramar sacos de onças e mais onças no meu navio. Tu há de ficar rico, sobrinho! Diga se teu tio não lhe veio com proposta sem recusa.”

João Bracatinga fez silêncio. O norte dele ao sair do Rio Grande era mesmo mais ao norte. O Mato Grosso era o rumo que almejava. Um mundarel de terra pra viver sem baixar a cabeça pra coronel. Não que achasse que praqueles lados não tinha coronel. Sabia que sim. O Brasil é país feito de peões e coronéis. Contava era com o tamanho do Centro-Oeste e o pouco de gente por lá pra evitar os tais. Era essa esperança de sair do alcance dos chicotes que moveu João Bracatinga. Ali em Tapiribi tava sempre no rumo de um. Não ia ter medo se não fosse o fantasma de Cateto Bento. Ao topiar com Maria dos Ipês, a raiva contra todos os coronéis tinha sido enterrada no fundo do peito, escondida, desimportante. Ao chegar no Paraná já era velho, ia morrer logo de qualquer jeito. Podia aguentar ameaças e humilhações em nome do amor. Por isso cavoucar é tão perigoso.

“Tu vai subir o Rio Paraná pela riqueza?”

“Também. Pela aventura, sobrinho. Pelo desbravar. Nós, gente do sul, somos desses. Tu vem comigo?”

“Tenho que pensar direito.”

As tempestades se sopraram pros olhos de Jonas Bracatinga. Ele as conteve mais uma vez.

“Pois pense, guri”, disse, levantando, “Meu navio segue atracado até amanhã de manhã. Partimos com o bom-dia do sol. Tu embarcado ou não.”

O tio sumiu no escuro. João Bracatinga ouviu o piado duma coruja em cima da casa. Levou susto. Fez o sinal da cruz. Assim mesmo, pegou ela no voo e guardou no bolso, pra só depois lembrar que tinha que pensar melhor no hábito. A passarada se agitou no bolso dele, como fizera lá embaixo da figueira. João Bracatinga entrou na casa, foi até o quarto e ali encontrou Maria dos Ipês nua envolta em seu pala. A passarada se agitou mais no bolso, todo volumes. Os olhos de Maria dos Ipês brilharam e os de João Bracatinga eram escuros. Nada mais podia ficar embaixo da terra.



# **SEGUNDA PARTE**

## 21.

Dona Ana Laura não fechava o Tombozoio. O bar estava sempre aberto pra que o povo se perdesse ou encontrasse. Nada tinha a ver com assuntos financeiros. Vender cachaça pode ser melhor do que água, mas, pruma Tapiribi da vida, qualquer comércio opera no prejuízo. O Tombozoio era o segundo lugar de comunhão da cidade. O primeiro era a igreja São Tomé. Ana Laura era tão confidente quanto o padre Sumé e, se na missa davam vinho, ali no bar o ramo era semelhante. Como se fosse mesmo pároca, Ana Laura recebia a todos. Recebia o dizimo dos que se dispunham a pagamento, mas quantos podiam desperdiçar os últimos trocos? Em uma terra de velhos, de gente esquecida ou sequer cogitada, as moedas se guardavam pros enterros. Dona Ana Laura, detentora de aposentadoria por serviços pregressos, fazia pouco caso. Não fechava as portas por entender sua importância pra comunidade. Fosse como fosse, lucro em Tapiribi era luxo pra um só homem, “E olha que podia ser eu”, dizia sempre o seu Tento da Silva, frequentador do bar à noite pra se lamentar das peças do destino, “Que me enganaram antes de eu nascer, lá na hora de traçar meu horóscopo!”. Tento da Silva, segundo o próprio, era pra ser empresário bem-sucedido. Vindo da Bahia, ouvira histórias da nova região desbravada pelos sulistas, “E me disseram que iam precisar de empresas. Vim com toda a bagagem empreendedora trazida de Salvador”, onde possuía maquinário têxtil já meio falido, “Encontrei só mato, só restou um bando de velhos”. Dona Ana Laura ria dos contos do pobre empresário. Tinha empenhado seu resto de capital

numa falência incontornável. Fosse pra Cianorte, Maringá, outras dessas noviças no tempo, a empresa têxtil teria decolado. Ali em Tapiribi não deu em nada. Dedicava-se agora à loja de roupas contrabandeadas do Paraguai que vendia pra ninguém, “O coronel fez compras grandes pros peões, quando me pagar eu me reergo”.

“Diga pra ele guardar o troco da pinga”, respondia com graça dona Ana Laura, que nunca via as onças do coronel, nem micos, nem garças, nem nada.

Seu Tento da Silva era um dos fregueses do fim de tarde e começo de noite. O bar Tombozoio ficava mais frequentado lá pelo crepúsculo. Os matinais já se retiravam por seus motivos próprios e vinham os madrugueiros. Tinha ali o Matezeu, senhor do sudoeste mudado pro noroeste por força dum assassinato ocultado na antiga terra. Tomava o lugar da dona Miratela em frente à TV e gastava a madrugada toda com cachaças e filmes de faroeste pra não desaprender a atirar. Na sinuca, assumiam os Canaviais, grupo de amigos formado em juventude na época em que se plantava cana-de-açúcar pela região. Cinco homens e cinco mulheres se revezando no jogo, “E bebendo o produto do nosso suor”, era o que riam. No balcão, junto à dona Ana Laura, assumiam Carleta Mariana e Desmonte Josefino, casal dos mais liberais em tempos verdes, “E ainda na ativa se não fosse o pinto mole do Desmonte”, reclamava sempre dona Carleta, “Não tivesse entre as tuas pernas cova seca, ensinávamos a piazada o que é bom”, retrucava seu Desmonte, “Mas ainda te quero aqui dentro”, “E eu te cavouco pro fim da vida”. A duquesa do Ivaí, por ali por pelo menos mais um pouco, cuidando da hora, ria com desejo. Dona Ana Lau-

ra só servia as cachaças, contava das dela, ouvia as dos outros. Uns tantos bebiam nos cantos. Outros dançavam com fantasmas os modões madrugueiros. O Tombozoio era mesmo pra comunhão do povo tapiribense.

“Já vai desarrolhando mais cachaça”, berrou o coronel Mancoso Machado, entrando no bar pela segunda vez na história e no dia, “Que a ocasião pede o fogo nas goelas”.

Veio mancando, ladeado pelos dois peões e seguido pelo enorme do Bugre. Não estavam mais enlameados. Tiveram tempo pra trocar roupas, tanto que se equiparam melhor. As botas limpas eram mais grossas, as roupas mais robustas, até as armas eram maiores. O coronel Mancoso Machado trazia o revórvão de sempre na cintura, peça herdada, além de espingarda com o calibre grosso de um canhão, “O povo todo não tema o armamento, vocês tão do meu lado”, falou, já se chegando no balcão desocupado por Carleta Mariana e Desmonte Josefino, que foram atrás dum outro canto. A duquesa do Ivaí não saiu do lugar, ostentando o cálice de vinho sem olhar pro coronel, “Noite, duquesa”.

Piscou os olhos devagar, a duquesa do Ivaí. Os olhos do coronel seguiram os cílios descendo e subindo. Sem olhar pro homem, respondeu: “Boa noite, coronel”, e voltou a consultar a hora.

O coronel Mancoso Machado se mordeu de descontentamento, como costumava acontecer. Não tinha sido criado pra ser aquele tipo de homem. Aguentava por questões financeiras e de heráldica, embora tivesse consigo que tudo tinha limite. Resolveu que o boa-noite frio e desinteressado de sempre não era o tal. Pediu que

Ana Laura servisse a pinga dele e dos peões, sequestrou a garrafa e se virou pro salão do bar, “Que hoje as coisas se resolvem”. Dona Ana Laura, prevendo desastre, queria bufar. Pra que desaqueitar a vida? O povo do bar talvez pensasse igual. Ou só agiam como de costume, quietos na presença do coronel. Mesmo seu Tento da Silva se aquietava. A tomada de ar e as tomadas de pinga de agora foram as costumeiras, na esperança de sempre, pra se chegar no coronel: “Noite, seu coronel”, pra receber um atípico “Hoje não”, quando o comum era o coronel ouvir a cobrança e reclamar de alguma safra ruim ou gado pesteadado. Tudo desculpa, e acho que seu Tento da Silva até sabia. Só que considerava o coronel seu igual. Não era um peão pra ser dispensado daquele jeito. Era empresário. Talvez fosse tempo de abdicar dos prazos esticados e iniciar a exigência do que era direito. As roupas limpas do coronel e seus homens não tinham sido pagas, como roupa nenhuma. Tomou novo ar, faltou a pinga, mas engoliu a coragem quando o coronel sacou o revólver. Com o susto que levou, correu prum canto mais reservado. Os homens têm que saber seu lugar, incluindo os que fingem que não.

“Todo tapiribense com uma dessas deve se armar”, começou o coronel, com a arma pro alto, pra todo mundo ouvir, “Guerra é guerra”, continuou. Encontrou os olhos alheios da duquesa do Ivaí, encheu a goela de cachaça e parou. Carranqueou-se. O povo esperou, achou que ia discursar. Tinha parecido que sim. Não tinha um sem medo do porvir. O coronel descansou a arma na mesa, voltando a só beber e olhar.

Seu Matezeu, com olho na TV e outro no revólver

do coronel Mancoso Machado, temia igual. A morte ocultada no sudoeste era pra ser a primeira e a última. Ninguém sabia dela, só ele. Tanto é que pouco posso contar. Posso sim falar do seu Matezeu e a prática cinéfila com revólveres de farveste iniciada após a fuga. Não desejava matar gente nunca mais, mas pra cadeia ele não ia. E botou na cabeça que a polícia tava no rastro dele. Fugia duma tropa imaginária liderada pelo detetive americano importado pra resolver o caso, “O maldito Gona Faiding é bom no que faz”, às vezes dizia pra si e pros cowboys, “Tenho que ficar pronto”. O detetive Gona Faiding, criado nos becos das metrópoles monocromáticas dos Estados Unidos, todas elas, que seu Matezeu não tinha escolhido qual, sabia de todos os truques da bandidagem por ter crescido junto dela, “E viajou também pro farveste. Conhece os jeitos dos bandoleiros que nem eu”, lamentava. Quando o detetive Gona Faiding viesse liderando os policiais, ia estar preparado. Pra eles é que praticava toda noite na frente da TV. Não pros fins do coronel.

Os dez da sinuca queriam nada de guerra também. Tinham visto muita em tempo antigo. O povo do coronel nunca foi pacífico, sempre tinha um pra pelear. Estavam cansados disso tudo, os Canaviais. Gastaram a juventude nos pés de cana, ganhando pouco. O que consolava era agora terem um monte de pinga. Bebiam o suor e sangue da juventude enquanto perdiam e venciam na sinuca. Se achavam contentes por poderem passar o resto da vida ali no Tombozoio, bebendo e jogando. Achavam que com quase todo o mato derrubado pras plantações dos Machado não ia ter mais guerra. E agora tava ali o coronel com o perigo do revólver.

Carleta Mariana e Desmonte Josefino sofriam no canto deles. Bebericavam das pingas remoendo o passado perdido e o futuro impossível num silêncio de dar dó pra quem conhecia eles bem. Numa hora avançada daquelas, com os modões tocando e o povo todo enuviado, deviam estar se xingando. Era o que faziam. Acusavam a velhice um do outro como motivo da cama quieta tinha tanto tempo. Outrora rangia do Rio das Antas ao Paraná num eco gemido. Apontavam dedos, cutucavam feridas, remoíam traições, mesmo que nunca tenham existido, afinal eram liberais. Culpavam os anos um do outro pelo tempo carregado nas costas. Tudo pra depois declararem amor eterno, entre lágrimas e cantorias de evidências e outras modas. Sabiam que quem fosse enterrar os dois ia economizar, só cabiam em cova singular. Não queriam gastar o resto da velhice com sandices do coronel.

Assim era com o povo todo ali comungado. Se não narro todo mundo é pra não gastar os olhos do leitor. Economizo também descrições futuras, caso precise, pra tapar lacunas. Qualquer desses bebedores nos cantos ou dançarinos com fantasmas me vem em socorro, daí. Por agora o que digo é que eram todos velhos. Todos sem vontades de sustos. Nenhum era dono de vida recheada de aventuras romanescas. Tinham só as comuns pra acalantar as almas. E bastava. Não era agora, no fim da linha, que iam pedir pro maquinista acelerar. A vida cansa. Os velhos de Tapiribi só queriam descansar.

Quase todos, pelo menos. Afinal o coronel tá ali com discurso pronto pra saltar do peito. E a duquesa do Ivaí não para de conferir a hora. De tanto olhar o relógio, o tempo uma hora chegou. Virou o vinho e saiu depressa do

Tombozoio sem olhar pra trás. O coronel Mancoso Machado ficou mais carrancudo. Tinha jurado nunca mandar gente atrás e ia cumprir. Dona Ana Laura, sabedora dos destinos da duquesa, deixou uma hora passar. O coronel só bebia e olhava o povo. Daí Ana Laura perguntou, rindo em segredo: “Não vai pra casa, seu coronel?”.

“Pra quê? Ninguém me espera lá.”

E foi nisso, imerso em remorso, pinga e solidão, que o coronel Mancoso Machado fez o discurso que fundou o fim.

## 22.

As estrelas eram amigas da duquesa do Ivaí. Nunca teve problemas pra cruzar as ruas da cidade, mesmo com os olhos cansados e os postes queimados. Luzes de casas acesas eram poucas. Das janelas saltava mais era o azul das TVs. Era hora da novela ou do futebol ou do jornal, tanto faz. Cachorros latiam e depois ganiam. Gatos vadios espreitavam de cima das muretas. Tapiribi se recolhia cedo, fosse pra casa ou pro bar. A rua vazia e escura até dava medo. A duquesa do Ivaí achou ser culpa desse medo o vulto que passou por ela. Arrepiada, apressou o passo. Chegou à rodovia. A PR-478 tava tão vazia quanto as ruas da cidade. Só um caminhão ou outro estrondava por ali àquela hora. Nenhum parava. O posto de gasolina de Tapiribi não funcionava vinte e quatro horas e o Tombozoio não era atraente. Pra rezar na São Tomé ninguém esperava que parassem. Ali, na margem da rodovia, a noite era ainda mais escura, sem iluminação pública e nem nada. As estrelas se fa-

ziam enxame no céu. Constelações acenavam, encorajadoras, e a duquesa, com risinhos secretos, acenava de volta. Atravessou a rodovia e pisou nas ruas empoeiradas da Vila Palmares. Não havia pavimentação por ali e os postes acesos eram ainda mais raros. Os sons das TVs escapavam com força das paredes mais finas. Gemidos e brigas também. O povo da Vila Palmares era também feito de velhos, mas talvez um tanto menos perto da morte. Os Canaviais moravam ali. Como já tinha dito a dona Ana Laura, eram de classe social distinta da duquesa. Se não fosse o escuro, olhos e mais olhos iam sondar a passagem da mulher. As poucas vezes em que apanharam ela, teve que se fingir mais bêbada que o comum, perdida, ao que a guiavam de volta pro outro lado da rodovia, “Que uma dama da classe da senhora, sozinha, num bairro daqueles, não é decente, duquesa”. Precisava manter o segredo. Do contrário ele acabava.

Alcançou o casebre na hora certa. Ficava no fim da Vila Palmares, na beira do campo. Era o mais antigo do lugar. A madeira comida por cupins e as telhas tomadas por trepadeiras denunciavam a idade. Só tinha uma janela. A porta era fechada com uma tábua presa mal e mal. O cedro se debruçando em cima da casa parecia querer abraçar a construção, cuidar dela. A duquesa do Ivaí gostava mesmo de pensar nele como guardião. A luz que escapava das fendas das paredes precisava de cuidado.

“Tuya?”, chamou ela, ouvido colado na porta, “Tuya, cheguei. Está pronto?”

A luz piscou e se amansou dentro da casa, “Estou pronto, Cascatina”.

A duquesa do Ivaí abriu a tábua prum lado e entrou,

voltando ela pro lugar. Nada havia ali que representasse luxo. Nem sequer utensílios ou mobília. Nada que se esperasse pra uma habitação. Só uma cama velha no centro do único cômodo. Nela, um homem brilhando a luz das estrelas, que falou: “Passam as noites e você não cessa de me surpreender com a sua beleza”. A duquesa sorria. Sorria sempre. “Fala quem pontilha o infinito dos céus”, respondeu, “Falo o que me diz o coração”. A duquesa sorriu mais e foi se sentar ao lado de Tuya, o Homem Velho. Deslumbrava-se sempre com as feições, mais até que com o brilho estelar: a cara cor de pinhão, toda enrugada do tempo, era uma tristeza só. Bonita, a tristeza, dessa que artistas pintaram de melancolia. Os olhos pretos miravam longe, impossível olhar pra eles sem se afogar. Os cabelos brancos se escondiam embaixo dum cocar de penas vermelhas, tão rubras como sangue ou o fogo, eriçadas. O corpo seguia forte, músculos de caçador, apesar da perna direita cortada. No lugar dela, havia só um toco que acabava num joelho de onde ainda escorria sangue. A duquesa do Ivaí o amava, deslumbrada por encontrar a paixão nos braços de uma constelação.

Não durou tanto o sentar. O Homem Velho tratou de ajudar os dedos da duquesa, já em campanha pra se desfazer das roupas. Camadas e camadas, apesar do calor. Era duquesa num ermo de terra, mas duquesa ainda assim. Os braços fortes de Tuya eram macios no trabalho do despir. Pode ser que na juventude paixão requeira alguma urgência, quase bruteza. Com tanto tempo pela frente, corações jovens julgam que esperar é desperdício. Tacam-se depressa no esbaldar. A falta de tempo, eminência do nada, traz a calma. Se tudo pode se acabar

numa mudança de estação, aproveita-se como se fosse eterno. “Pra você, imortal no céu, é fácil”, às vezes brincava a duquesa, e o Homem Velho respondia: “Lá no alto, antes de você, eu não era imortal. Era como a montanha, ou o rio, ou a tempestade. Por clemência dos deuses, existia pra sempre. Mas vazio, como são as estrelas. Foi você quem me inspirou de volta a vida e com ela a imortalidade”, “Foi você também quem me trouxe a vida, meu amor, mas a imortalidade é impossível pra gente como eu. Você é feito de mitos”. Agora a duquesa estava nua, deitada na cama. Lá de cima, em pé num pé só, Tuya a deslumbrava. Amava a duquesa. Era o ser mais belo que existia. Deitada, esperando que ele a inundasse, a duquesa do Ivaí mirava a glória do Homem Velho. Como da primeira noite em que se amaram.

Não era feliz em seu casamento. Como nos contos de antigamente, o par fora arranjado por razões políticas e financeiras. O sangue Cruz da mãe e da avó, a primeira duquesa, fervia nas veias. Borbulhava. Sempre que queimava demais tinha que procurar lagos, riacho ou relva com sereno pra não se desfazer em ebulição. Mas sangue sem educação é só instinto profundo. E a educação de Cascatina vinha da linhagem paterna, não materna. Casou sem reclamar, como ensinada. Escapava do teto do marido em busca do frescor. Numa dessas, sem tempo de se jogar num rio, só se deitou num trecho de mato fresco. O sangue todo ameaçava pôr fogo no corpo. Já era velha, como é agora na história, mas não tinha o costume de beber. O céu nos sertões do Brasil é o mais bonito do mundo. A multidão de estrelas torna o breu branco. O escuro, luminoso. A duquesa olhava as constelações e

às chamava pelos nomes latinos: o Escorpião, o Triângulo do Sul, o Cruzeiro do Sul, Orion, ou as Três Marias. Mas Orion era outra. Não mais um guerreiro e seu leão. A duquesa olhou bem e viu: um homem velho, com um penacho eriçado na cabeça, um cajado pra se apoiar e um pedaço de perna de onde escorria sangue.

“Jesus amado! O senhor está bem?”, perguntou.

“Se estou bem? Não, não estou bem. Apenas estou. E a senhora?”

“Apenas estou.”

“Não parece. Está aí, deitada, queimando, lutando pra não se incendiar. Isso não é apenas estar.”

“Então estou tentando apenas estar.”

“É o justo, em um mundo de tantas tragédias. Ir além é perigoso.”

A duquesa do Ivaí concordou. O Homem Velho brilhava pra ela lá do alto. Tão triste só estando. Imaginou se ele pensava o mesmo dela, mirando lá do céu. Achou que sim. Os olhares dos tristes se chamam.

“O senhor não quer descer?”

“E a senhora não quer subir?”

“Ainda me parece haver o que fazer no chão”, o fogo queimava mais, ao invés de apagar. A duquesa decidiu deixar que assim fosse.

“Pois então eu desço”, falou o Homem Velho, atirando as chamas, “Mas não aí, na relva. Não posso. Iluminava o mundo todo se fizesse, e imagine o estrago no coração das gentes. Não. Lá, onde vocês chamam Vila Palmares, onde escondem a gente miserável. Lá, no fim, na borda do campo, tem uma cabana antiga, usada num tempo mais velho que você pra encontros clandestinos de

gente fugitiva. Nos encontramos lá. Chegue e espere eu dizer que estou pronto.”

A duquesa do Ivaí aceitou os termos. Eram estranhos, pareciam imperativos, mas razoáveis. Ela própria sabia o que queria e exigiria segredo. Levantou-se da relva ainda incendiada e se esgueirou pro outro lado da PR, pra Vila Palmares. Pisava aquele chão pela primeira vez. Nunca antes teve motivos pra visitar quem quer que fosse nos casebres. O coração, mesmo incendiado, tremia de medo. Pelo que faria e pela descoberta de olhos mexeriqueiros ali da vila. Sabia que ia ter que encontrar poção se fosse continuar. Só então se viu boba. Nada sabia do Homem Velho, nem do que haveria naquela noite. De que jeito podia sonhar com continuidade? “Mas tá escrito nas estrelas”, dizia a si mesma, sonhadora e efervescente. Foi de sombra em sombra, escapando de espiadelas, até a borda do campo. Viu a árvore, o brilho entre as tábuas, ouviu o Homem Velho se anunciar pronto, tudo. Entrou e se constatou certa: estavam ali pro amor.

“Nunca antes tinha encontrado a felicidade”, declarou, sabe-se lá qual dos dois.

“Que é que te houve?”, quis saber a duquesa.

“Há muito tempo, antes de você e até dos portugueses, eu amei uma mulher. Achei que ia ser feliz. Ela soube que não. Não queria viver comigo, mas com o meu irmão. Ele nunca a quis até nos casarmos. E então decidiu que ia tê-la. Eu estava entre eles, não podia acontecer. E então ela me matou. Virou onça e me encurralou no mato. Arrancou minha perna e me deixou no meio da selva, pra que o tempo ou as feras terminassem a traição. Decerto não era fera o suficiente pra terminar ela mesma. Todo o

meu sangue jorrava como um rio do resto de perna, e era o meu amor que jorrava. Eu nunca percebi. Nunca percebi a tristeza, o outro amor, a inveja do meu irmão. Nunca me disseram. Preferiram me enganar e depois me punir por não saber”, ele suspirou. O sangue ainda escorria, feito riacho, “Os deuses me viram morrer no meio do mato sem abrigo e sentiram pena. Me fizeram imortal, senhor dos céus, constelação pra lembrar ao mundo as dores do que se esconde quando já não há mais esconderijo. Mas no escuro do espaço é que não tive mesmo onde me abrigar”.

A duquesa do Ivaí tinha achado o rio pro sangue fervente dela, mas isso ela não disse. O Homem Velho não precisava que falasse. Sabia. Por ser celeste, conhecia muito das histórias mortais. Sabia algo do passado da duquesa, do passado de antes da duquesa e da miséria do presente. Ia descer à Terra pra que se banhasse nele e ele se abrigasse nela.

“Você é imune a balas?”, quis saber a duquesa do Ivaí, envolta pelas estrelas.

“Arma humana nenhuma pode me ferir mais. Teme por vendeta do teu marido?”

“Não. Contra você eu sei que ele não pode agir.”

“Agir contra você é ir contra mim.”

“Por isso o segredo”, o álcool ainda queimava na cabeça da duquesa, alimento pros incêndios próprios, “É que essa noite vai ter guerra. Não vai ter espingarda ou revólver frio em Tapiribi.”

“Guerra?”, surpreendeu-se o Homem Velho. Sabia do mundo dos homens ao se firmar no céu e só à noite possuía olhos. Desde o entardecer estava com a duquesa, ainda não era hora de subir aos céus.

“O coronel. Tá falando disso desde cedo. De pegarem em armas, de darem fim ao Anhangá de vez. Saí do bar e ele tava ameaçando discursar, inflamar o povo em nome da causa dele”, riu-se a duquesa, “Causa perdida. Não vai vencer o Anhangá de vez, nem com a cidade inteira como tropa. O perigo é bala perdida, e pro próprio povo tapiribense. O desgraçado vai levar essa gente toda pro perigo de morrer por nada.”

Tuya acariciava os cabelos da duquesa, pensativo. Ele quando ficava pensativo era a soma de todos os filósofos e astrônomos e astrólogos, como todos os amantes de todas as eras deitados nas relvas, todos os marinheiros ou nômade ou astronautas da História. Falou: “Isso foi pensado hoje”.

“Deve ter tomado a decisão de manhã e reforçado agora à noite. Querer, sempre quis, mas nunca agiu pra dar termo ao duelo. A guerra dos Machado com o Anhangá foi se travando aos poucos. Deve estar lá, no bar, discursando agora mesmo. Contenda mais descabida! Cercar a serra! Parece mais um piá mimado brincando de guerra e castelo.”

“O Anhangá deve ser avisado.”

“Acha mesmo? O coronel vai levar perigo ao deus dos matos?”

“Ele já tá lá só na serra dele. Os homens não vão parar. Derrubaram mata e nisso foram vencendo. Minha duquesa, as gentes podem sim caçar o Anhangá e matar ele nesses tempos em que o mundo virou um enorme campo de caça. Os homens perderam o medo dos deuses. Perderam o medo do vazio. Não sabem que se lançar contra essas forças é lançar tudo no vazio, por isso mesmo se jogam.”

A duquesa do Ivaí sentiu o peito se mexer de susto. Não tinha achado aquilo tudo. Não tinha visto o perigo da caçada ao Anhangá. Aquilo já durava tanto tempo, parecia rumo único das coisas. Ver o espanto nos olhos escuros do Homem Velho lembrou ela que atacar essas forças era apenas cortejar o próprio fim. Não temia pela vida do coronel Mancoso Machado. Não tinha mais vergonha de desejar que o marido fosse pros infernos. As estrelas lhe contaram que o coronel ia carregar toda a cidade junto com ele.

Apoiado no cajado, o Homem Velho foi até a porta sussurrar aos ventos o plano do coronel.

### 23.

As caras das gentes não tinham mira outra que não o discurso do coronel. Logo iam ter: o Anhangá, “Que vamos abater, de um jeito ou de outro”, discursava o coronel Mancoso Machado. Seus dois peões tinham arrastado ali pra perto do balcão uns engradados, pra fazer palanque, e permaneciam ladeando o patrão, enquanto o cachorrão do Bugre rosnava baixo, pontuando ameaças escondidas, “O diabo velho tá sabotando o nosso povo. Antes isso aqui era terra farta. Quem que não lembra? Vim jovem pra cá com o pai, o saudoso coronel Trajano Machado, que Deus o tenha. Era tudo mato. Viemos trazer o progresso, minha gente, fundar a civilização”, algo em que os Machado sempre acreditaram. Quando Córto Machado viu o tanto de pinheiro que havia na região, decidiu pôr tudo abaixo. Não foi o único. Tinha muita gente interessada em madeira boa e campo aberto. Os Machado paranaenses só

foram dos mais afortunados. Conheciam técnicas e mais técnicas, herança sanguínea do suposto Pedro Machado. Quando os pinheirais dos planaltos foram minguando, o então patriarca Trajano Machado traçou rumo ao noroeste, ainda selvagem, em nome das novas fortunas, “Se não fosse minha família pioneira não ia ter Tapiribi. E tinha anta, e tinha veado, e tinha tatu e cateto, tudo quanto era bicho. Nosso povo caçava, tinha sempre carne na mesa. Vão dizer que não?”, a chegada dos Machado marcou a migração dos índios e o domínio sobre os poucos outros que haviam, vindos de outras paragens. Além da derrubada das madeiras, teve início também a chacina das antas. Aquele lugar era todo povoado por antas. Nunca tinham enfrentado tanta fúria e fome como dos tais pioneiros, eles que nomearam a localidade Tapiribi, valendo-se da língua nativa pra legitimar a posse, “Agora não. Agora é difícil achar caça. É verdade que temos o gado, carne não falta. Mas acham certo que neguem o direito de abater a própria comida? Pois é claro que não, meu povo! Claro que não. O injusto do diabo velho, o comedor de bosta, Anhangá, é quem nos impôs essa miséria. E não aceito o povo da minha cidade ser humilhado. Eu, filho do grande coronel Trajano Machado, não vou ser humilhado por um veado cheio de chifre! É por isso que declaro guerra final ao Anhangá”, pegou a arma descansada na mesa e desta vez ergueu ela bem firme, “Se armem com revólver, espingarda, facão, foice, peixeira, lança e até canivete e estilingue, se for só o que tiverem. Todo mundo vai se armar e subir comigo até a serra. Todo mundo! Acordem o povo daqui da cidade. Vamos nos reunir na praça da igreja e de lá marchar pra vencer o tirano do Anhangá! Não

quero ver corpo mole!”, e deu uns tiros no teto sem forro do bar. Dona Ana Laura disfarçou a careta. O povo do bar virou cachaças em busca da vontade que não tinha. O que tinham era ordem pra cumprir.

O coronel Mancoso Machado negou ajuda pra descer. Mancou até o banco de volta, o Bugre seguindo ele, todo faceiro com o discurso do patrão. Não entendia bem sobre o que tava falando, mas o jeito que falava era bonito. Ia seguir ele aonde fosse. O coronel sentou e ficou olhando a movimentação do povo, servido com cachaça. O Bugre deitou aos pés dele, a cabeça sobre as patas, pra tirar soneca. Mantinha uma orelha levantada, alerta aos perigos contra o dono. O coronel não temia perigo algum fora de si. Ninguém em Tapiribi era macho pra peitar ele. Nem todos juntos iam iniciar rebelião, mesmo que na soma superassem os peões do coronel. Estavam há tempo demais acostumados com os mandos e desmandos dos Machado. Ainda lembravam do pequeno exército trazido pelo coronel Trajano Machado pra fundar a localidade e, quem sabe, temessem que o coronel Mancoso Machado o invocasse de volta. Nunca tinha precisado. Agia com a mesma intolerância do pai frente às ofensas, e isso valia de exemplo aos demais. Por isso as indiferenças da duquesa o incomodavam tanto. Por isso e por ver na negativa dela em amá-lo derrota a sua própria natureza, falha em cumprir seus deveres e direitos, e isso o coronel não sabia admitir.

Ao firmar acordo com Régulo Rodrigues, tirava vantagens políticas e financeiras. “Desposar uma duquesa, coronel? Sonho de tantos como o senhor!”, tinha dito o pai da duquesa, “Não vai ser duque, claro que não,

mas o dote é dos mais gordos.” Era verdade. Régulo Rodrigues tinha usado todo o conhecimento legal, principalmente as brechas, pra tornar a riqueza do ducado do Ivaí tesouro sem precedentes em qualquer margem do rio que o nomeava. “Em troca, quero teu apoio político pra câmara, o eleitorado da tua região”, impusera Régulo Rodrigues, “É teu”, garantiu o coronel. Régulo Rodrigues foi eleito deputado e a duquesa do Ivaí foi desposada a contragosto pelo coronel. A repulsa dela por ele o enervava. Cascatina tinha obrigações a cumprir e não se esforçava para atendê-las. O coronel nunca ignorou as fugas quando ela se avermelhava e imanava calor. Os destinos eram desconhecidos. Podia mandar que um dos peões seguisse a mulher e relatasse os paradeiros. Tinha receio de descobrir, não gostar e se ver obrigado a agir. Antes, por receios de criar desavenças com Régulo Rodrigues. Não queria ter que ir contra a fortuna e influência política do sujeito. O casamento com a duquesa garantiria vantagens ao coronel e também obrigações. Só que Régulo tinha morrido já fazia um par de anos, “Tive esperança, sempre achei que ia dar”, justificava a si mesmo sempre que não achava mais desculpa nenhuma. Tinha se acostumado com a presença da duquesa na casa grande. Dormiam em quartos separados, exigência dela depois da noite de núpcias não consumada. Zanzava pela casa tratando dela, trocava ois com o coronel quando se topavam. E ele tinha esperança que da farsa brotasse matrimônio. Que pudesse ser como todo mundo.

“Onde você passa as tardes e noites?”, perguntou o coronel Mancoso Machado faz uns anos.

A duquesa do Ivaí olhou pra ele com os olhos ver-

melhos. Era o sangue fervendo. Achava que na mudez de segredos um do outro concordavam em manter as aparências sem que se metessem nos assuntos alheios. Falou: “Bebendo. No Tombozoio”, e mais nada.

Já tinham se topado ali no bar outras vezes. O coronel emudecia sempre as tristezas ao vê-la. Era tão desgraçado que uma mulher preferia se embriagar a ter com ele. Era incapaz de fazer mulher feliz, como tinha exigido seu Trajano Machado? “É difícil fazer guerra contra o que somos”, murmurava pra quem quisesse ouvir, já bem bêbado. Não raro era o Bugre que só abanava a cauda, “Mas se a vida é pelear, peleio.”

O coronel Mancoso Machado deixou escapar suspiro alto. Mais bufo que suspiro. Quase todo o povo do bar já tinha ido cumprir suas ordens. Iam às casas se armar e no caminho acordavam os vizinhos, “Que o coronel mandou o povo todo pegar em armas”, “Mas arma não tenho nenhuma, entreguei as pistolas no tempo do estatuto lá”, “Pois trate de ser armar com facão, foice ou estilingue. Qualquer artilharia serve. É pra cidade se reunir na praça da igreja, e logo, que o homem tá brabo!”. Só notavam o fantasma de Cateto Bento atravessando Tapiribi por meio de arrepios. O destino da assombração era o bar, onde tava o coronel.

“Bento?”, o coronel se surpreendeu, “Voltou do exílio, homem? Tua mulher contou que foi embora, que ia resolver uns assuntos na tua terra e não sei mais lá o quê. Você me deve explicações. Acha que pode fugir do meu mando daquele jeito? Acha, filho de uma égua?”, o coronel foi subindo a raiva, engatilhando o revólver.

“Coronel, o senhor me desculpe. Mas morri. Sou

fantasma. Só o senhor pode me ver. Vê? Os outros nem ligam pra mim. E a desgraçada da Maria mentiu pro senhor. Mentiu pra todo mundo. Se parti, foi pro inferno. Por graça dela.”

“Mulher não presta”, respondeu o coronel, “E o que é que quer de mim?”

“É que mais cedo topei com o Anhangá, coronel. Lá pros lados da estrada que leva pro meu sítio. O desgraçado tava rondando. Tá tramando qualquer coisa, coronel, sei que tá.”

“Deve ter farejado a pólvora”, murmurou o coronel Mancoso Machado, “Bom. Bom. A caçada vai ser mais boa.”

“Tem mais, coronel. A duquesa. Na vinda pra cá, vi a duquesa lá pros lados da Vila Palmares. Se for a mando teu, o senhor me desculpe, coronel. Mas achei certo avisar.”

A língua do coronel amargou. Decidiu pôr fim àquilo como ia pôr ao Anhangá. Era hora de saber onde a esposa andava, “Quer me fazer um último serviço antes de voltar pro túmulo, Bento?”

“Claro, coronel! O que o senhor pedir, faço sim.”

“Siga a duquesa e descubra aonde ela vai, com quem anda, o que faz. Se for coisa à toa, não precisa voltar. Se não for coisa à toa, venha me contar, que depois dou um jeito de mandar ela pro mesmo lugar de onde você veio.”

“E, seu coronel?”

“Diga, alma penada!”

“Tem a questão da Maria, seu coronel. Ela me matou e mentiu pro senhor e mentiu pra todo mundo, já falei. E pelo que sei tava planejando mais mortes, seu coronel. A

sua inclusive, seu coronel. Não tenho como provar, nem nada, pois sou fantasma e não poderia reunir evidências, mas justo por ser espectro é que pude escutar ela planejando, ela e o tal marido novo dela, aquele moço, o João não sei das quantas. Aquela lá era cheia dessas artes malignas!”

“Você não se preocupe que eu mesmo vou cuidar da tua desavença, Bento. Homem meu eu defendo ou vingo! Agora vá fazer o que te mandei.”

O fantasma do Cateto Bento sorriu e foi assombrar a duquesa do Ivaí.

Já o coronel Mancoso Machado virou mais uma cachaca e berrou pros peões e pros que restavam: “Pra praça! Que hoje como carne de veado encantado”.

## 24.

Rezar aquele povo não queria. Armados e carregando tochas, o padre Sumé temeu foi fundação da Salem tropical.

No tempo da chegada a Tapiribi, além do povo triste, doente e assombrado, encontrou o coronel Trajano Machado. Era ele o fundador da localidade. Tinha fincado na praça a cruz, “Que sempre fui muito cristão, seu padre”, disse o homenzarrão assim que recebeu o pároco na casa grande. E era homenzarrão mesmo. O coronel Trajano Machado tinha braços e pernas de troncos e o próprio tronco era grosso, um rochedo. Os cabelos grisalhos acompanhavam o bigodão e a barba rala. A pele era queimada das lidas, as cicatrizes eram batalhas vencidas, “Que perdida pra mim só se caio morto”, e os olhos brilhavam de conquistas por vir.

“Fico contente ao ouvir a boa-nova”, disse o jovem padre Sumé, sentado diante dos Machado.

“Essa é a minha mulher, Pimpolha Machado”, polaca miúda, magra, que vivia só de chimarrão e cigarros, “E este é o meu piá, Mancoso Machado. O senhor vê que ele é manco numa perna, decerto Deus me punindo por qualquer pecado antigo. Admito que tenho muitos, seu padre, mas já te garanto dízimos gordos pelos perdões, incluindo aí os futuros”, as risadas do coronel Trajano Machado eram sempre uns rosnados, “Mas falando da administração municipal, seu padre, te adianto os recursos necessários, sou eu quem banca a prefeitura, e vou repassar o que for preciso à paróquia, que espero ver logo a igreja em pé pro povo se alegrar mais pra trabalhar, são tudo uns vadios”.

O padre Sumé descobriu em Tapiribi uns vadios em regime de escravidão, apesar da abolição. Valia ali a ordem maior do coronel: o trabalho faz do homem gente. E quem não trabalha é bicho. E bicho a gente monta, mata ou maltrata. O padre entendeu depressa que não adiantava ir contra o coronel. Ia ser rebaixado a bicho se fosse, mesmo que bicho sacro. Tratou de acalentar as almas e corpos do povo como pôde. A igreja São Tomé foi aquela alegria que já narrei. Horinhas pequenas de sonhos já saíam aquele povo. O padre Sumé sabia do estrago que fariam os pesadelos.

“É quermesse e não me avisaram?”, perguntou, vindo da casinha pra confrontar o povo. Miraram o padre preocupados.

“Vai ter quermesse o ano inteiro depois desta noite, seu padre. Os próprios santos vão descer pra quadrilha”,

bradou o coronel, mancando no rumo da praça. Vinham com ele os peões e o cachorro Bugre, “Tá todo mundo aqui?”, perguntou pro primeiro que viu.

“O povo aqui do centro, tá todo sim”, respondeu dona Miratela. Tava irritada por ser acordada àquela hora. Ia acabar perdendo a Ana Maria Braga da manhã seguinte.

“Faltou o povo das chácaras, seu coronel”, explicou um dos Canaviais, “E nossos vizinhos da Vila Palmares.”

“Não vale a pernada pra reunir os das chácaras. E os da Vila Palmares são nada além de bêbados vagabundos, deixem que durmam, é só o que fazem”, rosnou o coronel, “Os que estão aqui bastam.”

“Bastam pra quê, coronel? Tô aqui vendo esse munda-réu de gente armada e o senhor comandando e ainda não descobri os fins pra tanto escarcéu. Em nome de Deus, homem, o que pretende?”, perguntou o padre.

“Seu padre, o senhor se alegre. Esta noite vamos caçar o diabo branco! O povo de Tapiribi tá cansado das afrontas do infeliz. Tantas maldades não tem gente de-cente que aguenta. É caça que se esvai, é tiro que falha, é só miséria. O senhor não precisa agradecer, seu padre. É dever do cristão eliminar o mal do mundo.”

“Mas que história é essa?”, o espanto do padre só não era maior que o desacorçoamento da população. Conhecia sua paróquia. Metade do povo queria estar no bar e a outra metade dormindo pra ir pro bar de manhã. Caçar qualquer diabo, que não os conjurados ou exorcizados pela cachaça, era o que menos queriam. Sussurrou pro coronel: “Mancoso, venha se confessar”.

O coronel não aceitava ordem de ninguém. Era delegador desde a morte do pai, não cumpridor de mandos.

Qualquer outro que falasse com ele daquele jeito com ele ia encontrar bala alojada na testa. Só que o padre não tinha ordenado. O padre Sumé nunca ordenava nada. O coronel Mancoso Machado tinha feito catequese com ele, crisma com ele, casado pelas palavras dele. E tinha se confessado com ele. O padre Sumé não dava ordens pois não precisava. Fazia convites.

Adentraram a igreja. Cada um no sonho próprio. Pro padre, aquela glória jesuíta nunca alcançada pelas matas de Tapiribi. Paredes grossas, vitrais coloridos, a cruz no centro, os bancos pra congregação. Lugar de tranquilidade, de pedir ao Cristo as bênçãos tão prometidas nos evangelhos. Já as botas do coronel pisaram em brasas. Fumaça saltava dos destroços. Bancos, santos, cruzeiros. Tudo alimentava o inferno ainda fumegante, cuspidando fumaça e pintando tudo de laranja. O esqueleto duma igreja incendiada, “Pelo Anhangá. É o diabo branco quem tancou o fogo”, dizia sempre, raivoso. As igrejas de cada um se revelavam só nos cantos dos olhos, mas já bastava. O coronel teve medo. Apesar de encarar o padre com a cara de machão aprendida. Não dava pra esconder o coração de quem colhe tantas confissões: “Que loucura é essa, Mancoso? Acordar quase uma cidade toda pra sair atrás de folclore? O povo de Tapiribi é velho, Mancoso, como o senhor e como eu. Ossos cansados, vista cansada, alma cansada. Pra que se gastar numa demanda dessas?”.

“Anos e anos endiabrando o mundo, seu padre”, rosnou o coronel, “Séculos, até! A indiada toda atrasada quando meu ancestral, Pedro Machado, chegou. E decerto por culpa do diabo branco! E o senhor vem me falar de cansaço? Cansaço do mundo tendo que aguentar a maldi-

ção de Satã! O senhor vê velhos ali reunidos? Te garanto a nova cruzada.”

“O senhor fala de diabos como se fossem unanimidade. Pode convencer o povo duma demanda geral, tua cruzada contra o Diabo, como diz. Mas eu? Quer enganar a mim, Mancoso?”

“Coronel, seu padre! Coronel!”

“Vai arrastar Tapiribi inteira pela guerra do teu pai? A guerra que a tua família fundou contra o Anhangá?”, o padre Sumé mirava fundo nos olhos do coronel, “Essa guerra contra a natureza que você assumiu por medo do que ela é.”

“O senhor se aquiete, padre!” disse o coronel, sem ver levando a mão ao revólver, “Nem mais uma palavra, que o respeito que tenho pelo senhor não tira minha autoridade.”

“Não existe autoridade sobre a natureza, coronel. Só guerra perdida, mesmo que leve a vida toda pra cair.”

O coronel Mancoso Machado virou a cara, “Guerra perdida pra mim só se caio morto”.

“E teu pai caiu, Mancoso. É o destino de todo mundo. Meu, teu, de Tapiribi. Se jogar pra isso mais cedo que se deve é que é tolice.”

“A confissão acabou, padre. Perdoe meus pecados e encomende as almas dos tapiribenses pros portões do Céu, se pensa que vamos perder. Recuar é que não recuo! Diga lá minha penitência pra ter o perdão que a marcha até a serra é longa. Dependendo do tanto de pai-nosso e ave-maria, vou rezando no caminho.”

“A própria marcha é tua penitência, Mancoso, que você mesmo elegeu pra dar.”

Quando o povo de Tapiribi viu o coronel sair da

igreja, tomaram susto. Por um vislumbre não viram cada um a sua fé. A igreja tava em chamas. O vislumbre passou, voltaram logo as igrejas de cada um. O medo ficou.

## 25.

O Anhangá trotava pelas matas dos seus sonhos. Ao redor, as árvores mais altas, os bichos mais fartos, a floresta mais grande. Sem fim. Naquelas matas tudo era esconderijo. Os tatus faziam toca, as antas mergulhavam nos rios, macacos saltavam de um galho pra de repente sumir, como que engolidos pelo ar, só pra aparecer de volta em troncos distantes, feitos em gargalhadas. A jiboia se fazia de galhos, a harpia patrulhava as copas das árvores, garras que prendiam preguiças, preguiças que quando podiam se faziam inertes à espera do tempo, que pra elas se estendia sem pressa. Jacarés armavam arapucas, catetos caíam nelas ou se refugiavam em poças, em buracos, em mato. Onças vagueavam, famintas, olhando sem que as vissem, quietas em todos aqueles músculos. Bichos e mais bichos, plantas e mais matos. O sonho do Anhangá se escondia naquele passado.

Agora varava plantação ou pasto. Árvores, só uma ou outra no horizonte, sozinhas. Tristes. De vez em quando o Anhangá as visitava. Árvores são seres de ansiedade. Vivem muito mais que os seres móveis ousam sondar. Medem o tempo como se mede a idade das rochas. Não datam o mundo pela ascensão de reis ou messias, tais ninharias passam quase despercebidas, mas pela formação de novos rios e serras. Ficar sozinha, sem o abrigo de um bosque, selva ou floresta, é triste para as árvores. Séculos

e milênios na quietude delas mesmas, “E nem os ventos nos ajudam, eles nossos mensageiros”, queixavam-se ao Anhangá, “São bons pros recados, mas as conversas se perdem”. Apesar de gratas pelas visitas do pai dos matos, não se acalentavam de todo. Falar com ele era como pra nós é se ajoelhar no confessionário. As árvores sentiam falta das banalidades do reino vegetal.

Os esconderijos em meio aos pés de milho eram poucos. Plantas todas iguais ocultavam mal e mal. Aquela ordem imposta era difícil de confundir. Dos pés de soja nem preciso comentar, ainda menos do pasto. Aquelas culturas era tudo o que o Anhangá tinha agora, longe dos seus sonhos ancestrais, por isso saltava duma plantação à outra, esconderijos toscos, mas únicos que tinha. Tantos vezes resistia à ideia de tacar fogo em tudo, deixar as chamas alimentarem a terra com as cinzas pra crescer de volta a floresta. Uma hora queimava. Precisava só da brasa certa. Até lá, era preciso patrulhar seus domínios pra depois retornar à serra, refúgio pequenino de mata virgem que os homens não souberam roubar. Apesar de o coronel Mancoso Machado insistir em caçadas. Aquela estirpe só ia parar quando a linhagem dos Machado se extinguisse, e pelo menos isso era notícia boa. Mancoso Machado não procriara, da juventude à velhice.

O vento soprou o campo. O Anhangá parou. A cabeça da galhada de mil pontas se levantou, os olhos flamejantes se atentaram, as orelhas se esticaram pra ouvir: “O coronel pretende guerra final, diz o Homem Velho, vai reunir a cidade toda e marchar contra a serra”, era o que o vento falava. O Anhangá olhou pro céu, as estrelas esbranquiçando o negro do infinito de tan-

tas que eram. O Homem Velho piscou pra ele. O aviso do amigo era providencial. Saber dos movimentos do inimigo é valioso. O Anhangá não queria estar longe da serra quando iniciassem o cerco. Precisava se apressar e convocar os seus. De veado se fez carcará e levantou voo no vento que alertou do perigo. As asas brancas se confundido com o bilhão de estrelas.

O Anhangá pode virar o bicho que quiser. Nos tempos antigos, antes do povo barbudo chegar, virava gente. Encheu as aldeias com filhos seus, as mulheres sortudas por serem amantes do pai dos matos. Seus maridos também. Depois pegou asco pela forma humana, evitava os cinco dedos se não tivessem cauda pra acompanhar. Quase pegou asco pelo branco também, sua própria cor. A forma que vivia mais era a de veado da galhada de mil pontas. Era certo proteger caça e caçador na forma que fugia. Como carcará, tava exposto às miras das gentes, decerto todas armadas. Mirou o rumo da cidade e viu o aglomerado de tochas. Iam mesmo atacar naquela noite. O Anhangá bateu as asas mais forte, passando longe da cidade, pra chegar depressa à serra. Convocou a bicharada por meio do mesmo vento que tinha alertado ele e que agora o carregava. Iam estar prontos pra repelir a guerra dos homens. “Vou dar fim a essa raça”, dizia ao vento, que soprava e soprava, amigo de incêndios.

## 26.

Ficava sempre deitada, só pele e pelos, após a partida do Homem Velho, “Tenho que subir aos céus, meu amor, ou se perdem os viajantes e se confundem os po-

etas e astrólogos, mais bobos ainda vão ficar os astrônomos”, “Fico mais um tiquinho e já me vou também”. Estirada na cama, sentia ainda as supernovas jorradadas de Tuya, fontes de prazeres. Não carecia de dedos após amar, como Maria dos Ipês. Nem de cabides. O sangue Cruz ansiava a continuidade da linhagem, herdeira pra ensinar direito, mesmo que com o ser celeste fosse impossível. A duquesa do Ivaí não pensava em nada disso. Eram ideias desditas, profundas, instintos. Pra ela o importante era o que tinham feito.

Passados os prazeres mais imediatos, o corpo da duquesa ia acordando aos pouquinhos. Voltaram as dores da idade, o cansaço da vida, a miséria do casamento. Torcia pra que o cerco contra a Serra do Anhangá terminasse com o coronel desembuchado pela galhada do pai dos matos. Ia ser livre de todas as amarras sociais e legais, daí, desimpedida pra exercer suas vontades sem ter que se esgueirar. Por mais Cruz que fosse, por mais cheia de sangue fervente que era, a criação do pai Régulo Rodrigues tava incutida na mente. As lições de medo disfarçado de segredo não eram fáceis de ignorar. Bufou, frustrada pela tragédia de ser esposa do coronel Mancoso Machado. Saltou da cama pra tampar a nudez que lhe caía tão bem com camadas de roupas, feitas pra que a escondessem. Quando foi entregue pelo pai aos Machado, tava farta de roupas.

“Mas que mulher bem-vestida! Analisamos boi pelo chifre e mulher pela roupa”, disse o coronel Trajano Machado, o patriarca. A velhice branqueara o bigodão, curvara as costas de rochedo e os troncos de braços e pernas iam se engravetando. Apesar de ainda ser o coronel, já era Mancoso que lidava com o patrimônio do clã, “Achei que

ocê não ia se sair bem na tarefa de escolher mulher, piá, mas vejo que puxou meu olho pras chinocas”.

Dona Pimpolha Machado, a mesma magreza esverdeada de sempre, apagou o cigarro no cinzeiro e acendeu outro, “Prenda muito boa, toda enfeitada”, cada palavra uma fumaceira, “Temos que marcar logo o casamento”.

Régulo Rodrigues, sentado ao lado da filha, olhou pro coronel Mancoso Machado. Os termos já tinham se acertado. Ia lucrar com a venda da duquesa. Cabia ao patriarca aprovar o casório, o que era evidente, “No fim vai me encher de orgulho, Mancoso! Vai provar pro teu pai que é muito homem!”. A duquesa do Ivaí deixou os olhos escaparem pro noivo. Só tinha visto o homem de longe. Ali no casarão dos Machado, à mesa grande servida de comidas, carne de caça e de gado, pôde olhar com mais calma. No tempo de juventude, Mancoso Machado lembrava o pai do rochedo e troncos, mesmo que com a influência mais franzina da mãe pra não fazer dele o goliás que tinha sido o pai. Conservava o bigodão negro. Os olhos eram tristes. Cascatina viu depressa que eram tristes. Olhavam pros presentes meio que sem ver, mirando pra dentro. Fugia dos olhões do pai o tempo todo. E temia a vista da duquesa, “Como que pode, o filho dum bruto ter saído assim tão tímido?”, perguntava a duquesa pra si própria. Aquela foi a vez singular em que sentiu alguma ternura pelo homem que a desposaria, mesmo que em forma de pena. Ainda sem o ódio bem alimentado, achou que Mancoso Machado desejava o casamento tanto quanto ela: nem um pouquinho. O matrimônio era obrigação. Obediência devida ao pai, “Ele tá no mesmo barco que eu, os dois com medo de se afogar”.

“Vou domar ela, meu pai”, falou o Mancoso pela primeira vez depois dos cumprimentos, com riso.

“Tem que encilhar já na primeira noite!”

A duquesa se jogou do barco. Preferia o afogamento metida em tudo aquilo de roupa que navegar ao lado do coronel. Pena nenhuma boia num mar daqueles.

A primeira janta só fundou o calvário. Depois de comerem o banquete, dona Pimpolha Machado se limitando ao mate e a duquesa à etiqueta, Régulo Rodrigues se despediu dizendo que “Já tá tudo bem encaminhado, seus coronéis. Falta só marcar a data e o casório acontece, sem que se esqueçam os eleitores”, e o Mancoso respondeu: “Vão estar presentes no casamento, festa que Tapiribi nunca viu igual”, e respondeu o Trajano: “Um piá que se faz homem pro povo todo dele ver, pra não sobrar dúvida da macheza!”. A duquesa do Ivaí, prêmio sem merecimento, só foi ter paz de novo ao amar o Homem Velho, muito, muito tempo depois.

Vestida, a duquesa ficou sentada na cama pensando que o mais certo era jogar tudo pro ar. Com o coronel vivo ou morto, partia de vez da casa grande e ia viver a vida amando Tuya. Tinha lá suas joias, que posses o pai gastou tudo antes de morrer ou passou pro coronel. O título, apesar de anacrônico, podia ser também de algum auxílio. Aproveitava aquela noite mesmo, com o coronel distraído com o cerco. Arrumava as malas e partia pro mundo. As estrelas como guia e amante. O sangue Cruz da duquesa ardeu nos córregos do corpo. Gastara a vida toda com medo dum velho que nunca a amou e que por ela nunca foi amado. As ambições do pai se cumpriram com a miséria dela como alicerce. A carreira política de

Régulo Rodrigues foi proveitosa, fortuna se multiplicando nos mandatos, “Fortuna da minha vó e da minha mãe!”, sabe-se lá de onde veio o pensamento. Partia naquela noite mesmo, tava decidido. Ia ser feliz de vez, sem ter que esconder. Riso dos mais largos iniciou campanha do estômago até os lábios da duquesa. Saltou da cama pra ir lá junto das estrelas. Afastou a tábua, o riso já na garganta, doido pra sair, e topou com o fantasma.

“Escolhemos boi pelo chifre e mulher pela roupa”, citou o fantasma do Cateto Bento, “As que vivem peladas não valem nada.”

## 27.

Não eram poucos os bichos reunidos em torno do Anhangá. Atenderam ao chamado do vento: o casal de veados campeiros; as sete capivaras, família singular que resistia; os três clãs de porcos do mato; o lobo-guará; três tamanduás-mirins; um tamanduá-bandeira; o bando de saguis; aves variadas, que vinham inclusive com reivindicação sobre “sujeito que tá recolhendo dos nossos aos bolsos”, que o Anhangá garantiu que ia resolver como tudo o mais; o jaguar; a jiboia, esmagadora de ossos; bichos menores, mais pela presença que por ajuda, desses abundantes nas matas como um dia foram os grandes; e a anta anciã, único tapir sobrevivente das matanças na região. “No tempo dos guarani, a peleia era justa. Os de agora, por mais gordos que fiquem, parecem nunca perder a fome.”

“Não vão perder”, sentenciou o Anhangá, na forma de veado das mil pontas. As patas da frente estavam

apoiadas num tronco caído, ficando ainda mais alto. “Por isso instituí a trégua entre vocês, pra que o problema humano se resolva.”

“Que não se acostumem”, rosnou a onça, deitada num galho de árvore. O tom era de riso. E de ameaças. E de tanto faz.

O Anhangá protege a fauna dos matos. Tudo quanto é mato selvagem pertence a ele. É quem logra o caçador que cai em cima da presa indefesa. Ou ajuda o faminto, permitindo a caça, embaralhando a fuga da presa. Cabe a ele não deixar pender a justiça demais prum lado ou pro outro, que são essas pendências que chamamos injustiça. Não existe bem ou mal para o Anhangá. Existe o desequilíbrio. E isso não pode ser. Toma poucas decisões drásticas pois é difícil precisar, “O mundo se balanceia”, costumava dizer. A onça, que há pouco fez graça com o armistício entre ela e suas presas, pode ser a criatura mais poderosa das selvas, mas não devora toda uma floresta. Não que seja pautada pela bondade, que coisa dessas já esclareci não existir, mas pelo balanceio do mundo. O Anhangá só corrige rumos, “E a gente de Tapiribi, na figura dos Machado, esgotou as chances que dei”.

A anta ia ser a primeira a falar. Lembrar a todos de como era a região. E de como se acabou: “Era tudo mato. Não tinha só um tapir, só um jaguar, só um casal de tamanduá. Tinha um mundaréu de bicho”, começou, cansado da idade, “Tinha gente, tinha os guarani. Caçavam os do meu povo, a gente revidava ou fugia. Meus pais e os pais deles contavam que foi assim por muitas estações. No tempo que os Machado chegaram aqui, eu era novo. Vieram de barco pelo rio que chamaram das

Antas, umas canoas maiores que as dos guarani. O barco da frente era onde tava o gigante, o Trajano, com o mais novo do lado, o Mancoso. Dizia: ‘Vou te ensinar a ser homem nem que te custe o lombo! E homem caça’. As memórias da infância enganam, e hoje sou tão velho, tudo é engano, mas lembro que o mais novo era triste. O mais velho, o gigante, era todo empinado. O mais novo queria se esconder. Os dois estavam com paus de fogo, as espingardas. A gente sabe o que era. Mesmo sabendo de gentes por meio mais dos guarani, uns aventureiros passavam e até ficavam por aqui, e tinham pau de fogo. O mais velho apontou o dele pro nosso rumo, ‘É fazer mira e abrir fogo. Terra boa dessas você atira e acerta, só sendo muito frouxo pra errar’. Era hora de correr, mergulhar, se embrenhar, mas sempre tem os que se demoram. Quando estourou o trovão, um dos tapir tombou. Metade do bando correu pro mato ou desceu o rio. Os que ficaram eram da opinião que um tapir bastava. Tapir é bicho grande, vocês tão vendo. Só que o mais velho mandou o mais novo abrir fogo. Ele apontou e atirou. E errou. O pai deu um tabefe na nunca do piá e gritou um monte de porcaria, me perdoem, amigos porcos-do-mato, é jeito de dizer. Acho que o ódio ajudou a promover a primeira matança. Sozinho, abateu mais do meu povo do que já tinha se visto. Ali começou o fim do nosso mato”.

“O Mancoso que eu conheço é bom de mira”, disse o veado macho, e a fêmea continuou: “Já vimos dos nossos caírem pela arma dele, tantos que é triste contar”, e continuaram: “Não temos os seus tempos, dona anta, mas também não somos novos. Não se sobra como último casal do que for sem carregar a experiência de fugas,

mortes e medos. Conhecemos os Machado, até escapamos do Trajano já no fim da vida dele. O sujeito sorria sempre quando o filho fazia mira e acertava os alvos de longe, ‘É assim que se faz. Aquela duquesinha te fez mesmo foi muito bem’, dizia ele. Não estamos desacreditando do senhor, seu tapir, não pense isso. Só contamos o que vimos e vivemos, como todo mundo.”

“O que sabemos é que ele pratica”, falaram os saguis, empoleirados nos pés de goiaba, comendo uma ou outra, “Nenhum de nós aqui viu Trajano ou guarani, mas nosso povo habitou sempre esses matos e há histórias. Contamos muito o que ouvimos dos antigos, é assim que vivemos. Diziam que foi mirando em sagui que corrigiu a mira de criança. E também podemos contar o que vemos. O Mancoso ainda pratica pontaria quando vê um de nós indo colher fruta no quintal dele. Já ouvimos dizer pros do bando dele: ‘Esses aí são alvos bons pra praticar! Pequenos e ligeiros, nunca perco a chance’. E não foram poucos os dos nossos que caíram.”

“O que dá mais desculpas pra vocês repovoarem as árvores, imagino”, zombou o tamanduá-bandeira.

“É o nosso destino!”, berraram os saguis.

“Pelo jeito, o tabefe e as porcarias que o pai falou fizeram do Mancoso um bom atirador”, comentou a serpente, toda enrolada, “Benditos os ensinamentos dos pais aos filhos.”

“E o sacrifício do nosso povo!”, lembraram os saguis, presas da própria serpente.

“Ele sabe atirar”, sentenciou a onça, se espreguiçando, “Tudo por ordens do pai. É como vocês tão dizendo.

É assim com a gente também. A senhora, dona capivara, não ensinou bem os seus filhotes? Não mostrou como se abrigarem nas águas ou matos quando chego perto? Sempre tem um mais bobo. A senhora lembra daquele mais bobo que padeceu sob as minhas garras? E vocês, meus compadres veados, quando voltam a acasalar? O compadre veado já não é mais o mesmo de antigamente, minha senhora? Sinto falta da carne da tua espécie, e acho que ajudei um pouco a serem o último casal. Ensinem melhor as próximas crias a saltar antes que eu salte. E não me olhem assim! O quê? Me comparam ao Mancoso nessas cabecinhas de vocês? Até tu, dona jiboia, que nem se furta de se enrodilhar nesses saguis que nem se aproximam muito por medo? Tudo come, minha gente, desculpem o palavrão, e não me culpem por nascer com tanta fome. Minha mãe me ensinou a saciar o estômago. Perseguir vocês pelos matos não é errado, é perseguir minha natureza. Fugir é a de vocês. Veem o erro ao me compararem, mesmo que por relance, medo ou ódio dos meus banquetes de vocês, com o que agora marcha contra todos nós?”

Os bichos ficaram quietos. Não gostavam da onça, sempre entocaiada, pronta pro abate. Mas entendiam o apelo da natureza. O tamanduá era grato aos pais por saber achar os melhores cupinzeiros e saciar a fome por formigas, mas era sua natureza comê-las. Os saguis agradeciam pelas lições reprodutórias, mas sua natureza era a libertinagem. As aves voavam por práticas do ninho, mas abraçavam o vento por instinto. O dito pelo jaguar valia para todos. Falou uma capivara: “E o Mancoso não segue a natureza ao praticar os ensinamentos do pai, por triste que seja para nós?”.

“Ele não persegue a natureza em nada dos seus atos. Foge dela”, falou o Anhangá, “O pai ensinou ao filho a se esconder. Só se esconde da natureza se lançando contra ela.”

Os bichos entenderam. Sabiam o destino dos que desafiavam a natureza.

## 28.

O coronel Mancoso Machado era homem por ordens do pai. E homem não nega fogo. Se joga na peleja e só sai com a cabeça do inimigo. Ou morto, “Que perda pra mim só se caio morto”. A sentença do coronel Trajano Machado queimava e se repetia no peito do filho. As ordens aprendidas foram muitas. Contava a mãe que, no nascimento do filho, o coronel Trajano Machado foi chamado pra batizar o piá, “Ele viu que tua perna esquerda era um pouco mais curta que a direita. Sabia que ia mancar e te deu o nome”, nome que cedeu à natureza, “Mas de resto, vai ser como eu disser!”. Todo patriarca teme a descontinuidade. Se o herdeiro nega o posto, acaba-se o clã. Mancoso, filho único, “E graças a Deus que homem!”, ia ter que se acertar com o destino. O nome Machado nas costas era pra carregar pro futuro, “Quando chegar a tua vez, vai ensinar o teu piá que nem eu te ensinei”. Nessa peleja ainda tinha tempo de o coronel ser derrotado. Nunca embarrigou mulher nenhuma. Nem a prostituta que o pai lhe arranjou, lá com seus catorze anos, “Pra aprender o cheiro de mulher, pegar gosto, e não esquecer mais”.

Ricina Rastera era uma argentina que se vendia pra pagar a euforia do noivo, preso em Mendoza por crimes

inventados. Vender punhados de amor passageiro em nome do eterno parecia justo. O coronel Trajano Machado não sabia disso e nem se importava em saber, “Putá se monta e só ouve os gemidos, taí o lado bom”, era a opinião dele. Mas não a passou ao Mancoso antes de trancar a porta dizendo: “Só sai daí depois de domar a moça”.

“É você o meu peão?”, perguntou Ricina Rastera, sua beleza de negros cabelos cacheados em cima e embaixo exposta na cama. Os olhos sem brilhar que não uns que ela fingia devoraram de mentira o piá magrelo que ia fazer dela seu primeiro amor, “Já te digo que só um forte pra me domar. Você é um forte, meu peão?”

“Meu pai diz que tenho que ser”, respondeu, se encolhendo. Pensou um pouco e quis saber: “Qual é o teu nome?”

Ricina Rastera achou que se o pai ouvisse coisa dessas ia advertir o filho que conversar com puta não é coisa de forte. Até sentiu pena, “Não importa o meu nome, corazón. Vem aqui sentar comigo, vem”, ela se sentou também, dando espaço pro Mancoso, “Você sabe o que tem que fazer, não sabe?”, Mancoso acenou que sim, evitando os cachos de cima e de baixo, “E você quer fazer, no quiere?”

“Você quer?”.

“Que pergunta!”, riu-se ela. Só o noivo tinha perguntado isso pra ela, depois mais ninguém, “O que quero é que você se acalme, corazón. É tua primeira vez, normal ficar assim assustado. Pero, se você deixar, posso te ensinar a fazer tudo direitinho, a pegar gosto”, a mão foi de serpente pela perna, que se afastou antes de ser caminho pra razão daquela noite.

“Você ficou nervosa? Na tua primeira vez?”

“Pero claro que si, meu anjo.”

“Como foi? Com quem foi? Como ele era? Tinha cabelos cacheados também?”

Ricina se espantou. Nervosos, os piás ficavam. Tinha estreado tantos por esses sertões, sabia dos seus modos. Curiosos é que não havia. Muito menos sobre outros homens. Vinham a ela acanhados, afobados, bastava uns olhares, uns corazones e a serpente da mão pra que a montassem e se acabassem ligeiro, prontos pra vida. Aquele Mancoso tava curioso demais, “Y yo acá, desnuda”, pensava ela. Mas só de corpo. Então resolveu desnudar um pouco a alma pra ver no que dava. O coronel Trajano Machado já tinha pago, no prejuízo ela não ia ficar, “Foi com o meu noivo, mi amor. Lá na Argentina, quando eu tinha a tua idade. Ele era um gaúcho, cuidava do gado, e yo uma bobinha enamorada. Por sorte meu coração bateu pelo homem certo, apesar das circunstâncias erradas. Eu não podia saber que uma semana depois de ele me perguntar se eu queria amar com ele a polícia ia inventar culpa pra uns crimes sem solução. O meu noivo ele não era branco. Não. Era hijo de índia com pai preto preso como ele ainda pequeno, em circunstâncias muy parecidas. Nunca mais se viu o pai. Não teve julgamento ni nada, os policiaais, me contou a mãe do meu noivo, só falavam de plata e mais plata. O mesmo se deu com o meu noivo, por isso vim pro Brasil em busca de fortuna e libertação, lejos do falatório que ia ter se trabalhasse por lá. A gente não escolhe as circunstâncias erradas, mas pode escolher lutar pelo homem certo. Es lo que pienso”.

“Mas que papagaiada é essa?”, quis saber o coronel

Trajano Machado arrebatando a porta. Viu o filho vestido e a puta se fazendo de comadre e se encheu de fúria. Foi desafiando o cinto e falou: “Você preste atenção, piá. Seu pai vai te ensinar como se faz”.

“O combinado era só o piá”, Ricina Rastera protestou, vendo as intenções do coronel. Só alimentou mais as formalhas, e o rosnado do coronel: “Vou te ensinar que combinado meu é o que eu digo”.

Quando confessou a ocasião ao padre Sumé, na primeira comunhão, o pároco quis saber: “E depois?”.

“E depois, ela toda machucada, meu pai mandou eu terminar o serviço, que daquela vez ele ia ficar olhando. A mulher, que nunca me disse o nome, lembrou que não escolhemos as circunstâncias erradas. E não completei a frase dela, seu padre. Fiz o que meu pai mandou. Nunca vou esquecer o jeito que ela me olhou até eu terminar. Olhos de quem lamenta se enganar.”

Foi a primeira de muitas confissões com o padre Sumé. E ali, na fundação da caçada definitiva ao Anhangá, ele mirava Mancoso com os mesmos olhos de Ricina Rastera. Tantos olhos olharam pra ele assim durante a vida que no fim rarearam e se esgotaram, se tornaram miras de certeza. O coronel não soube colher a dádiva que foi receber um último, logo do padre.

Padre que teria que fazer algo. Mesmo que fosse contra seu credo. E talvez nem funcionasse. Mas não podia permitir a loucura.

“É o seguinte, meu povo: hoje acaba o reinado do diabo branco”, discursou pros tapiribenses reunidos na praça. Traziam armas e tochas, “Vocês cacem o que quiserem. Vamos subir aquela serra e encontrar um monte

de bicho, vão poder se fartar. A regra é: quem matou é o dono. Mas o Anhangá é meu!”

“Em nome de Deus, abaixem as armas e cessem a loucura!”, o padre Sumé veio da igreja dizendo, “Mancoso, não vou permitir que continue com isso. Vai se lançar ao abismo e levar o povo com você se persistir nessa guerra perdida.”

“Não vai permitir, padre?”, rosnou o coronel. O Bugre, do lado dele, se levantou rosnante também.

“A igreja é contra essa insanidade. Deus é contra tudo isso!”

“A igreja protege o diabo agora? Pois marchó contra o capeta e quem ficar no caminho, sejam as hordas dos demônios ou o próprio Vaticano!”

“Mancoso, te aviso uma última vez, em respeito à nossa amizade: desista agora dessa loucura, esqueça essa peleja ou, Deus que me perdoe, quebro meus votos e revelo...”, o tiro do revólver do coronel mirado na cabeça do padre Sumé calou para sempre o segredo. O coronel Mancoso Machado confessara o que nem pra ele admitia por temores cristãos. Escondeu por anos e anos, como ensinado. Não ia permitir se descobrir, por mais pecado que fosse cessar a vida dum padre.

O povo se espantou. Os peões engatilharam as espingardas pra conter protestos, temiam mais o coronel que o próprio Satanás, como era o caso do Cateto Bento. A população de Tapiribi também. Ou só ficaram pasmos demais. Quietos, ouviram o coronel bradar: “Revelou-se possuído pelo diabo branco, o padre, que Deus carregue sua alma. Notei já na conversa que tive em privado agora de pouco. Tentei de tudo pra salvar a alma do padre, mas

não houve conversa, alma perdida. O tiro foi ato piedoso. Alguém discorda?”, se discordavam, não disseram, “Pois marchamos! O Anhangá vai pagar por suas maldades”.

Pra todos os velhos estavam claros os sinais da tragédia. Foram em frente por não saberem como voltar atrás.

## 29.

“Deus te carregue, assombração”, disse a duquesa do Ivaí ao topar com o fantasma de Cateto Bento.

“Venho pelo trabalho do diabo, duquesa”, riu-se a aparição, “O chicote dos maus.”

“Pois volte pro buraco de onde saiu, filhote de cruz-credo”, e fez o sinal da cruz, pra reforçar. Não que fosse das mais religiosas, mas nessas horas todo santo ajuda.

“Me tiraram de lá e pra lá só volto de alma lavada.”

A duquesa do Ivaí bateu a tábua que era a porta na cara do fantasma e voltou pra dentro do casebre. Sentou na cama e ficou olhando pra porta, tentando não olhar. Fantasmas atravessam paredes e portas, é o que dizem. Tinha certeza que o falecido Cateto Bento ia aparecer ali dentro dali a pouco. Por um momento pensou que ele tinha vindo assombrar ela por ser testemunha da ocasião da morte do cavalo do coronel. Mas lembrou de mais cedo no Tombozoio. Da aflição de João Bracatinga e as dúvidas nos assuntos de fantasmas. Queria se livrar de um, decerto o de Cateto Bento. E agora o infeliz tava ali na porta do casebre de segredos. A duquesa desconhecia as reviravoltas do ocorrido, como a história começada com um fantasma assombrando João Bracatinga tinha ido parar nela, mas

amaldiçoava o narrador, “Que coisa dessas só serve pra bagunçar ainda mais a vida da gente”.

Nunca tinha gostado do Cateto Bento em vida. Não gostava de nenhum dos homens do coronel, “Covardes que se armam de coragem pra atentar os fracos”. Lembrava do casamento dele com a Maria dos Ipês, arranjado pelo coronel Trajano Machado, quando o jovem Cateto Bento era ainda seu homem. Não tinha nem barba direito, nem história pra contar de onde veio, “História tem, posso farejar. Mas o passado de um homem é assunto dele. Aprenda isso, meu filho”, o coronel Trajano tinha dito ao Mancoso ao contratar o peão novo. A duquesa, ainda noiva, tava de visita na casa com o pai pras assinaturas finais. Evitava o olhar do futuro marido.

“E ao meu serviço vai ganhar até mulher”, disse o coronel ao peão novo, “Uma morena pra te esquentar a cama, e a propriedade dela pro teu sustento”, e explicou o caso, pois Régulo Rodrigues se mostrou interessado: “É filha duns pretos que viviam aqui no tempo que cheguei. Tinham um rancho mais pra lá, mais pra beira do Rio Paraná. A guria acabou órfã, herdeira da terrinha, e é uma pena mulher ficar desguarnecida de homem pra cuidar dela, não é? E ela é juvenzinha, da idade tua, Cateto, ou por aí. Me sinto na responsabilidade de arranjar marido pra ela. Nenhum outro peão quis, mas o Cateto vai querer, não vai?”.

Régulo Rodrigues bateu palmas: “O bem que me falou do teu pai é verdade, Mancoso. Cuida dos mais fracos da região como se fossem os seus”.

“São meus”, sentenciou o coronel Trajano Machado.

O que não foi mencionado foram as circunstâncias que fizeram da Maria dos Ipês órfã. O que também não foi mencionado foi com que direito o coronel daria as terras dos Ipês ao seu subordinado por meio dum casamento. E o que não foi nem cogitado foi perguntar a Maria dos Ipês se ela tinha algum interesse em se casar com um peão vindo sabe-se lá de onde, sem barba nem história. O sangue Cruz da duquesa ferveu. Quis muito levantar todas essas questões e ir contra uma injustiça. Tava na cara que era injustiça, mesmo que ela também não conhecesse as tais circunstâncias e tudo o mais. Os ensinamentos do pai que a aquietaram. Tinha homem falando, tratando de assuntos importantes, e mulher tinha que ficar quieta.

“E você se esqueceu das lições, não foi, duquesinha?” a voz fantasmagórica perguntou lá de fora do casebre de segredos, “O tio Bento vai te ensinar de novo.”

O que a duquesa sabia é que Cateto Bento casou com Maria dos Ipês e assumiu a terra dela. Quando ela enfim se mudou pra casa grande, o marido já alçado coronel e a noite de núpcias nunca consumada, o peão já tava casado, “Que aos poucos vou ensinando ela a me servir, coronel”, dizia aos risos pro seu patrão.

“Mulher só aprende na base do chicote”, dizia o coronel, pra gargalhada dos peões.

“E homem no capar”, a duquesa não se furtava em responder.

O coronel Mancoso Machado nunca ralhava. Os peões ficavam quietos, se entretinham com miudezas, uma cuia de mate pra ajeitar, um fumo pra cortar. Só Cateto Bento olhava pra ela. Julgava e condenava ela. A duquesa, aprendendo a destemer, perguntava: “Perdeu alguma

coisa na minha cara, peão?”

“Perdi nada não, senhora.”

“Então tá olhando pra mim desse jeito por quê?”

“É que mulher falar assim desse jeito com o marido não tá certo, senhora duquesa.”

“Cateto!”, rosnava o coronel, “Cada homem brade o próprio chicote.”

Cateto Bento nunca retrucava. Se o coronel dissesse que o céu era verde, ninguém esperava o Cateto apontar o quanto era azul. Ia dizer na hora: “Verde que nem o pasto, seu coronel”. Todo peão ao jugo do coronel Mancoso Machado aprendia depressa a temer o patrão. Não era só poderoso, senhor de horizontes, mas destemperado no trato da raiva. Se ouvia um levantando a voz pra ele, não dava segunda chance. Sacava o revólver, faca ou cerrava os punhos e dava fim ao infeliz. A perna manca nunca impediu ele de mandar bocudo pra cova. Cateto Bento era só mais um pronto pra obedecer tudo sem fazer cara feia.

“Tá aqui a mando dele, peão?”, a duquesa quis saber, se enchendo de coragem, “Tava lá com o Capeta e quando o coronel te chamou veio correndo?”

“A senhora pouco sabe do diabo e ainda menos do teu marido, duquesinha. Puta que se fez, só aprendeu a piroca de uns fracos. Ou pensa que me engana? Que não sei que esse barraco é pra que venham os desgraçados de Tapiribi com os pintos de fora pra senhora se fartar com a boca? Que vergonha, duquesinha, uma nobre feita prostituta pros plebeus a troca de birra.”

“Antes os pintos moles dos velhos da cidade que o do teu patrão.”

“Mas que mal-agradecida! Recebeu teto, comida e

conforto do coronel e agora me vem com essa. Mulher teimosa. Mulher sem jeito. Confessa que traiu teu esposo, a palavra dada diante do teu deus, com tudo quanto é caboclo que te procurou neste barraco! Confessa, duquesinha! Pode ter enganado o coronel todos esses anos, que a mim não me engana. Aprendi a farejar uma vagabunda. Vivi com uma por tempo demais pra aprender”, o fantasma arranhava a porta. Queria entrar. Contrariando a premonição da duquesa, não era capaz de atravessar aquelas paredes, “Não vai mais sair, duquesinha? Tem medo de fantasmas?”.

A duquesa do Ivaí não ia dizer que sim, mas tinha. Nunca tinha pensado que tinha. Nunca tinha pensado em fantasmas. Se antes daquela noite viessem e perguntassem: “Escute, duquesa, a senhora tem medo de fantasmas?”, a duquesa achava que ia responder: “Não seja bobo! Medo a gente tem dos vivos, e nesses casos a gente mata”. Agora, topando com um, e um conhecido e odiado, sabia que tinha.

### 30.

A caminhada era quieta. Avançando pelo campo, só se ouvia os passos. Nem os grilos ou sapos faziam barulho. Se aquietavam pra passagem do povaréu, que iluminava o caminho com as tochas. Não havia lua no céu. Noites sem lua são menos claras, mas bem mais estreladas. O céu sobre eles era branco de tantas estrelas, embora entre elas só houvesse escuridão. Incontáveis, infinitas, quem sabe cada uma delas guardando tantos outros mundos. O Homem Velho tava lá no alto. Não olhava a procissão. Tava

atento ao que ocorria no casebre. Podia ver o casebre e o fantasma assombrando Cascatina e se ardia de vontade de descer dos céus e pôr fim àquele tormento. Não era impossível. Podia descer. As consequências para homens e deuses seriam tremendas, mas podia. Havia tantas outras constelações, chamadas pelos povos ancestrais daquela terra de um jeito e pelos novos ocupantes de outro. E o caminho da anta. O povo de Tapiribi, vendo as constelações todas outras, seguia um caminho das antas também, o rio que corria da Serra do Anhangá. As tochas refletidas nas águas eram como estrelas. Não se achavam iluminados. Sabiam do escuro entre eles.

Ninguém que não fosse o coronel ou seus peões desejava a caçada. Não que fossem contra caçadas. Em juventude, alguns ali tinham sido bons caçadores. Matezeu, em sua fuga desabalada, caçou suas comidas. Tinha certeza que se parasse em mercearias ou mercadinhos ia ser rastreado pelo detetive Gona Faiding. Não podia arriscar. Desmorte Josefino era avesso ao derramamento de sangue por obra sua, mas Carleta Mariana caçava tatus desde novinha. Tava preocupada com o estômago do companheiro, sem saber se ia aguentar a matança. Os ódios entre os dois duravam pouco, substituídos pelo cuidado do convívio. Dona Miratela, depois de um programa onde a Ana Maria ensinava a preparar marreco, inventou de sair atrás de um bando que viveu no Rio das Antas por um tempo, “E nunca preparei o prato, decerto que delicioso, pois todos os marreco caíram pra carabina do coronel. Uma pena”. Limitava-se a essa desventura a carreira de caçadora de dona Miratela. Os canaviais, municidados de estilingues, caçavam rolas quando jovens, voltando

pra casa depois do dia cortando cana. Era a mistura que tinham pro arroz e feijão. Seu Tento da Silva, alegando educação francesa no tempo do empresariado, capturava sapos e os preparava como rãs. Dona Ana Laura às vezes inventava de pescar uns peixes e assar eles numa fogueira no próprio Tombozoio, esfumaçando todo o lugar, e pesca é caça aos seres úmidos. Outros tinham ou não suas histórias de caçador. Todos concordavam que o Anhangá não era bicho pra caçar. A concordância era muda. Se via nos olhos. Não iam arriscar contrariar o coronel. O homem tava brabo mesmo, pra matar o padre, possuído ou não.

A única que murmurou qualquer coisa, mais preocupada que tava era com seu João Bracatinga, foi dona Brasina: “Isso tudo tem cheiro de churrasco queimado”. Talvez conhecesse o próprio desfecho.

O coronel Mancoso Machado tava sem poder voltar atrás. Homem quando diz e desdiz perde o respeito. Não era pra ter matado o padre Sumé. Foi o medo de sempre que lhe sacou a pistola e apertou o gatilho.

“Vamos enterrar o padre, que mesmo possuído era alma cristã”, tinha dito alguém do povo, pra concordância dos demais.

“Depois!”, berrou o coronel, “Vai ter tempo. Damos enterro digno, daí. Agora tamos com pressa e presa. Não quero perder o rastro do diabo branco.”

Não protestaram. Ficaram ainda mais espantados. Mas não iam mesmo protestar. A palavra do coronel era lei. E olha que dessa até ele duvidou, “Mas o que é que eu ia fazer? Se deixasse enterrarem o padre, levavam a noite toda de choro e lamentação”. O próprio coronel sabia a resposta: se não matasse o padre, o amigo padre Sumé,

não ia ter corpo pra enterrar, “Mas ele ia me desonrar! O que fiz, foi pra defender meu nome e o meu mando”, e é desse jeito que os homens se enganam. A honra, o nome, as crenças equilibradas que desmoronam e os deixam sem rumo. Fronteando a caçada, o coronel Mancoso Machado queria era chorar, “Mas nunca!,” mais mentiras. E a mim, narrador, ele não pode matar, “Mas vou pôr fim ao Anhangá, não duvide do que sou capaz”. O que o coronel queria era chorar. Na infância domada pelo pai, foi no padre que encontrou ouvidor. O coronel Trajano Machado não era de ouvir. O negócio dele era bradar. Não ia mudar os modos pelo filho, nem pela esposa tinha mudado. O padre Sumé, sempre com o mate pronto, era bom pra ouvir, “Pelo menos você gosta de mate, Mancoso”, dizia, alegre, nos dias de catequese. Os Machado vinham mais do sudoeste do Paraná, onde o chimarrão corria nas rodas. O amargo Mancoso aprendeu a tomar com o pai, como tinha que ser, “Ele me acordava cedo, quando eu era mais pequeno, e me mandava aprontar a cuia. Aprendi à base das cintadas pelos erros”, “Cada um ensina como pode, mesmo que uns nem deversem ensinar”, falava o padre Sumé.

Nas catequeses, Mancoso era o único aluno. Havia outras, pros jovens de baixo nascimento, “Mas meu filho não pode se misturar, o senhor entende, padre. O caso é que ele tem que aprender o lugar dele, e por direito é à parte da peonada”, justificara o coronel Trajano Machado ao exigir as catequeses particulares. O padre concordou por achar que o importante era cuidar do rebanho. Se uma ovelha precisava de trato especial, o pastor dava e esperava que no futuro se acomodasse com as demais.

Do Mancoso o padre Sumé ouvia as confissões mais dolorosas. A da prostituta Ricina Rastera fora a primeira, na comunhão. Seguiram-se a ela tantas outras, “Que faço sem saber se é o que Deus ia querer, mas por ordem do pai”. As primeiras confissões eram aflitivas. O jovem Mancoso tinha em si confusão bem grande. As maldades que o pai mandava ele tinha que fazer. Mas as confissões naquele tom indicavam remorso. Chorava sem lágrimas por perdão, “Diga ao Deus, seu padre, diga pra ele que não faço por mal. Faço porque tenho, porque me mandam”. O padre Sumé sofria com as dores do Mancoso. Pro resto de Tapiribi, era filho do pai dele, tão ruim quanto o coronel Trajano. Não hesitava nas vilanias, todas justificadas sem possibilidade de questionamento. Ninguém na cidade nutria esperança de coronel bondoso ou mesmo ponderado depois que o velho Trajano batesse as botas, “Que o Diabo vai deixar o messias dele pra nos atentar, e nesse evangelho ao revés quem é pregado na cruz somos nós!”, comentavam aos sussurros. O padre sabia que havia uma alma atormentada por baixo da casca grossa que o coronel Trajano Machado ia forjando pro filho. Tinha fé que poderia redimir aquela alma, fazer bater nela um coração bondoso. Entendeu que ia ficar mais difícil depois da morte de Trajano Machado, a confissão mais escondida do então Mancoso Machado mostrou que ele não era quem se fazia crer. Os conflitos cessaram. Como bom cristão, Mancoso narrava os pecados e pedia as ave-marias, pai-nossos e as quantidades pra que Deus olhasse pro outro lado, “Que se tiver desconto, pago à vista!”, ria-se o coronel.

“Não se pode esconder nada de Deus ou de si mesmo, Mancoso”, lembrava o padre.

“Mas dos outros eu posso”, rebatia o coronel.

É verdade que as lágrimas ele escondia bem desde sempre. E fazia isso agora também.

### 31.

Não tinha mais levantado da cama. Não tinha nem se mexido. A duquesa do Ivaí só mirava a tábua feita de porta e ouvia os arranhões do fantasma de Cateto Bento, louco pra entrar no casebre de segredos. Arranhava e dizia das assombrações dele, “Tá aí com algum caboclo? Algum miserável daqui da vila? É isso então, duquesinha? Fica aí enfiada, de joelhos, chupando a piroca de quem te aparece. Uma barbaridade um troço desses, nunca tinha visto igual, em vida ou em morte! A senhora é mesmo a rainha das vagabundas, hein, duquesa de araque? Vergonha passou longe do teu berço”, e coisas assim. A duquesa tava certa do envio do fantasma pelo coronel. O desgraçado nunca tinha mandado gente atrás dela. “A caçada do Anhangá deixou o homem ainda mais louco”, murmurava a duquesa, pra resposta pronta do fantasma: “Ele foi brando com a tua sem-vergonhice por tempo demais e agora cansou, duquesinha. Cansou de ser enganado. Volta da serra com o cadáver do diabo branco e depois vem buscar o teu. Amor nenhum resiste a isso que você vem aprontando”.

“Vem me falar de amor?”, indignou-se a duquesa, “Aquilo lá não sabe amar. Nunca soube. O pai treinou ele pro ódio e o infeliz foi bem amestrado.”

“E te permitir tanta linha pra quê, se não por amor, duquesinha?”

A duquesa do Ivaí tinha suas desconfianças. Não dá

pra esconder o íntimo por décadas de vivência embaixo do mesmo teto. A versão oficial era outra. Era sobre o apoio recebido pelo pai, Régulo Rodrigues, e a vergonha que ia ser devolver uma esposa. O coronel tinha até dito algo parecido na noite de núpcias nunca firmada, depois que a duquesa negou ir à cama dele. Não queria, não gostava, não ia se entregar. E falou: “O casamento foi um erro”, “O que é que tá dizendo, mulher? Fizemos juras diante do padre Sumé, representante de Deus!”, “Pois mentimos perante ao Pai. O senhor me devolva ao meu pai, o pai daqui do chão, quero dizer. Vamos solucionar isso”. A duquesa do Ivaí ainda lembrava do jeito que o coronel olhou pra ela. Tava sentado na cama, ela encostada na porta. Mancoso Machado parecia bicho, e bicho dos perigosos, desses de rompantes. O coronel se levantou e tirou o cinto. Ficou parado, em pé, com o cinto na mão, mirando a duquesa. Ela queria saber o que é que passava na cabeça dele. Depois não quis mais. Depois jurou pra si mesma que ia brigar e perder, mas ia brigar feito onça. O coronel podia ser bicho, mas ela ia ser mais. Disse o coronel: “Pois não devolvo! Casamos e ficamos casados, como manda os mandamentos”. Pendurou o cinto num canto e foi tirando o resto da roupa. Vendo a duquesa sem se mexer junto à porta, perguntou: “Não vem dormir, mulher? Pelo menos isso você faz, não faz?”. E a duquesa respondeu: “Casados, então. Mas vou ter o meu próprio quarto. Boas noites, marido”, e saiu.

Ela não sabia, mas pro coronel foi um alívio que ela não fosse Ricina Rastera e não houvesse ali a presença do pai com seus mandos. Não sabia, mas o alívio da noite de núpcias não consumada não era só dela. Para todos, foi comentado o sucesso da noite de núpcias: “Domei a po-

tra”, bradava o coronel pra tantos risos e felicitações. A duquesa nunca negou. Que ele se exibisse. Deixando ela em paz, tudo bem.

O fantasma de Cateto Bento arranhou mais a porta, “A senhora admita que foi sempre uma bruxa para o coronel. Eu acompanhei as tuas ruindades”, “Quem dera fosse bruxa, não duquesa. Fazia ele virar sapo”, “O jeito que retrucava cada palavrinha dele. O jeito que encarava, que sentava ou levantava da mesa na hora que quisesse. A mesa da casa dele! Servi o coronel uma vida inteira e nunca gente nenhuma levantou da mesa sem antes pedir permissão, nem o governador! Respeito, duquesinha, é assim que se chama. Você pode ter título de nobre, mas não passa duma rameira que nunca soube reconhecer as bondades do homem que te acolheu”, e o fantasma continuou, pro silêncio da duquesa: “Mulher ruim, mulher má! Nunca percebeu o mal que causava? O coronel nunca temeu tiro nem faca, e já foi alvejado mais de uma vez nas brigas dele. Era o teu jeito que machucava ele. E nunca te bateu! Ah, mas se fosse mulher minha ia apanhar até virar gente. Onde já se viu? Mas quem sou eu pra questionar as escolhas do coronel, né? Homem de qualidade superior à minha, entende da vida e de como tratar com ela. Conheço o meu lugar, duquesinha. A senhora devia era conhecer o teu”.

“Pois teu lugar é a cova”, retrucou a duquesa do Ivaí, de sangue Cruz fervente, “E o do teu patrão era no mesmo rumo que o teu. Que o Anhangá chifre ele e parta o infeliz no meio, não me apetece! Nunca quis esse casamento. Fui forçada por pai e depois por ele, pelo temor de ficar mal falado, de que questionassem o homem que era ao perder a esposa. Me manteve foi por isso, nunca

houve nada de amor. Nunca houve nada de eu. Jamais fui perguntada sobre nada. Ah, ele não me batia! O anjo do Senhor! Mas me encarcerou a vida toda, prendeu meu corpo, minha alma, minhas vontades. Não me batia como um dono não bate num cachorro de raça. Mas isso faz o dono menos dono? E o cão menos cão? E você foi menos que cão, assombração. Comia a bosta que o coronel cagava sem nunca reclamar do gosto ou de nada. Se achava muito homem, diz muito de coisas de homem, mas homem você nunca foi. E nem o coronel, se escondendo atrás dos medos dele, de tudo que despejaram em cima dele. Homem que é homem não segue o baile dos outros, mas do próprio coração. E teu patrão tá lá se enfiando nos matos pra ir contra a natureza”, a duquesa respirou fundo, “Se o Homem Velho é perneta, pelo menos não é manco, carregando os grilhões do passado por aí.”

O fantasma do Cateto Bento parou de arranhar a porta, “Homem Velho?”, e soube pelo silêncio da duquesa do Ivaí que tinha confissão. Fosse quem fosse o Homem Velho, o fantasma sabia ser o amante. O sangue Cruz gritava nas veias que tudo se fodesse. Tinha amante sim, tinha o direito de amar. Mas a tradição paterna contestava, assustada, que dar com a língua nos dentes era violar o casebre de segredos. E isso era pôr ele abaixo. A duquesa chorou e o fantasma riu, “Te espero no inferno, duquesa”.

### 32.

“Todo mundo faz mira!”, ordenou o coronel Mancoso Machado, “Bicho nenhum sai dessa serra caminhando, nadando, rastejando ou voando.”

Tinham cercado a serra. Não toda ela, que a gente não era toda, “Mas as trilhas dos bichos são essas, e bicho é tudo burro. Se fugirem, é pra mira das armas”, tinha dito o coronel. O povo, desanimado e cansado, fez o ordenado. Nem mais em pensamento questionavam o rumo dos acontecimentos. Rezavam pra que acabasse depressa e pudessem voltar pras camas ou pro bar, dependia da inclinação de cada um. Já não sonhavam com sonhos em um ou outro. Só importava escapar do pesadelo. O coronel Mancoso Machado, alheio às rezas, ficou satisfeito com a obediência ligeira. Era daquele jeito que tinha que ser. O jeito que o pai ensinara. Homens ou bichos, todos deviam obedecer às vontades dum coronel. Impossível é domar a si mesmo.

“Me diga as ave-marias, os pai-nossos, me diga todas as orações do mundo que eu rezo, seu padre!”, tinha dito um recém-alçado coronel, ainda jovem, mas já cascudo, “Diga lá, seu padre, que pago!”

“Se acalme, meu filho. Ainda nem se confessou. Deus não pode cobrar sem saber o preço. Mesmo que perdoe tudo no final, é importante pra contabilidade.”

“É coisa ruim, seu padre. Coisa muito ruim. É o que posso dizer. Balize a cobrança com o que há de pior entre os pecados. Não me importo. Só me passe a penitência.”

“Não é assim que funciona, Mancoso”, disse o padre, mais sério, “Pra Deus, a contabilidade é formalidade. A confissão é formalidade. Pros homens, é o que nos separa da dor.”

“Que dor o quê, seu padre? Não é questão de dor. É questão de vergonha na cara. De que jeito um homem pode viver com essas coisas dentro dele? Essas vontades?”

Um bando de bagunça na cabeça, uns sacis embaralhando os gostos, mexendo com o que é certo e errado. Isso não é trabalho de Deus, seu padre, é obra do próprio Diabo.”

“Tudo que se passa no mundo é arte de Deus, Mancoso. A gente taxa de bom, de ruim, inventa o que for, mas no fim é Deus escrevendo nas linhas tortas dele.”

“No meu caso não, seu padre. No meu caso não. Tô torto nas linhas certas, não tem outra explicação. Meu problema é demoníaco”, a voz era quase chorosa, não de todo pois o coronel ia engolindo uma a uma as lágrimas, “O senhor me passe as penitências, seu padre. Pago o preço que for pra minha alma retornar à retidão. Anda, seu padre! Cada segundo sem rezar é passo alongado pro colo do Capeta!”

O padre Sumé não disse nada. Deixou o silêncio da igreja, ela erguida dum jeito na cabeça de cada um, ser todo o som que havia. Igrejas são sempre silenciosas em dias sem missa, mesmo as fundadas em sonhos e medos. Conhecia Mancoso desde cedo. Era piá diferente do planejado pelo pai. O padre não era juiz pra decidir os rumos do mundo e acabou de dizer que isso de bom ou mau não existe, “Mas existe sim a dor e o sofrimento. É meu dever tentar evitar”, dizia ao deus em suas confissões diretas e particulares. Tinha esperança de desfazer as ideais que o coronel Trajano tinha plantado na cabeça do filho. Pleiteava podar a linhagem dos coronéis e deixar florescer alma nova, bondosa, caridosa. Se não fosse pra ir tão longe, se contentava com alma avessa às maldades, “Que chamo de maldades pois é como damos o nome pra essas coisas dolorosas, meu Pai”, confessava, pra que Deus não ficasse confuso.

O silêncio clerical se partiu com as primeiras gotas rolando dos olhos de Mancoso. Tentava conter as coitadinhas, o que só piorava. O padre saiu do confessionário feito de ilusões e encarou o jovem Mancoso, de olhos bem fechados e punhos cerrados em cima das pernas. Nada havia dos gestos expansivos ensinados pelo coronel Trajano naquele corpo, eles tão comuns ao recém-alçado a coronel. O padre Sumé viu que Mancoso tentava se fechar em si mesmo. Os punhos cerrados era pra que nem os dedos ficassem longe demais do casulo que ia formando ao seu redor. Os olhos se escondiam atrás das pálpebras que tentavam se fundir pra nunca mais abrir. Valia o preço não ver nunca mais o mundo se o mundo também não pudesse vê-lo chorar. Se o mundo não pudesse mirar pra dentro e descobrir. “Ora, esse Mancoso não é só coronel”, suspirou o padre Sumé. Não tinha se saído tão bem na missão divina que ele mesmo propôs, “Mas esse Sumé também não é só padre”. O coronel Mancoso Machado tava adestrado demais pelos ditos do pai. A represa nos olhos, ainda pior que a assassina das Sete Quedas, era atestado que nem a dor de lutar a guerra perdida contra si mesmo Mancoso ia evitar pra ser o homem sonhado pelo pai.

Aquela era a última oportunidade. O padre Sumé sabia que sim. Se abrisse as comportas a tempo, salvava as Sete Quedas da alma do Mancoso. Tanto pelo próprio Mancoso como por toda a região de Tapiribi, o padre quebrou as regras confessionais e correu acudir o homem que aos olhos dele ainda era um piá. Envolveu Mancoso num abraço de pai, coisa que o pai dele nunca foi. Surpreso, Mancoso não conseguiu conter a enxurrada e deixou que o choro se apossasse da alma em cataratas. O padre sentia

o corpo de Mancoso chacoalhar e o abraçava mais forte. Era a primeira vez que chorava.

Havia esperança no coração missioneiro do padre Sumé. Aquele destrave do que era interno correndo pro externo podia significar o começo da reconciliação de Mancoso com o que ele sempre fora ensinado a ocultar. O padre não achava que só com isso o jovem ia ser feliz, mas esse conceito é mesmo de aplicação muito difícil. A salvação que o padre esperava era mais a que Jonas conheceu depois de ser vomitado pela baleia. Que todas aquelas lágrimas fossem o vômito dum Mancoso mais alegre.

“Chora, meu filho, chora”, sussurrava o padre, embalando Mancoso nos braços, “Chora e deixa o que você tanto escondeu vir pra fora, deixa o homem que você é aparecer e essa máscara que te puseram na cara cair.”

“Não, seu padre, não! Ninguém pode saber, o senhor tem que guardar segredo, como é caro aos teus deveres de sacerdote.”

“São meus deveres, meu filho, é verdade. Dizer é com você”, prometeu o padre, e tenho certeza que nunca imaginou que um dia cogitaria quebrar tais votos, “Pode chorar, Mancoso.”

O choro cessou. Os tremores silenciaram. O abraço do padre envolvia a imobilidade e o silêncio, “Homem não chora, seu padre”

“Mancoso, a dor não passa se você continua escondendo ela de você mesmo.”

“A confissão acabou. Chega de ladainhas. Vou rezar um terço e o Patrão lá de cima vai ter que se dar por contente”, decretou, levantando-se feito coronel, “O senhor não se esqueça, seu padre: o que ouviu é segredo de con-

fissão. Revelar desses temas é falhar com Deus e, pior, se encenar comigo. Não vou pensar duas vezes pra que as coisas certas continuem certas.”

Espantado, o padre olhou para os olhos de Mancoso. Secos. Tinha aprendido a fechar as comportas como que por mágica, sepultando pra sempre as Sete Quedas. O choro tinha ficado lá dentro, o padre via isso também. Encarava a alma do Mancoso e ela era domada pelo chicote do coronel Mancoso Machado, herança do pai. Não se sabia de reza pruma situação daquelas.

E era àquela alma encharcada que todo o povo de Tapiribi obedecia. Faziam mira a cada trilha naquele cerco só aguardando pra disparar. Que importava se era caçada sem sentido? Que importava se matavam sem ter fome dum tatu ou medo duma onça? Tinham medo era de ir contra o coronel, bem pior que os outros temores, por isso iam abater o que lhes fora ordenado.

“Vou subir a serra”, disse o coronel, “Espantar a bicharada. Eles correm pra cá e vocês vão atirando. Disse e repito: não quero ver um vivo!”, iam subir ele e o Bugre pra batalha final.

O povo concordou. Não foi só um que pensou que, se o coronel acabasse devorado lá em cima, estavam livres daquela e do resto das noites. Tudo em segredo.

Sopraram ao pé da serra os calafrios do caminhar dos mortos. Tudo quanto era nuca se arrepiou. Era o fantasma de Cateto Bento vindo em trote pra contar ao Coronel o que tinha descoberto. Dá pra imaginar que a maior parte do povo não viu a assombração, só os crédulos, que até comentaram: “Tá infestado de alma penada isso aqui. É isso que dá matar padre”, e mesmo os céticos se ben-

ziam. Cateto Bento vinha alegre assombrando todo mundo. Tinha descoberto que a duquesa do Ivaí era uma baita duma prostituta, como sempre desconfiou, e contar isso ao patrão em vida a quem seguia obedecendo em morte era ter certeza do cumprimento da vingança. O coronel era homem de respeito, cumpridor de palavra e não faltava aos seus. Ia olhar pela causa dele. Tinha grudado lá no novo marido da Maria por capricho do destino. Se tivesse controle sobre esses assuntos ia ter vindo ao coronel logo de uma vez. Agora queria mais era que o gaúcho acabasse morto que nem a Maria. Que nem ele.

“Coronel?”, soprou no ouvido do patrão em vida, “Tua duquesa tá te pondo chifre já tem tempo. E com um tal de Homem Velho. Tava ela lá num casebre da borda do campo onde fazem as sodomias deles quando encontrei ela. Mulher é tudo igual, coronel.”

Isso o coronel Mancoso Machado já sabia. As gentes são o que são. Sorte das que são certo. Ele tinha que ser também. Por isso se virou pros peões que o acompanhavam pra todo canto e disse: “Você vai pro sítio do falecido Cateto Bento. Mata quem encontrar lá, que sou homem de palavra e devo favor. Você vai atrás da duquesa. Mate e suma com o corpo. Não quero ver nunca mais”.

Os dois seguiram seus caminhos. O fantasma de Cateto Bento gargalhou. O coronel só voltou a olhar pra serra. O Bugre tava ali do lado dele. Estavam prontos pra irem pelear contra o diabo branco e findar de uma vez por todas aqueles assuntos por resolver.

### 33.

Dona Brasina ouviu as ordens do coronel e se encheu de tristeza, medo e ódio. Tinha que inventar o que fazer pra evitar as maldades dos peões. Pra evitar que lhe tirassem o João Bracatinga. Mas de que jeito? Se tentasse abandonar o cerco tomava tiro nas costas do coronel por desertora. Até dava pra esperar o infeliz subir a serra numa vez. Tava ali ainda, parado do lado do cachorro, olhando pro alto todo raivoso, “Só que o que é que eu ia fazer, daí? De que jeito que eu ia alcançar o peão que foi matar a Maria e decerto que também o João? E mesmo que alcançasse, que é que eu ia poder fazer? Fazer mira com esse meu revólver velho só pra depois ele devolver fogo? Oferecer meus amores? Virar puta em troca da vida do meu amor, como era o caso daquela antiga prostituta de Tapiribi, a Ricina? O desgraçado do peão prefere panela nova, certeza, que esses moços sabem nada de comida boa. E tem o outro peão, o que foi atrás da duquesa. Tenho poucos assuntos com ela, mas não é certo só deixar morrer, ou é? Não tem como eu parar o peão indo atrás dele e ainda saber que tô condenando a duquesa. O coronel selou o destino do infeliz e acho que mesmo se eu pudesse virar onça não ia conseguir parar ele”.

Tinha nascido e se criado bem na beira do Rio Paraná, a dona Brasina. Na outra margem tava o Mato Grosso do Sul, de onde vieram os pais, fugidos de uns grileiros que iam espantando a gente mais humilde em nome dos seus coronéis, “Um dia te levamos pro Pantanal, minha filha, pra você ver em que águas foi concebida”, diziam. Tinham atravessado o rio pra buscarem

a felicidade em Porto Alegre, terra dos avós, “Que uma cidade com nome desses nunca que vai ser triste!”. Des-  
ciam pro Rio Grande, reclamavam uns títulos herdados dos pais, vendiam as propriedades gaúchas por muito dinheiro e voltavam pro Pantanal deles, felizes da vida, comprando tanto terras como o respeito de quem quer que lhes desejasse novos malfeitos. Só que o destino dos dois era ser gente triste. Como era o dos avós antes de fugirem lá do Rio Grande, atormentados por apoiarem lados opostos na Revolução Farroupilha e mesmo assim encontrarem no meio deles o amor em comum. Não deu muito tempo e tiveram que fazer da canoa usada pra travessia cabana. O homem enfrentava a febre amarela. Mais um pouco e a cabana virou casa, pois o coitado do pai da Brasina foi acometido por um caroço no fígado que o comia de dentro pra fora, “Mas é só até você melhorar, meu nêgo”, dizia a mãe de Brasina ao marido, que morreu por anos das mais diversas moléstias até morrer de vez.

“O destino da gente é ser triste, minha filha”, decretou a mãe, adocida depois de perder o marido, “Uma pena. A gente ia ser rico lá no Rio Grande pra voltar e comprar metade do Pantanal, ia ter terra, ia ter respeito, ia ter jeito de te dar tudo do bom e do melhor, sem medo nenhum que nos tirassem de lá outra vez. É mesmo uma pena.”

Uma semana depois de enterrar a mãe, Brasina descobriu que os títulos eram falsos. Vendeu eles pela metade do preço ao primeiro viajante que encontrou, ele que corrigiu a rota pra Porto Alegre em busca das hipotéticas riquezas, elas fartas de tristeza.

Desfeita do tal destino, Brasina resolveu usar o dinheiro pra se firmar por ali mesmo. Comprou uma terrinha em Tapiribi e construiu a casa que tanto lhe alegrou. E que tanto alegrou tantos que ela elegeu pra amar, “Que destino é coisa que a gente tira que nem roupa”, sussurrava aos tantos amantes antes de se enlaçarem numa coisa só. Dona Brasina fez da vida dela um pantanal de alegrias, porto pra tantas outras. Ao saber das maldades delegadas pelo coronel sentiu tristeza pela primeira vez desde os enterros dos pais.

Não foi um nem dois que tentaram fazer da dona Brasina mulher só deles. Amante exclusiva. Apesar de nunca ter dominado os temperos de dona Maria dos Ipês, era senhora das suas próprias especiarias. Quando convidava alguém para a cama era pelos atalhos que ela aprendeu bem. Vencidos os atalhos, mostrava aos homens os caminhos que tanto almejavam trilhar. Realizadora de desejos, acabava ouvindo súplicas por mais, “Que os gênios da lâmpada concedem três!”, “Pois vá pedir a eles”, e tocava os chorões. Os menos dramáticos deixava esquecer a cama até de manhã, que era tão carente por carinhos quanto tudo quanto era gente. Só que entre chorões e conformados havia os brutos.

“Amanhã a gente parte cedo, vou te levar pro meu rancho”, diziam uns, “Amanhã me mudo pra cá, pra cuidar de ti”, diziam outros, “Venho uma vez por mês. Tenha comida pronta e te quero limpa”, esses eram os que mais faziam dona Brasina gargalhar.

Homem adora que as mulheres riam das piadas deles. Tanto que não são poucas as risinhas só pra agradecer. Só que homem odeia que riam da cara deles. Tanto

que não são poucas as que nunca riem, pra evitar de-sentendimentos. Dona Brasina não era uma nem outra. Ria quando dava vontade. E gargalhava quando era necessário. Passada a dorzinha boa no estômago, primeiro tratava os homens de rompantes como os chorões: “Xô! Xô! Vai procurar o que fazer, um lote pra carpir, uma louça pra lavar”. Funcionava quase sempre. Rompantes são tantas vezes jeitos de engolir o choro, lição aprendida e decorada por todo piá. Um ou outro cantava de galo, “Venha aqui que vou te ensinar a rir da minha cara”, berravam, pra ensinar o que acontecia quando eles não engoliam o choro — tinha sempre pai ou tio ou avô pra ensinar. Eles só passavam adiante. Dona Brasina nunca sentia medo. Sacava o revólver de um tiro só trazido do Mato Grosso do Sul pelos pais de baixo do travesseiro e metia logo tiro no joelho dos machões, “Se der um pio eu subo a mira e poupo o mundo das tuas crias”. Piar não piavam. Mas choravam. E se arrastravam entre lamentos pra longe das vistas de dona Brasina, que sentava na cama e suspirava. Medo não tinha, mas sabia que um dia podia errar a mira e acabar à mercê daqueles desgraçados, “Sou mais fraca, não tem jeito. O que me salva é não ter medo. Se tenho, tô acabada”, sempre se lembrava. Agora sentia medo pela primeira vez.

Só que tinha também o ódio, “Nunca soube misturar os temperos da Maria, mas esses acho que sei”, falou pra noite, pra que ela mesma entendesse a receita, “Que tristeza e medo com pitada de ódio é tudo o que eu preciso”. Procurou nas bolsas do vestido e achou caixa de fósforo, “O mundo tá seco, vai queimar bem”, ela sabia, esperando que os peões notassem o perigo e voltassem a acudir o

patrão deles. Quando o coronel Mancoso iniciou a subida da serra com o Bugre do lado, dona Brasina foi atrás.

Ia se escondendo. Se o coronel a visse, decerto dava tiro sem perguntar. Dona Brasina sabia que não ia poder revidar. Mirar em joelhos do outro lado da cama ela sabia, mas nunca foi de ir além em artes de atiradora. O coronel mancava serra acima, berrando pra que o Bugre achasse o rastro, “Não deve tá longe, o veado! Vai cheirando, Bugre, vai cheirando. Acha ele, acha ele pra mim”. Ia se embrenhando cada vez mais no mato. Dona Brasina subia e subia pra iniciar o incêndio no alto, pra que os peões vissem de longe. Até pensou que podia não funcionar. Não dava pra ter certeza que os peões voltariam. Talvez tivessem tanto medo de desobedecer uma ordem do coronel que não iam arriscar pra salvar a vida do patrão. Só que nada restava pra dona Brasina, “E se não voltam mesmo, ao menos pode ser que eu faça churrasco desse coronel”. Vingança é o alento das almas feridas, isso todo mundo sabe.

Perdeu o coronel e o cachorro de vista. Ainda ouvia os ecos dos dois pela mata. Chegou a um descampado de onde via o campo da noite iluminado no alto pelas estrelas e no baixo pelas caras de Tapiribi. Ao pé da serra, as fogueiras do povo reunido no cerco. O Rio das Antas brotava da serra e serpenteava até desaguar no Paraná. Se aперtasse os olhos já velhos, dona Brasina podia enxergar o sítio da Maria e do João. Rezou pra que o peão não tivesse chegado lá ainda, “E que volte, minha Nossa Senhora, que vingança é bom mas prefiro não ter que provar”.

Juntou uns galhos secos, uns capins mais secos ainda, e forrou o descampado com a fogueira. Riscou um fósforo e jogou no meio. O fogo pegou depressa, soprado

por assobio que assustou dona Brasina.

“Nunca gostei de fogo de gente. Fogo danado”, o Anhangá falou, surgindo dos matos com a enormidade da galhada de mil pontas e os olhos vermelhos queimando, “Mas desse teu até que eu gosto, é mais solto que os encilhados.”

“É fogo de ódio”, disse dona Brasina, disfarçando a tremedeira com a voz firme.

“Vai me servir. Vou soprar e soprar e deixar que seja livre.”

“Tão livre não vai queimar tudo? Incendiar Tapiribi e os campos em volta?”

O Anhangá só mirou fundo nos olhos de dona Brasina. Ela entendeu. Toda guerra acaba. Guerra contra um bicho daqueles nem se começa. Não tem outro fim que não seja tragédia. Dona Brasina saiu correndo do descampado enquanto o Anhangá soprava o fogo pra que corresse a serra e os campos. As chamas rugiam atrás da dona Brasina, mas ela ainda conseguiu ver a constelação do Homem Velho, que ela chamava de Orion, despencar do céu. Meio que sem querer, quis que o João viesse salvar ela também. Se virar sozinha a vida toda acaba cansando.

### 34.

Se estivesse vivo, o padre Sumé explicaria ao povo que aquela chuva de estrelas não era a do apocalipse, mas de ato de amor. Como não tava e ninguém mais era versado nesses temas, não tinha quem impedisse o alvoroço.

“As estrelas caindo, o fogo subindo na serra! É o Diabo Branco se vingando, é o fim do mundo das Es-

crituras!”, o povo ao pé da serra gritava, embasbacado, confundindo tudo ainda mais em temas de mitologias, e acrescentavam: “O coronel nunca devia ter matado o padre! Dá azar. E depois subir caçar o que o homem não conhece. A gente tá condenado, é o juízo final!”

Choravam e lamentavam, mas ninguém tinha se mexido para além das tremedeiras. Uns olhavam pro topo da serra, onde labaredas enormes iam envolvendo tudo quanto era planta. Logo descia ali pra baixo. Outros miravam o céu, de onde o Homem Velho despencava em estrelas cadentes. Ninguém ali sabia o que fazer no fim do mundo.

O povo de Tapiribi não era acostumado com esses eventos. Velhos do jeito que eram, seus fins do mundo eram ser alcançados pelas picuinhas das quais passaram a vida escapando. Dona Miratela perder um programa da Ana Maria e errar uma receita era fim do mundo; seu Tento da Silva topar com a falência irreversível era fim do mundo; seu Matezeu fugiu tanto do detetive Gona Faiding que ser apanhado era o fim do mundo; os Canaviais ficarem sem as pingas pelas quais deram a vida era fim do mundo; Carleta Mariana e Desmonte Josefino verem secar ódios e amores prum leito de indiferença era fim do mundo; não ter mais bar pra abrigar todos os fins do mundo era fim do mundo pra dona Ana Laura, Tapiribi se fazia nessas fugas. Todos temiam esses fins do mundo pontuais, mesmo conscientes que podiam ocorrer. Lidas com o apocalipse bíblico não lhes cabia.

O fogo se alastrava por toda a Serra do Anhangá. Árvores explodiam e a fumaça subia como do cume dum vulcão. E as chamas não só subiam pros topos. Desciam

também. O abobamento do povo durou até a debanda-  
da dos bichos: tudo quanto era espécie abrigada na serra  
desceu ou subiu, no caso das aladas, milhares de animais  
fugindo do fogo. Sabiam que os entornos do Rio das An-  
tas, da serra ao Rio Paraná, iam virar cinzas. O Anhan-  
gá ia levar o destino ao coronel e aos homens. Os bichos  
iam tratar de se salvar. Entre o estouro, só não se viu a  
onça, e talvez só por isso o povo não tenha iniciado a fuga  
logo de uma vez. Não que alguém tenha feito mira, como  
o coronel tinha ordenado, só continuavam espantados e  
paralisados.

Quem salvou eles foi a dona Brasina, que descia  
a serra na rabeira dos bichos: “Fujam! O Anhangá vai  
queimar toda a serra e o campo!”. O povo correu. Bichos  
e gentes numa coisa só fugindo da fúria libertada pelo  
Anhangá.

Os peões voltaram das missões, alarmados pelo  
fogo. O plano de dona Brasina tinha funcionado. Não ti-  
nha como nenhum deles ter chegado ao destino, execu-  
tado as maldades e voltado tão depressa. Gritaram: “Que  
é que ouvi?”.

“O Anhangá vai queimar tudo!”

“E o coronel? E o coronel, seus safados?”

“Tá lá em cima.”

Não pensaram duas vezes. Correram na direção do  
fogo que já alcançava os pés da serra e se atiraram às cha-  
mas. Não queriam imaginar o coronel sobrevivendo e se  
vingando deles pelo desastre. Como o fantasma do Cateto  
Bento, temiam menos o Inferno e o Diabo que o coronel  
Mancoso Machado.

A debandada não percebeu o sacrifício dos peões. O fogo tinha tocado o campo e corria faminto pra engolir Tapiribi. Ninguém queria ser parte do churrasco. Não pensavam em nada que não fosse fugir do incêndio, tanto bichos quanto gente. As gentes, como lhes é comum, lembravam de acordar vizinhos, reunir bens preciosos, economias, recordação, salvar o que conseguissem da cidade em rotas de fim. Apesar de uns ainda acreditarem se tratar de juízo final divino, não tinha um disposto a pagar pra ver e no futuro se encontrar desamparado, fosse de bens ou memórias. Tanto que quando seu Matezeu, caalejado em fugas, disse “Todo mundo que tem canoa carga pra beira do rio. Quem não tem, traz barris, madeiras que boiem, qualquer coisa! Deus esqueceu de avisar pra fazer arca, mas também não é dilúvio, então a gente dá nossos pulos”, todo mundo concordou e já correu pra cumprir o dito. Era a segunda vez que mandavam que reunissem algo prum fim. Agora tinham motivos pra escapar do próprio.

O fogo era ligeiro. As pernas fugindo dele foram mais. Chegaram à cidade e se dividiram: uns saíram gritando e batendo em portas pelas ruas, “Fogo! Fogo! Todo mundo acorda pra gente se salvar do fogo! Tamos fundando porto na beira do rio, quem tem canoa traz junto!”, pra acordar uns que souberam se esconder das ordens do coronel, enquanto outros se encarregaram de buscar canoas próprias ou improvisadas. A velhice se retirou dos velhos por aquela noite. Rugas se fizeram em músculos renovados. Último grito dos corpos pela continuidade das vidas. Tapiribi se agitou feito formigueiro. O povaréu indo pra lá e pra cá ao som dos rugidos do inferno avançando.

Braços com um pouco mais de juventude e muito de servidão dos moradores da Vila Palmares se uniram ao carregamento de canoas e não demorou pra que os barcos estivessem cheios. Não sabiam se toda a população estava embarcada, não havia tempo pra chamadas. Cada um conferia seus parentes e amigos e confiava nas passadas de olho dos demais. Zarparam Rio das Antas abaixo quando o fogo mordeu as primeiras casas. O povo de Tapiribi era agora refugiado.

### 35.

A chuva de estrelas terminou de cair nos campos ardentes de Tapiribi e o Homem Velho se levantou. O céu tava órfão duma constelação. O que diriam os deuses? “Que venham me punir. Não perco a mulher que me amou”, urrava o Homem Velho, usando o cajado pra avançar no rumo do casebre secreto, brilhando forte como o fogo que o cercava, atiçado pelo sangue escorrendo do toco da perna.

Tudo ia se tomando por fumaça. O fogo sabe fazer três coisas: aquecer, matar e fumaça. Cada uma delas tem seus desdobramentos. O da fumaça é também matar, deixar cheiros e cobrir o mundo pra que não o vejam. O Homem Velho não podia ser morto pela fumaça ou ser impregnado pelos cheiros fortes. Mas já não podia distinguir ruas, casas ou nada. O incêndio que ardia Tapiribi e os campos ao redor escondia seus feitos. A fumaça dum cinza alaranjado ditava a visão, escondendo e enganando. Se você caminhasse pelas ruas da Vila Palmares, como Tuya fazia, e não fosse morto pela fumaça, ia ver os vultos das casas se levantando de repente, só ao

já estar bem perto delas. Talvez se assustasse. Com certeza ia se perder. Seria impossível pra você encontrar o casebre de segredos na borda do campo onde o Homem Velho e a duquesa do Ivaí se amavam. Pro Homem Velho não era. Sabia aonde ia. Aos seus olhos feitos das mais longínquas estrelas, a duquesa ardia feito supernova. Era ele feito duma constelação que tanto inspirou sonhos e mitos, mas pra ele o que existia de celeste era Cascatina da Cruz do Ivaí, sua duquesa e seu amor. Lá do céu era assim que a achava. Estivesse ela no outro canto da expansão universal e Tuya a veria. O brilho da duquesa aos olhos do Homem Velho viajava pelo tempo e espaço sem obedecer às regras impostas um ao outro. Era impossível de perder ela. Por isso o Homem Velho avançava sem receios, apoiado em seu cajado, pela fumaça densa e escura. Em seu destino brilhava a mais intensa luz do universo.

Chegou ao casebre e pela primeira vez viu o brilho da duquesa vacilar, “É assim que vão me punir?”, gritou aos deuses, “Já não basta o que me houve na vida antes de ser constelação? O quê? Pensam que me deram prêmio? Nunca vou fazer desfeita, foi por ser o que me tornei que conheci a Cascatina, mas não venham me falar de recompensa! O dom por ser trocado pelo próprio irmão e sofrer assassinato pela mulher que amei é subir aos céus e me tornar testemunha da vida que continuaram juntos? Ele, em cujas veias corria o mesmo sangue que me escorreu, que escorre até hoje, com quem cresci e com quem cacei, e ela, a quem entreguei todo o sangue que me punha em pé, ambos felizes, tantas vezes consumando o amor sob os meus olhos, sob meus olhos

estelares que tudo viam, sem saber das minhas lágrimas! E eu os vi morrendo, deuses, fui testemunha do findar dos seus corpos, tão doce clemência do tempo a mim para sempre negada. Pois vi tantos outros amantes, tantas outras tragédias. E quando enfim encontro alguém que brilha aos meus olhos como brilho ao mundo e decido descer à Terra em seu nome, devo testemunhar sua morte? Mais uma vez: não perco a mulher que me amou!”.

Mancou até o casebre de segredos. O interior era só fumaça. O incêndio do Anhangá mandava a fumaça como mensageira e deixava as cinzas como testemunhas. O fogo vinha vindo. O Homem Velho conseguia escutar os estalos do mundo cedendo à inclemência das labaredas. Mas a mensageira era também a parcela de clemência que não faltava ao Diabo Branco. Dizia que fugissem ou deitassem, ela cuidaria das coisas antes que viesse o fogo, “É só deitar e inspirar bem fundo. Vai ficar tudo bem”, prometia aos que não corriam, e lembre que Tapiribi era cidade de velhos. Nem todos tiveram aquele resto de centelha pra buscar os botes no rio.

“Cascatina?”, chamou Tuva.

A duquesa do Ivaí chorava na cama. E tossia na cama. A fumaça a envolvia com o fim pacífico que não vinha, “Mas vai vir! A tosse é como numa gripe. É que os pulmões são bobos, não querem parar o trabalho deles, por isso tosse. Ouça o teu coração e deixe que eu te ajude”, garantia a fumaça.

“Cascatina”, sussurrou o Homem Velho, largando o cajado e se sentando ao lado da duquesa, “Você precisa sair daqui.”

“Sair?”, tossiu, “Fugir? É só o que fiz. Fugir, fugir, fugir. Só sei correr da vida”, os olhos lacrimosos estavam bem fechados, apertados contra a fumaça, “Com medo de fantasmas. Eles vêm à noite e nos dizem maldades, mas maldades verdadeiras quando você escuta pra além das mentiras. Queria não ver! Achei sempre que medo a gente tinha que ter dos vivos, mas como são maus os mortos! Me veio um me assombrar pra me fazer entender que nunca fui livre. Fui objeto pro meu pai e objeto pro meu marido. Minha coragem é escudo, mas por trás dela tinha uma covarde, uma fujona. Achei um casebre de segredos, de segredos! Que liberdade é essa feita às escondidas?”

“Já não precisa mais se esconder, Cascatina”, sussurrou o Homem Velho em cima das tosses da duquesa, “Eu vim pra te buscar.”

“O príncipe encantado! Veio resgatar a pobre duquesa dos fantasmas e das chamas”, tossiu uma risada, “Pois me nego! Não vou deixar. Já tive homem demais ditando minha vida. O rei me passou ao dragão só pro príncipe me salvar? Que bela palhaçada! Na minha morte mando eu.”

O Homem Velho não tinha como responder. A perna sangrava. O coração mais ainda.

“Não tô aqui pra te salvar. Tô aqui pra me salvar. Cansei da eternidade em amargura e solidão. Nunca quis te prender, Cascatina, só queria viver o que encontramos em nossas trilhas confusas e perdidas. Não foi minha escolha ser morto ou ser feito constelação. Achei que podia me permitir a clemência e a bênção que foi escolher te amar.”

Já não tinha mais tosse nem choro. Só silêncio enquanto a fumaça se afastava pro trabalho do fogo.

### 36.

A serra ardia. De longe, julgariam que havia vulcão novo na América do Sul, “E tão longe dos Andes! Ê, mundo virado”. De perto, com o campo no entorno se consumindo, parecia a erupção ancestral que deu origem à terra roxa daquelas bandas, um mundo velho consumido prum novo nascer. Agora de dentro do incêndio, enfurnado na serra de chamas, a impressão que se tinha era a de caminhar pelo inferno, “Obra do Diabo Branco”, dizia o coronel ao Bugre. Os dois avançavam entre gramas e samambaias que agora eram cinzas. As árvores eram troncos negros e galhos pontudos flamejantes com folhas feitas de fogo. O ar, antes povoado por mosquitos e umidade, agora se empestava pela fumaça que cegava. Tossir nenhum dos dois tossia. Ou diminuía o passo. O Bugre ia farejando, separando da fumaça o rastro que buscava. O coronel Mancoso Machado ia com a espingarda engatilhada, pronto pra fazer mira ao primeiro latido do cão. Que veio. O cachorro estacou e latiu prum interior de labaredas. O coronel também parou e levantou a espingarda, mirando sem saber pro quê. Não achou que fosse o Anhangá. Mas pensou que sim ao ver saltar do fogaréu uma enormidade de criatura em chamas.

Era o tapir. O último da espécie em Tapiribi. Não debandara como os outros animais, que o fizeram por ordem do Anhangá. Alegou ser velho, ser veterano de guerra, e aos velhos ninguém impunha a vida, “Que a minha cata eu já tive. Fico por vingança, fico por resistência”. Não temeu chamas. Não ia temer espingarda. Avançou destemido contra o coronel. O Bugre não atacou, espantado com o

animal incendiado. Só que Mancoso se recuperou do susto e começou a atirar. O seu tapir tava certo em lembrar do jovem Mancoso como atirador medíocre, mas estavam certos também os outros bichos ao alegar que o tempo lhe concedera lições. As balas se fundiram ao fogo que lhe assava a carne. Não sentia dor. Não se importava. A vida sim. Tombou bem perto do coronel, estirado às botas do homem. Tombou a última anta da região.

“Não achava que ainda tinha anta!”, falou o coronel, “O maldito Diabo Branco tava escondendo tudo mesmo.”

O Bugre farejou antes que a mancha saltasse sobre o coronel. A onça tava espreitando os dois tinha tempo. Era outra que decidiu ficar, sem explicação maior que “Um dia da caça, outro do caçador”. Todos entenderam. Não se importava com o fogo, a onça. Não tinha se incendiado como a anta, conhecia meios de se esgueirar até das chamas, mas evitara o calor menos do que poderia. Tinha chamuscado pedaços de pelo. Foi um chumaço lambido por fogo mais travesso que avisou o Bugre. Foi o latido do cachorro no momento do salto do jaguar que alertou o coronel, ele que se virou e subiu o braço ao rosto. A onça abocanhou aquele braço, quando a mira era a garganta.

Fera e homem caíram no chão na batalha travada por milênios: presas se afundando em carne buscando sangue, o fim da vida de um pra continuidade da vida do outro, “Não no meu caso. Eu vou morrer”, pensava a onça, saboreando com gosto o sangue do coronel Mancoso Machado. Tinha escapado de muita emboscada da gente daquele sangue e de quem o obedecia. Como toda pintada, sabia que era rainha da selva só até os homens fazerem mira. Praquele povo era troféu, não majestade. Derrubá-la

era glória, não carne, como era com a morte de um veado ou tapir. E os tipos do coronel, bem alimentados, preferem sempre a glória, “Pois a glória agora é toda minha!”, rugia a onça-pintada com gosto.

A fidelidade do Bugre era tamanha que nem refletiu sua loucura. Avançou contra a onça e lançou seu peso sobre o felino, derramando-a pra longe do coronel. Filas são cães enormes, bestas como uns Cérberos de uma cabeça só. Foram moldados pra caçar onças no tempo em que havia tantas. Mas as caçadas eram sempre em matilhas de cães e homens. Que chance tinha o Bugre contra aquele ser? Aquele jaguar que até caiu no susto, mas caiu em pé, e já se retesava todo, cercando o cachorro, paralisado e rosnando. O rosnado da onça era o selvagem. Nascia das entranhas. Vinha vindo do fundo e saltando da goela pra paralisar o mundo. Os olhos eram enormes, furiosos, queimavam mais que a floresta, presos no Bugre. As garras expostas e as presas à mostra prometiam mais prendimentos. O cão entendeu que diante do jaguar ele era a presa.

“Pega, Bugre! Pega!”, ordenou o coronel, cambaleando pra levantar.

A domesticação berrou mais alto que o medo. O cão arreganhou a bocarra e avançou contra a onça. Surpresa, revidou com um tapa de garras bem abertas que lançou o Bugre longe. Mas o cão se levantou e atacou mais uma vez, saltando pra cima da oponente e prendendo a boca em algum lugar. A onça rugiu e retalhou com as garras qualquer pedaço do cachorro. Ele não parava. Quanto mais unhadas levava, mais latia, babava e investia contra o jaguar. Os olhos eram loucos. Mas de uma loucura devota às ordens humanas. A onça decidiu ser tempo de acabar

com aquilo pra depois se fartar do coronel. Uma bocada no crânio ou pescoço do cachorro e a luta estava liquidada. Mas foi o crânio da onça que explodiu com o tiro do coronel Mancoso Machado.

“Teu couro agora é meu tapete novo”, cuspiu, com a espingarda apoiada no braço todo mastigado.

O Bugre olhou o cadáver do jaguar e se sentiu orgulhoso. Tinha feito a parte dele. Tava todo retalhado, mancava, escorria sangue de cada veia aberta, mas cumpria com o juramento ancestral dos cães aos senhores humanos: obediência.

“Vem, meu Bugre. Venha aqui”, chamou o coronel, tão orgulhoso quanto o próprio cão. Era amigo do bicho toda uma vida, mas essas coisas só se provavam na eminência da morte, “Bicho mais corajoso”.

O Bugre abanou a cauda devagar. A cara era de quem sorria, faceiro. As orelhas estavam postas pra trás. Iniciou marcha difícil pra receber os agradados do dono, se equilibrando em cima dos machucados. Tava encharcado de sangue, mais parecia um bife mal passado. Mas que bife alegre ele era!

O Anhangá saltou da mata e do fogo em frente ao Bugre. A forma era a do veado, com a galhada de mil pontas. O pelo branco refletia as chamas enquanto os olhos eram o próprio incêndio, selvagem e faminto. Estava de costas para o coronel, que fez mira só pra ver toda munição falhar. O cachorro latiu, rosnou, avançou, mas mesmo sua domesticação entendia estar na presença de poderes muito mais antigos que a coleira. Muito maiores. Mirou fundo nos olhos flamejantes do Anhangá. Não queria, tinha medo, mas não havia meios de resistência. O Anhan-

gá mudou. Não era mais o veado e sim um cão selvagem, senhor das pradarias e alfa de matilhas. Rosnava para o Bugre sem precisar latir de volta. O Bugre entendeu o que a coleira tirou dele. Enxergou a selvageria negada. Não resistiu. Morreu de desgosto.

“Diabo Branco! Vai pagar por mais essa desfeita”, urrou o coronel, puxando o facão, “Teus truques não vão funcionar comigo.”

Ao se voltar pra mirar o inimigo, o Anhangá era mais uma vez o veado com a galhada de mil pontas. Só olhou pro homem, recebendo em troca ódio e fúria. O coronel ofegava, tossia e chorava. Se qualquer um que o conhecesse o visse, diria que não era choro, era irritação pela fumaça. Mas eram lágrimas de verdade, enfim. Vertiam do fundo da alma, “Por que você me persegue?”, falou entre tosses e soluços, “Por que nunca me deixou em paz? Sempre rondando, investindo das maneiras mais vis e baixas, dignas do diabo que é. Ser perverso!”

O veado deu lugar à forma que pegara desgosto, de um homem alto, de face dura, branco como a lua. Os olhos ainda eram duas fogueiras. Caminhou na direção do coronel Mancoso Machado, que ergueu o facão, ainda mais furioso. As lágrimas escorriam e melecavam a cara, se empapando com sangue e com as cinzas da mata que ardia. O Anhangá não vacilou diante do golpe que caiu pesado para findar sua existência. Foi o coronel que gritou, com o facão afundando no ombro.

“Não entendo”, choramingou, entregue à derrota.

Entendia sim. O Anhangá o envolveu nos braços e o fogo selvagem os consumiu.



# TERCEIRA PARTE

### 37.

“Vim recolher minhas coisas, Maria”, disse João Bracatinga pra esposa ensopada de lágrimas enrolada no pala. O coração acelerou ao vislumbre da nudez recolhida ao poncho. Funcionava sempre com urgências de beijos ao ver a mulher, pouco atento às decisões da cabeça. O coração pensa por outras veias.

“Não vai me escutar, João?”

“Que é que há que dizer? Que é que há pra ouvir?”

“Você não passou o dia todo ouvindo os outros, João? O dia inteiro rodando pra cima e pra baixo escutando tudo quanto é gente? E ouvindo tuas próprias mágoas e ouvindo um fantasma que te perseguiu pra todo canto cheio das assombrações dele, João?”

“Como é que tu pode saber?”, perguntou João Bracatinga.

“Sou tua mulher, eu sei.”

“Quem é que não te sabe mais sou eu, Maria.

João Bracatinga sentou na beirada da cama dos dois. Das paredes o São Jorge, o dragão e o Cristo crucificado olhavam atentos pra eles, acompanhados pelo semblante doído de Nossa Senhora e o filho na cômoda. Queriam saber das decisões que seriam tomadas, pois se os santos e deuses conhecem o destino das gentes, o mesmo não parece ser pras gravuras e estátuas divinas. As velas cheirosas queimavam seus perfumes, enchendo o quarto de luzes e também com sombras, elas que habitam os mesmos lugares. Se Maria, João e as divindades espiassem lá fora iam ver outras luzes e sombras, as chamas sopradas pelo Anhangá consumindo Tapiribi e avançando no rumo

deles. Mas o que é que importava pra eles o mundo antes que resolvessem os assuntos domésticos? O mundo lá fora ia se cobrindo de fumaça e cinzas.

“Pois deixe que eu me conte, João.”

A passrada no bolso de João Bracatinga se aquietou um pouco pra ouvir. Ele não disse que sim nem que não. A cara braba mirava o vazio duma vela que tinha apagado.

“A ossada que você encontrou lá é do meu antigo marido, Cateto Bento, como já te disse e como sei que ele ficou repetindo no teu ouvido na forma de fantasma”, falou Maria dos Ipês, “Fui eu que matei ele, verdade. Às vezes a gente faz dessas coisas sem nem pensar direito, só com as emoções do momento. O quê? Ele te disse que fiquei planejando, que fiquei imaginando jeitos de cometer o crime? Mentiroso! Tá certo que o ódio por ele eu fui curtindo aos pouquinhos, deixando que os destratos dele alimentassem a raiva. Que ficasse gorda, eu não me importava. Amar é que eu nunca amei. O miserável nem dava chance disso acontecer. O casamento? Então ele não te disse que foi arranjado? Foi forçado, João. O coronel deu sumiço nos meus pais, sei que foi ele mesmo com polícia nenhuma admitindo, e me deu de presente junto com essa terrinha pro peão dele. Não acho que mulher nenhuma da peonada tenha casado por estar amasiada, embora também nunca se saiba. O que acho é que todas serviram de prêmio, posição antiga das mulheres história afora pra se meterem os machos adentro.”

“Pra mim nunca foi assim”, resmungou o João.

“Claro que não, João. Nem todo homem é bicho ruim, mesmo que tenha tanto que até confunde a gente. E não tire o meu direito de falar dos teus como se

fossem uns poucos, e se faço é por precaução. Mas você sempre foi bom.”

“E tu me escondeu as coisas.”

“Por medo. Por não querer que um fantasma do passado viesse assombrar a felicidade que nunca tive antes na vida. Não, João, eu nunca nem pensei em te contar. Eu matei o Cateto Bento, enterrei ele lá onde você achou e disse pra todo mundo que ele sumiu, que nunca mais apareceu. O povo acreditou. O coronel acho que tinha mais coisa pra fazer, nunca veio aqui me cobrar satisfação nem nada. Fiquei com a terra dos meus pais, dos meus pais, João!, sem aquele traste me pesando a vida. Era tudo o que eu queria. Liberdade. Naquela hora que peguei o machado e afundei na cabeça dele eu nem pensava em amor, alegria, nada disso não. Só queria ficar livre dos gritos, dos xingos, das surras, daquele homem que impuseram à minha vida.”

“Surras?”

“Surras. O Cateto Bento me batia quando chegava do bar. Talvez tivesse brigado e apanhado, daí queria descontar em mim. Ou ganhado a briga e, pra comemorar, queria surrar mais. Ou só queria bater em alguma coisa mesmo, e o que é que é mais fácil de bater que na esposa? Sei lá como funciona a cabeça dos homens. Tem tanto que bate na esposa que eu sei. Quantas que não apanham quietas pra depois lamentar com outras mulheres, nem que seja pra Nossa Senhora, perguntando por que é que elas têm que aguentar uma coisa daquelas? Por que é que só não vão embora? Talvez tenham entendido errado o caso da própria Nossa Senhora, ela que um bando de homem santificou por sofredora. Tal-

vez pensem que o punho do marido nem é dor tão grande quanto às que a Virgem aguentou, e tudo quanto é padre vive pregando pras mulheres seguirem os exemplos da santa. Talvez não o padre Sumé, que ele sempre foi bom, mas da espécie dele tem poucos, afinal são homens, isso acabamos de discutir. Ou não vão embora pelo mesmo motivo que eu demorei tanto pra virar leñhadora de cabeças: medo. Os homens também ensinaram o medo direitinho pra gente, e acho que somos boas alunas, viu? Sorte que nem todas. Ou porque amam. O amor faz as mulheres aguentarem tanto desaforo, João, você nem imagina. Porque o amor é tonto às vezes, ele cega não os olhos mas a própria alma. Faz parecer que as surras são passageiras, parte do fardo que precisamos carregar, provação pra merecer o amor do outro. Acho que voltamos à Nossa Senhora e à imagem que os padres esculpíram dela”, dizia a Maria dos Ipês, ainda envolta no pala do marido, “Naquela noite ele chegou bêbado de novo. Eu já tinha aprendido a sentir o bafo de cachaça lá da entrada. Era pra dar tempo de me esconder. Não que eu me escondesse sempre. Só se ele estivesse tão bêbado que não fosse me querer na cama, pois se a embriaguez fosse pouca, depois de me bater ainda me usava. Afinal, fazia tempo que me cobrava filho. E se não me achava esperando por ele eu apanhava mais. Não me olhe assim, João. Agora você precisa ouvir. Naquela noite eu disse que não ia me esconder, nem apanhar, nem ir pra cama. Tava no banheiro com o meu cabide, e não faça essa cara, João, tinha sim um cabide e eu tava usando ele mais uma vez pois não ia entregar ao mundo cria daquele sujeito. Não ia entregar cria nenhuma nunca, que esse mundo

é só sofrimento. Ia dizer não. Eu não tinha pensado em pegar o machado ainda, nem nada parecido. Só tinha dito pra mim que ia dizer não e fazer o não valer. Ele chegou com bafo de pinga. É, João, você já chegou do mesmo jeito um monte de vezes, só que era diferente. Quando você chegava com a goela queimando era todo lacrimoso, esses teus olhos me mirando brilhantes, perguntando se eu não te acompanhava só em mais uma cachacinha, um vinhozinho, e lá ia eu alegre pegar pra gente beber junto e rir, xingar e chorar. Pra que beber se não fosse pra ser assim, né? Mas o Cateto bebia pra esquecer, e, como não conseguia esquecer tudo que queria, vinha pra cima de mim. Naquela noite também foi assim. Chegou batendo as coisas, derrubando outras, berrando que aquilo não era hora de mulher dele estar acordada quando me achou no banheiro, mas já que estava, era pra ir logo pra cama que ele tava com vontade e que, ainda por cima, a gente ia ter que acordar cedo pra sair dali, que Tapiribi tinha ficado perigosa. Só depois fiquei sabendo do caso do cavalo. Respondi que não. Que nem uma coisa nem outra. Que se quisesse se aliviar, podia bater punheta, e se queria fugir, que o diabo o carregasse. Ele me mandou pro inferno e que eu me apressasse ou ia me ensinar a retrucar. Eu disse que não de novo. Estavam vermelhos os olhos daquele homem e ficaram ainda mais vermelhos quando perceberam o cabide na minha mão. Acho que ali ele entendeu tudo. Veio pra cima de mim, louco pra me matar, decerto, me acusando de matadora dos filhos dele, de bruxa, de demônia. Corri dali. Ele veio atrás. Catei o machado na cozinha e meti na cabeça do infeliz. Não é não, João. Ele que aprendesse.”

Ficaram quietos os dois. Maria dos Ipês se alojava mais e mais no pala, mesmo com umas nudezas soltas, só pra velas colorirem e quem sabe o João ver. O João Bracatinga ainda mirava a vela apagada, com medo de olhar pras acesas e deixar que a luz guiasse ele pra pintura que era a mulher ali na cadeira à mão de um afastar de pala. Tinha tomado decisão. O dia todo naquele vagar por Tapiribi tinha feito ele decidir o que ia fazer. Achava que nem a história da mulher, história que ele acreditava sim ser verdadeira, ia mudar as ideias dele. Mas olhar tempo demais praquele corpo que ele amava podia mudar sim. A questão nova que o assombrava agora era o cabide.

“Tu ainda tem esse cabide?”, perguntou.

“Eu tenho, João”

“Eu tô cansado de assombração, Maria”, falou, sem ousar perguntar mais, sabendo que a resposta tinha todo jeito de machucar o coração e já não aguentava mais tantos segredos desenterrados.

“Pois esqueça esse Cateto. Deixa ele lá enterrado, já te falei. A gente esquece isso. Eu matei ele foi pra me defender. Você não ia condenar um amigo que puxou a adaga prum rival, ia? Por que então é tão difícil perdoar quando quem puxou a adaga fui eu?”

“Tu nunca me disse, nunca me falou. Tinha lá o esqueleto enterrado pronto pra virar fantasma e vir me assombrar. E com amigo meu eu não durmo, Maria.”

“Acha que eu não tinha medo que ele viesse me assombrar?”

“Só que ele nem foi o único”, não ia conseguir escapar do cabide, “Tinha o piá também, subindo as goiaberas dele, nadando nos rios, o piá que eu queria.”

“E acha que o piá não me vinha assombrar também?”, perguntou Maria, um caroço na goela, “Veio sempre. Acha que você era o único perseguido por espíritos então? Quantas vezes aqui sozinha fazendo minhas coisas não tive que desviar os olhos do piá correndo, adotando cachorro, vindo ouvir eu ler pra ele, chorar as coisas que os filhos homens não ousam chorar pros pais? E eu me sentia tão sozinha quando ele vinha, com medo que você visse ele, entendesse a impossibilidade, recolhesse teu pala e fosse embora daqui. Não que eu dependesse de você, João. Passei um monte de tempo sozinha depois de me livrar do Cateto e minha vida era bem boa. Só que dependia. É que você me ensinou o amor e depois que a gente aprende se enche de medo de desaprender. E eu sabia que você queria o piá igual eu já quis, e achava que se visse o fantasma dele ia achar outra pra arranjar um.”

“Eu não ia te deixar por causa disso. Se tu tivesse me contado.”

“Mas por um outro fantasma sim?”

“É assombração demais, Maria.”

O peito de João Bracatinga já não aguentava mais. Ter ali o fantasma do piá e do Cateto Bento soprando das coisas deles foi demasiado. Podia ser tudo coisa de assombração, sem lastro na verdade, só que doía. O mundo é feito de duas matérias: do que nos rodeia e do que nos preenche. As prisões que o Anhangá discursou pro Oriço e pra Sara são feitas da segunda substância. O machado que abriu a cabeça do Cateto era feito da primeira, o ódio que o moveu da segunda. Só o ódio não ia fazer do Cateto fantasma. Foi estar presa ao que a atormentava que fez Maria usar a segunda substância pra mover a primeira.

O mesmo se dava ali com o João. O corpo de Maria era a primeira substância, o mundo em glória com promessas de se abrir pra ele se lhe concedesse um toque. Tava perto, era fácil. Fechasse os olhos e estendesse as mãos que ia suprir os anseios da carne. Só que a segunda substância, preenchendo com histórias pequenas e agora assombrações, o encarcerava. Impedia que desfrutasse da liberdade, mesmo que aquela que o prendia ao amor.

“Me vou embora, Maria.”

“Não vai, João.”

“Já não tem mais jeito.”

“Mas é claro que tem. Você fica, a gente se acerta. Chamamos o padre pra que exorcize o fantasma.”

“Falei com o padre. Me explicou que não funciona por milagre dele.”

“Pois invoco o próprio Deus, João! Ou ser maior, o Anhangá, que conhece a natureza das almas. Ele vai olhar pra nós e ver além do que enxergamos e vai soprar o fogo pra que a gente fique livre”, dizia Maria, “Fica, João. Eu não posso te perder. Fica!”

“Parto esta noite. Só vou ajeitar minhas coisas”, falou e se levantou.

“Deixa que eu preparo o mate então”, falou Maria dos Ipês, se levantando também, Chorava, mas precisava aceitar o destino, mesmo que errado e imposto por um lado só, “A gente toma esse último chimarrão antes de você ir, como fizemos sempre.”

“Não carece”, disse João, evitando olhar a mulher e pondo seus pertences numa trouxa.

Maria dos Ipês quis chorar mais. Queria abrir berreiro. Se enterrar nela mesma e sumir. Só olhou pra ma-

rido. Deixou que os prantos aguardassem enquanto lágrimas silenciosas escorriam pela face. Que fim era aquele em que nem podiam compartilhar uma cuia? O João cistou o saco dele e foi enfiando as coisas: os dois pares de calças, as três camisas, as cuecas, as meias, o outro par de botinas, o casaco, depois a cuia e a bomba herdada do pai. Maria saltou pra dentro da calcinha e depois derramou sobre o corpo um dos seus vestidos leves, ajeitou o cabelo, quis ajudar João, depois quis atrapalhar ele, pra no fim estarem os dois prontos.

“Me vou então, Maria”, disse João, em frente à casa.

“Fica, João.”

“Tu se cuide.”

“O teu pala”, falou Maria, estendendo o pala pro marido.

“Fica com ele.”

“Não. Leva. Pode fazer frio lá pra onde você vai.”

João Bracatinga pegou o pala das mãos da mulher e jogou por cima do corpo. Ia partir do jeito que tinha chegado, só que levando um coração partido e deixando outro pra trás. Tão bobo. Ficasse ali e os dois se empenhavam pra curar. Era o que Maria mais queria lhe dizer, só que já tinha dito. Tava até engasgada. Agora já foi. Tava de mala e cuia, pronto pra partir. As despedidas foram ditas e os fantasmas desenterrados.

“Até”, falou João, no rumo do oeste e do Rio Paraná.

“Deus te acompanhe, João”, falou Maria, com as lágrimas agora mais soltas.

O incêndio do Anhangá consumindo Tapiribi, ainda longe mas avançando, pintou o choro com a cor do fogo. Esses adeuses que prometem a alma em cinzas.

### 38.

O navio de Jonas Bracatinga tava ancorado ali na margem do Rio Paraná, com seu capitão aguardando na proa, “Sabia que tu vinha, guri! Os Bracatinga nasceram ou cabeças-duras ou espertos. Tu puxou foi o meu lado do sangue”.

João Bracatinga achava que não. Mas não disse nada. Aceitou os bem-vindos da tripulação ainda zonzos dos bailões e o abraço firme do tio, embarcando no navio que ia zarpar sem demora, “Pra que esperar a alvorada se nossa escala se baseava na tua chegada? Partimos agora mesmo, navegamos até o sono chegar e amanhã de noite arranjamos um bailão lá pros lados de Corumbá”.

João Bracatinga deixou que o tio bravateasse. Só queria partir logo dali, ir em busca do que procurava antes de se perder nos olhos da Maria dos Ipês. Ia deixar que as navegações o levassem pra longe dos fantasmas, que com eles sabia não poder viver. Chegou-se na amurada do navio, os olhos mirando de onde tinha vindo, a chacinha dos seus amores e desgosto. Mais ao longe, Tapiribi ardia. O fogo agora era maior, mais forte, consumia a serra, a cidade, e corria campo afora. João olhou aquilo espantado. Tinha deixado Maria sem olhar pra trás. Agora que olhava, via o mundo desfeito em chamas.

“Barbaridade”, falou, “Que é que é aquilo?”

“Sabe Deus o que é que esse povo aprontou”, disse Jonas Bracatinga, “Tu que viveu no meio deles é que tinha que me responder. Mas só te digo que não vai sobrar nada pra onde voltar nessas bandas.”

Ali ao lado desembocava o Rio das Antas. Do meio da fumaça que ia se adensando saiu a procissão de canoas da população tapiribense, desterrados. Entre eles, remando seus próprios barcos, os fantasmas.

“Maria”, falou João, num sussurro sem crença.

No bolso, a passarada se agitou e saiu em revoada no rumo do fogo do Anhangá.



Vencedor  
na categoria  
ROMANCE

